

Revista da Semana

Ano XLIV - N.º 44 - Cr\$ 1,50 em todo o Brasil - 30 de Outubro de 1943



AS TORRES DE PRAGA ESTÃO DE PÉ

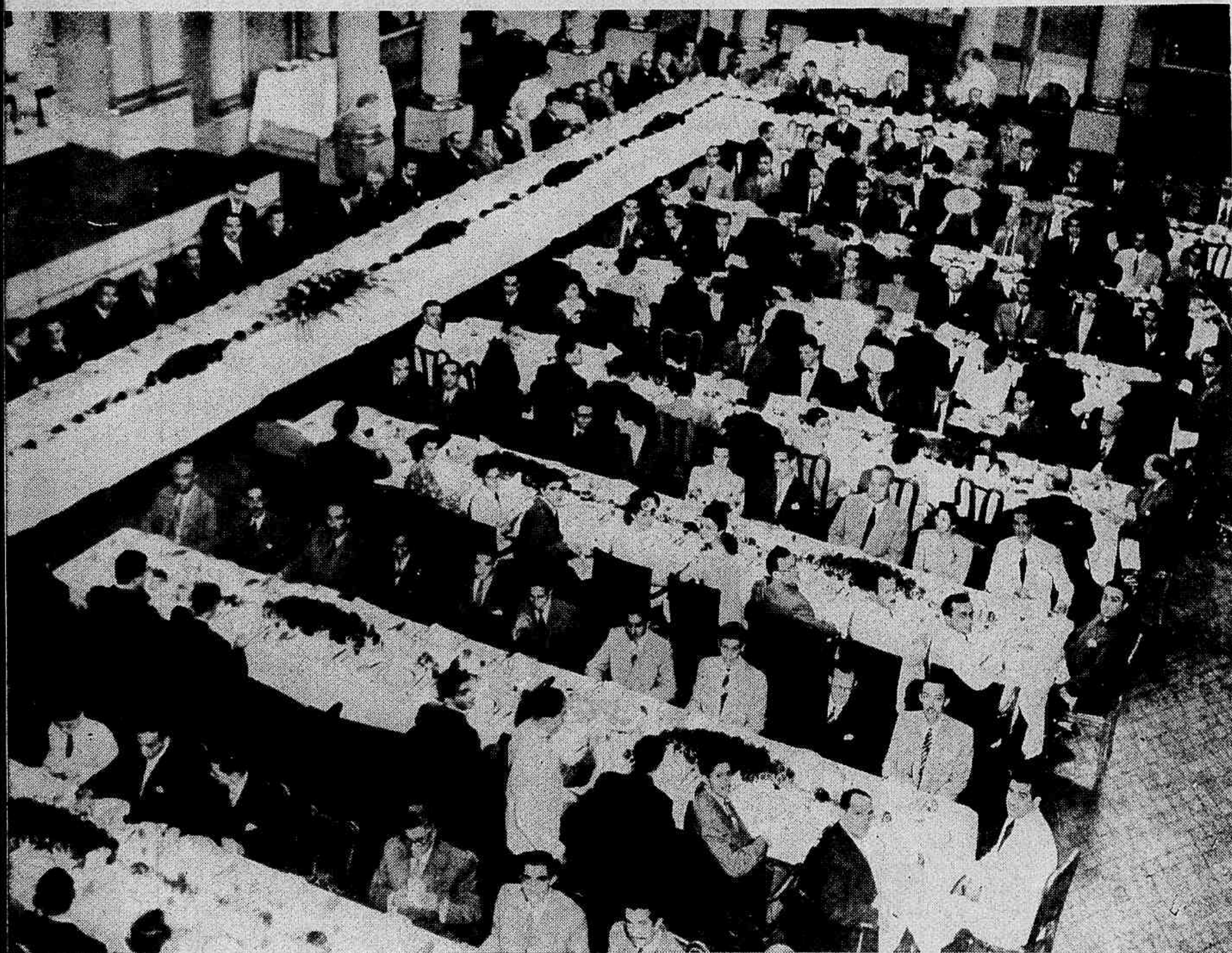


Flagrante do almoço, quando falava o dr. Pamphilo de Carvalho Filho.



Aspecto da assistência à missa gratulatoria realizada na Igreja da Candelaria.

UM DECÊNIO DE BONS SERVIÇOS



Aspecto do almoço realizado nos salões do Automovel Club.

A ALIANÇA DA BAHIA CAPITALIZAÇÃO COMEMOROU O DECIMO ANO DE SUA VITORIOSA EXISTENCIA

O dia 16 do corrente assinalou a passagem de mais um aniversário da Aliança da Bahia Capitalização, que foi comemorado como um acontecimento social de alta significação, dado o elevado prestígio que a grande instituição e seus diretores desfrutam nos meios comerciais, econômicos e financeiros do país.

Além da missa gratulatoria, realizada na Igreja da Candelaria, teve lugar no Automovel Clube um almoço de 200 talheres, ali reunindo, não só o seu numeroso funcionalismo e os seus diretores, mas também diretores de organizações congêneres e destacadas figuras do nosso mundo social, comercial, industrial, econômico e jornalístico.

Tendo à sua frente, no seu posto máximo, a figura inconfundível do sr. Pamphilo d'Utra Freire de Carvalho, que também preside os destinos da Cia. de Seguros Aliança da Bahia, a Aliança da Bahia Capitalização é, hoje, uma organização de excepcional expressão no cenário econômico do país, e quiçá do mundo. Da sua diretoria fazem parte, ainda, os srs. J. V. de Moulliaré, Adeline F. Coelho Junior e Pamphilo de Carvalho Filho, cabendo a este último a honrosa missão de ser o orador oficial do almoço aludido. Discurso vigoroso, partindo de um moço cujo caráter e esplêndida organização comercial se destacaram em princípios de levantado ideal patriótico, a oração do sr. Pamphilo de Carvalho Filho foi um depoimento soberbo da organização que, no seu primeiro decênio reafirmava, eloquentemente a sua determinação de prosseguir no cumprimento do extraordinário programa que se traçara.

Falaram ainda outros oradores, entre os quais o dr. Edmundo Perry, presidente do Departamento Nacional de Seguros Privados e Capitalização, cuja oração foi um esplêndido elogio à organização aniversariante.



SOCIAIS NO CASSINO ATLANTICO — Dois expressivos aspectos de uma das brilhantes "soirées" que o Cassino Atlantico oferece à elite carioca, no ambiente luxuoso e artístico de sua "boite" maravilhosa.



A Casa e o seu destino

De João Luso

High-Life foi primitivamente uma residência senhorial. Não me souberam dizer com certeza como se chamava o dono daquela espécie de solar. Não se tratará de caso rigorosamente histórico... Consta, porém, e com todos os visos de verdade, como dizem os historiadores à mingua de documentação, que era uma família nobre — nobreza do Segundo, do Primeiro Império, talvez mais remota ainda. Sobre a porta de entrada devia salientar-se um brasão. Quem batesse seria atendido por um servo de libré. E, sem dúvida, além dos aposentos habitualmente cerrados, robustas árvores resguardavam a mansão fidalga da indiscrição ou da basbaquice plebéia cá de fóra.

A crônica segura, averiguada começa quando Pascoal Segreto adquiriu o prédio de veneranda dama, ainda titular, baroneza pelo menos. E logo a condição arquitetônica se transformou, como havia de mudar tudo o mais. O excelente empresário visava uma utilidade puramente democrática. Pensava num grande estabelecimento de esportes, divertimentos, atrações. Nada mais descabido que o escudo de armas no frontispício. Mas o frontispício mesmo ia ser alterado. O boníssimo Pascoal tinha sempre vistas largas e altas — e, se nem sempre chegou onde desejava, foi talvez, justamente, por olhar longe ou para cima de mais. Ergueu ao dobro a frontaria; dos aposentos numerosos do primeiro pavimento fez um salão enorme; delineou outros salões de ceia; contratou jardim improvisou um teatro sob as árvores augustas, enfileirou mesas de jogo; contratou garganteios napolitanos, aquelas nos *couplets* sublinhadísimos e na perna ao ar de Montmartre.

Naquele tempo, o samba gosava dum prestígio limitado. Nem se chamava samba, mas sim maxixe e estava circunscrito aos palcos de revista: Rocio e imediações. As damas que compunham o elemento nacional do High-Life cultivavam de preferência a modinha — e quanto mais sentimental, mais triste, melhor. E a assistência, saboreando a espuma e o resto dos chopos, ora se enternecia com a toada evocativa da *Frondosa Mangueira* ora, com a mesma convicção afreguezada, batia os copos fazendo *côro* às coplas da estrela de saias curtas, em tufo, e pernas electrizantes: *Ta...ra...ra... boun, diê! Ta...ra...ra... boun, diê!*

Mas o empreendimento não marchava sempre a passos largos pelo caminho da prosperidade. De quando em quando, claudicava. Outras vezes, parava de todo; e não havia muletas: novidades de cartaz, mudanças de gênero, que o amparassem. Quando a autocracia simpaticava com o High-Life ou se até o frequentava, tudo era festa e boa fortuna; mas, se para a Central vinha um Chefe caseiro, familiar de mais, ou com a mania da intransigência, fechava os salões onde a roleta funcionava, com as suas variantes: lutar bacará estrada de ferro, campista, e a empresa tinha que fechar tudo o mais. Lutar apenas com o teatro e o chope, impossível. Como dizia o adorável Pascoal: a arte, sózinha, não dava.

Depois de muitos altos e baixos, o apogeu, a glória do High-Life tinha que vir do Carnaval. O deus Momo — que ainda não fôra pela erudição especialista rebaixado à condição de rei — estabeleceu ali o seu grande domínio carioca. Os outros bailes do

gênero, os mais famosos, mais puramente tradicionais, sofreram um abandono progressivo, dentro em pouco fatal. A bem dizer, morreram. Ficaram sendo reuniões de sombras, fantasmas do Carnaval. Todos os vassallos verdadeiramente de fibra e de classe afluíram à rua de Santo Amaro. E o rechonchudo, rubicundo, guizalhante filho do Sono e da Noite, recebeu sucessiva ou simultaneamente as homenagens da população em música, dança, champagne, amor e pincelada.

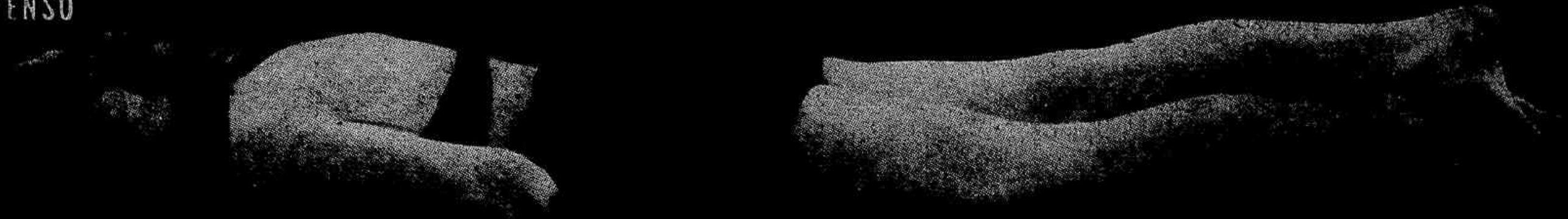
A princípio, multiplicavam-se por aqueles salões, sob o esplendor dos lustres, ou no jardim, em recantos mais ou menos discretos, ao redor de mesas mais ou menos capazes de guardar segredo, os mascarados românticos e impenetráveis. Nem todos ali seriam levados por aventuras de capa e espada, quer dizer: de bengala paterna ou revólver marital, mas os que não corriam tal perigo perfeitamente o simulavam. E por entre aqueles mascarados de amor e de morte andavam os dominós de espírito. Numa noite improvisavam-se mais ditos galantes e mais pilhérias mordazes do que em todo o teatro de Marivaux e todo o anedotário de Piron.

As máscaras foram passando de moda, naturalmente, à medida que os motivos do seu uso se tornavam menos comprometedores ou estranháveis. Os carnavalescos eram os mesmos nas idéias, no caráter, no sentimento — apenas, cada vez precisavam menos de se esconder. Por análogo, se não exatamente o mesmo fenómeno, os indivíduos susceptíveis se foram acalmando e os robustos foram sentindo cada vez menos necessário exercer a sua valentia. Os bailes do High-Life perderam a feição heroica, como haviam perdido a passionnal. Mas ostentações e mistérios, tragédias e hipocrisias, uma sempre possível desordem e uma desgraça iminente — tudo se converteu em alegria. A própria dança passou a servir principalmente ou exclusivamente como expansão jubilosa. Cantemos, remexamo-nos, suportemos o calor, o apertão, o cansaço — porque tudo é regosijo e ventura! Nada de grave ou melancólico nos deverá afligir: nem a evidência social, nem a compostura da pessoa, nem os ciúmes de hoje, nem as dívidas de amanhã... Dansemos, cantemos! Unamos bem os peitos, confundamos as vozes e esqueçamos os corações... Carnaval é alegria e tudo o mais é nada!

Passsei ontem pelo High-Life. Tem agora uma taboleta que não está rigorosamente na fachada. O letrreiro foi desenhado e colorido lá dentro. Diz: "Cantina do Marinheiro Americano." Aquelas paredes abrigam, atualmente os filhos do Tio Sam que veem ter a estas paragens nos navios da Boa Visinhança como nos navios das Nações Unidas. Naquela casa entram oficiais, simples marujos e, às vezes, naufragos também, apanhados em viagem. Passam horas ou dias conforme queiram, precisem ou lhes seja ordenado. Há um vasto refeitório, perto de duzentos leitos para dormir ou apenas repousar; há jornais, revistas, livros, para os que gostem disso. Uma paz, uma ordem perfeitas. Se nalguma parede ainda subsiste uma *pierrelle*, um chapéu clownesco, toda a significação desses painéis está suspensa. Simples reminiscências decorativas. Uma só imagem reina ali dentro, a título constante, nas conversas dos hóspedes, nas suas leituras, nas suas reflexões a sós, no cenário e no espetáculo dos seus sonhos... É a figura que anda diante dos olhos e dentro da alma de todos nós. É a visão sagrada da Vitória.

Relaxe os seus músculos!

TENSO



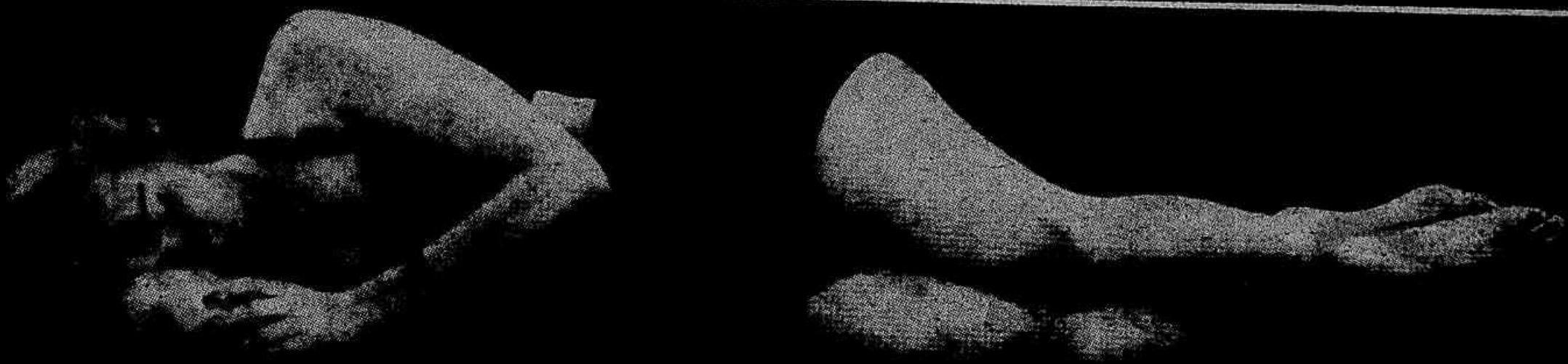
RELAXADO



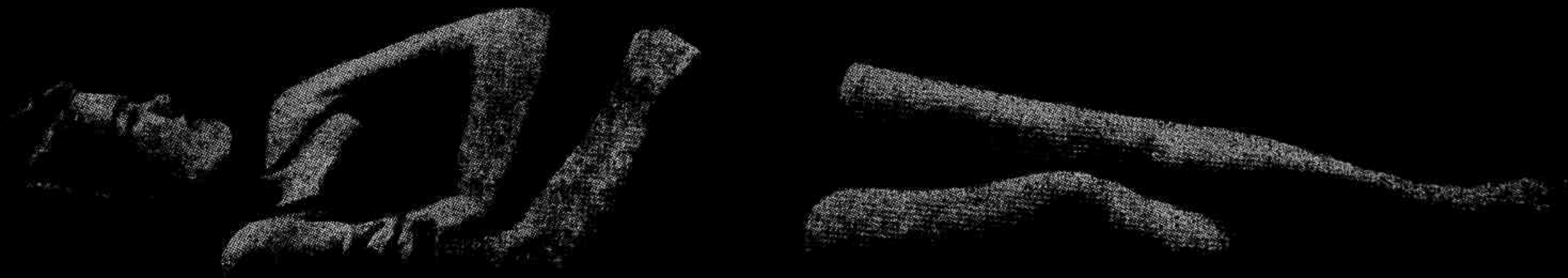
TENSO



RELAXADO



TENSO



RELAXADO



RELAXADO



TENSO





O Dr. Jacobson — especialista de renome em New York, no seu livro — "You must relax" prescreve como fonte de beleza, juventude e, principalmente, de prevenção contra males psíquicos, o relaxamento muscular.

Aponta mesmo a tensão muscular como fator preponderante no nervosismo dos nossos dias, nervosismo esse que enche de doentes os hospitais de psicopatas, em todas as partes do mundo. A distensão deve ser conciente e sub-conciente. Se você pratica-la "concientemente" todos os dias acabará por obtê-la "sub-concientemente" como no caso da pequena que ilustra essas páginas.

Observe os movimentos de suas sobrançelas, a contração de seus de-

dos e de seus pés. Depois cure seu nervosismo pelo método do relaxamento muscular.

Carole Landis, a encantadora lourinha de Hollywood, tranquilamente bonita e inteiramente perfeita, atesta otimamente a eficácia do método do Dr. Edmund Jacobson. E quem quizer que faça o mesmo, não?

A redação da "REVISTA" não publica colaboração que não tenha sido solicitada. E não devolve originais em nenhuma hipótese.

As Crianças!

Dôres no Ventre, Mau Hálito, Língua Suja, Indigestão, Consequências da Prisão de Ventre



As crianças adoecem muito facilmente do estômago e intestinos.

Basta, às vezes, que mastiguem mal a comida ou comam depressa e fora de horas para que tenham indigestão, dôres no ventre, moleza, arrepios, calafrios, tonturas, mau hálito, dôres de cabeça, vontade de vomitar, língua suja e até febre.

Convem dar **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre é um remédio brando e suave, de gosto agradável, que as crianças tomam sempre com prazer.

Ventre-Livre é o remédio indicado para combater a prisão de ventre e suas consequências: mau hálito, língua suja, indigestão, dôres de barriga e outros desarranjos do estômago e intestinos.

Tenha **Ventre-Livre** sempre em casa.

Revista da Semana

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: ... Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Baía: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PAGINAS



Depois da grande guerra começou para a Tchecoslovaquia um período de construção e de trabalho. Os seus filhos devotados inteiramente ao esforço superiormente dirigido no sentido de alcançar a sua soberania e de criar para o país uma situação estável em relação as outras nações da Europa e do mundo, certos de que não fora inútil o sacrifício de milhares de soldados nos campos de luta, e de que o fantasma de um novo conflito de proporções tão trágicas, estava definitivamente afastado, alhearam-na de preocupações políticas atendendo exclusivamente ao ideal de paz e engrandecimento próprio no seio da Europa.

Mas não havia de durar por muito tempo esta época de prosperidade, fruto de um trabalho pacífico e continuado. Em Setembro de 1938, o acordo de Munich deixava a Tchecoslovaquia mutilada e tão perto da inteira do-

minação dos alemães, que pouco depois Winston Churchill afirmava: "Acabou tudo. Silenciosa, enlutada, abandonada, vencida, a Tchecoslovaquia recua para a sombra... Ouso pensar que no futuro o Estado tchecoslovaco não se poderá manter como nação independente". Estas palavras do grande estadista tiveram um cunho profético. As botas nazistas solaparam o solo sagrado de Masaryk. Mas as "Torres de Praga estão de pé", e não tardará muito o dia da merecida redenção da pátria de Jan Hus e Komensky.

Numeros atrasados desta Revista no Pará

Pedir a

ALBANO H. MARTINS & CIA.
Travessa Campos Sales, 85 - Belém

umeros atrasados desta

Revista em Sergipe

PROCURAR A LIVRARIA REGINA

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

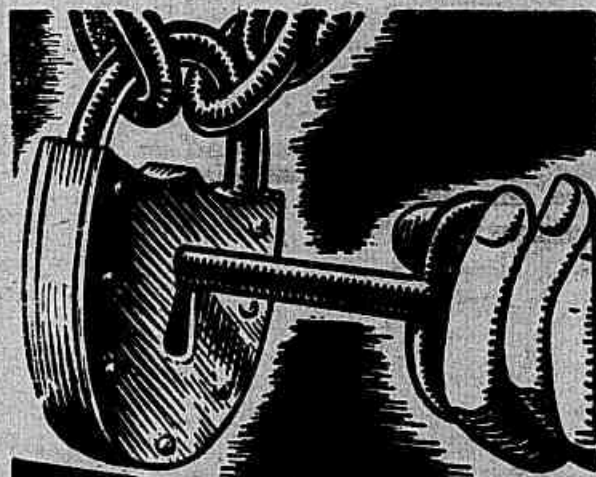
A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pimentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e radiante volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

MOBILIÁRIOS PARA APARTAMENTOS

A Fábrica de Moveis "Lamas" expõe em seu grande mostruário anexo às oficinas, à rua Melo e Souza n.º 100/16 (próximo à estação principal da Leopoldina), inúmeros modelos, especialmente criados para apartamentos e que resolvem o problema de escassez de espaço, sem prejuízo da boa comodidade, executando, ainda sob desenhos e em qualquer estilo ou dimensões, modelos especiais, oferecendo também em alguns casos, facilidade de pagamento. Os moveis "Lamas" são vendidos exclusivamente no mostruário anexo à fábrica.



LAXOLAGAR
GRANADO

COMBATE A
PRISÃO DE VENTRE
E NORMALISA AS
FUNÇÕES DO TUBO
DIGESTIVO



T. T. T. T. T.

NAÇÃO ARMADA

Recebemos o n.º 47 de "Nação Armada", revista civil e militar dedicada a assuntos que se relacionam com a defesa nacional.

É o número correspondente ao mês de Outubro de 1943.

Traz muitos artigos interessantes subscritos por militares e civis.

Dr. José de Albuquerque

Membro da Sociedade de
Sexologia de Paris

DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM

RUA DO ROSARIO, 172 — DE 1 ÀS 7

NUMEROS ATRAZADOS DESTA REVISTA NO RIO GRANDE DO NORTE

Pedir a LUIZ ROMÃO
AV. TAVARES DE LIRA, 48



Azas de balêia, vulgo barbalãas.



Aza do vento indiscreta



"Aza de mósca" protegia molduras douradas e conselheiras...



Aza que "liquida" a sede

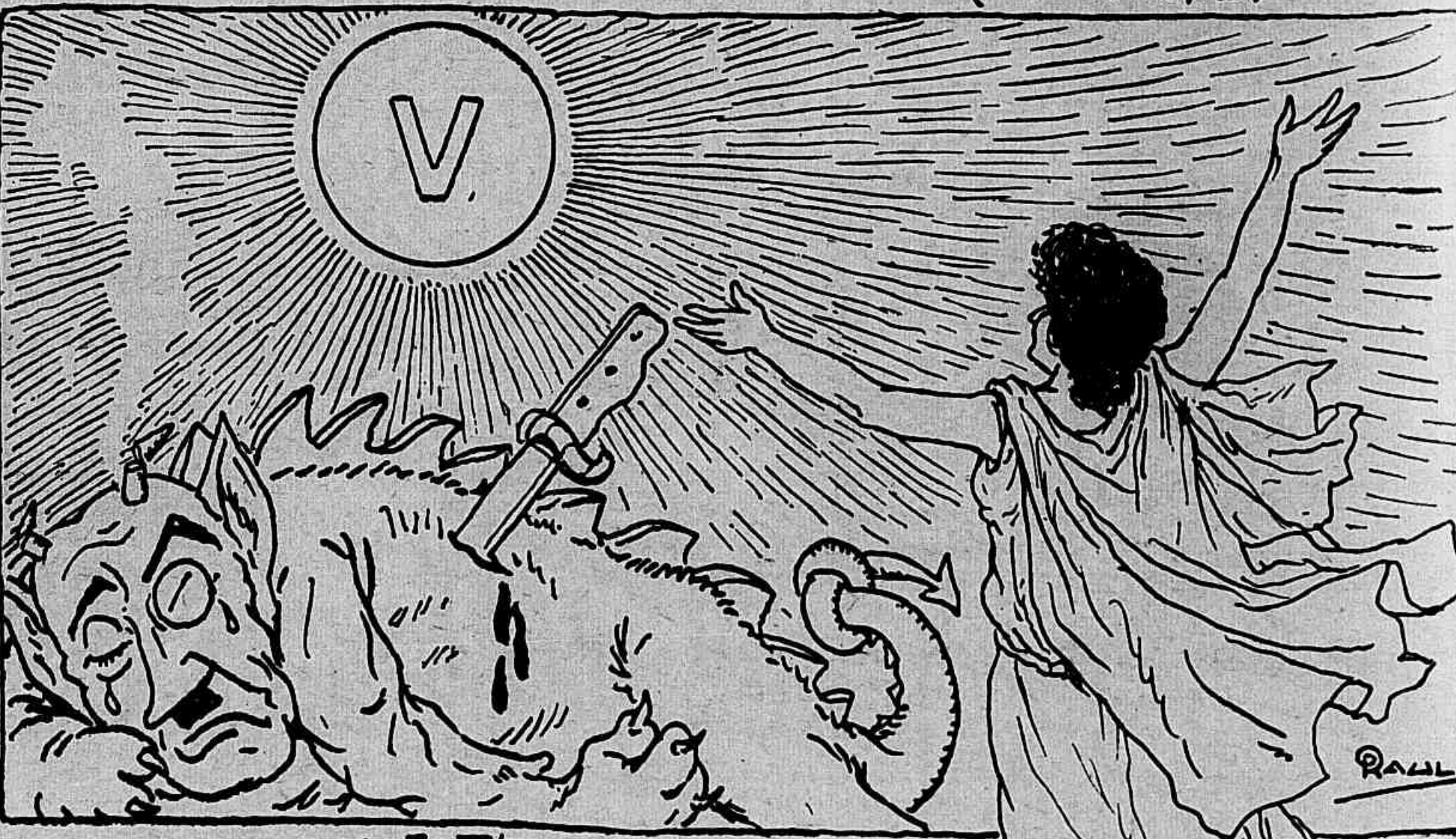


Desazado



Azarados

(Com azas nos pés)



Aza da Vitória!

OS BIRIMBELOS

SKETCH DE MARIO SETTE

Oscar
Celina
Caixeiras



"Ilustração de GOULART".

Ele depois do almoço, fazendo hora para o segundo horário no escritório, passa a vista no jornal da manhã. A esposa, perto, junto à mesa de jantar, costura. Há mormaço e há silêncio. Por fim, ele se levanta, veste o palitô de brim branco e prepara-se para sair.

CELINA — (erguendo a vista para o marido) — Você passa hoje na rua Nova?

OSCAR — E' provável. Tenho de ir ao consultório do dentista. Este queixal está a me doer um bocadinho... Porque?

CELINA — (Hesitante, sorrindo) — Eu queria...

OSCAR — Já sei. Temos encomendas...

CELINA — Meu filho, uma cousa atoa. Ligeirinha mesmo. E' uma falta, e de urgência. Senão, cadê acabar este pano para o seu aniversário?

OSCAR — Você bem sabe a raiva que eu tenho de fazer compras para mulher. São sempre cousas atrapalhadas, difíceis, custosas de achar. Anda-se com uma amostrinha de loja em loja, e nunca se encontra igual. Um martírio! Tenho dito mil vezes que não compro mais nada para você e afinal você com esses pedidos, com uma carinha de santa, e eu caio...

CELINA — Mas, Oscar, desta vez eu garanto, é uma besteira. Dois minutos. Você entra na loja, pede, a caixeira embrulha e pronto.

OSCAR — O melhor era você ir mesma.

CELINA — E eu posso, meu bem? Cheia de trabalhos para o dia 10. Esta toalha, meu vestido, os "beijos" para mesa, tanto que fazer, tanto! Se você não me ajudar um pouquinho! Você fala, fala, porém compra tudo direitinho... me satisfaz sempre.

OSCAR — Temos elogios... Está bem, eu compro. Mas, desde já exijo: me explique tudo o que você quer: Nome, cor, qualidade, preço. Porque não estou para andar correndo o Recife inteiro nem dou para regatear. Ouvia? O que me derem eu trago o que me pedirem eu pago. Não estou para as caixeiras se rirem de mim, como outro dia com aquela fita, cujo nome eu me esqueci.

CELINA — Pois não, meu bem. Preste atenção. E' uma tolice mesmo. Nem precisa explicações — você vá na Sloper...

OSCAR — Logo na Sloper com aquelas moças todas...

CELINA — (brincalhona) Você tem medo de moças? Que sonsol! E não teve medo de mim feio?

OSCAR — Anda com essa história, quero pegar o ônibus que subi.

CELINA — Você entra na Sloper, procura o segundo balcão à esquerda.

OSCAR — Segundo balcão à esquerda...

CELINA — Exatamente... Tão fácil, não é?

OSCAR — Sim... Mas, o que é que eu peço à caixeira?

CELINA — Oxente, Oscar! Que pressal! Você entra na Sloper, e à esquerda, no 2.º balcão...

OSCAR — Sim, já sei... 2.º balcão à esquerda... E peço... (ouvindo o ônibus) Vá, depressa, peço o que?

CELINA — (rápido) — Pede... dois metros...

OSCAR — 2 metros... Vá!!...

CELINA — (mostrando ao marido um pedaço de franja) 2 metros destes berimbelos... Igualzinho, ouviu? Em azul...

OSCAR — (veste o palitô, corre) Dois metros... em azul... (já longe) berimbelos...

CELINA — E', meu filho... Dois metros...

II (Na loja)

OSCAR — (Entra e vai ao segundo balcão à esquerda. A caixeira, uma lourinha, o atende) — A senhora pode me mostrar uns birimbelos? Em azul?

CAIXEIRA — Como, snr.? Birim... o que?

OSCAR — Birimbelos. Em azul.

CAIXEIRA — (com ar de riso) Não sei o que é não...

OSCAR — Não sabe? Pois minha senhora comprou aqui outro dia. Custa até dois mil reis cada metro...

CAIXEIRA — Aqui?

OSCAR — Sim. E hoje precisa mais dois metros para falta. (A caixeira fica pensativa. Oscar, vexado, corado, arrepende-se de haver atendido a encomenda da mulher) — Birimbelos, sim...

CAIXEIRA — (Chamando companheiras) Vocês sabem o que é birimbelos?

AS COLEGAS — Birimbelos? Como é mesmo? Não sei não...

CAIXEIRA — Esse senhor diz que a senhora dele comprou aqui há dias e quer agora mais dois metros para falta. (Risadinhas disfarçadas. Umas freqüências cochicham e riem também).

(Continua na página 46).

A PINTURA EXPOSTA

A liberdade artística que, ao contrário dos países totalitários, sempre prevaleceu na Grã Bretanha veio influenciar de maneira benéfica a pintura britânica. Assim é que ali os artistas encontram um meio propício para o desenvolvimento das suas faculdades criadoras, podendo, sem obstáculos e interferências reacionárias, transplantar livremente para o campo concreto da tela as imagens abstratas do seu subconsciente.

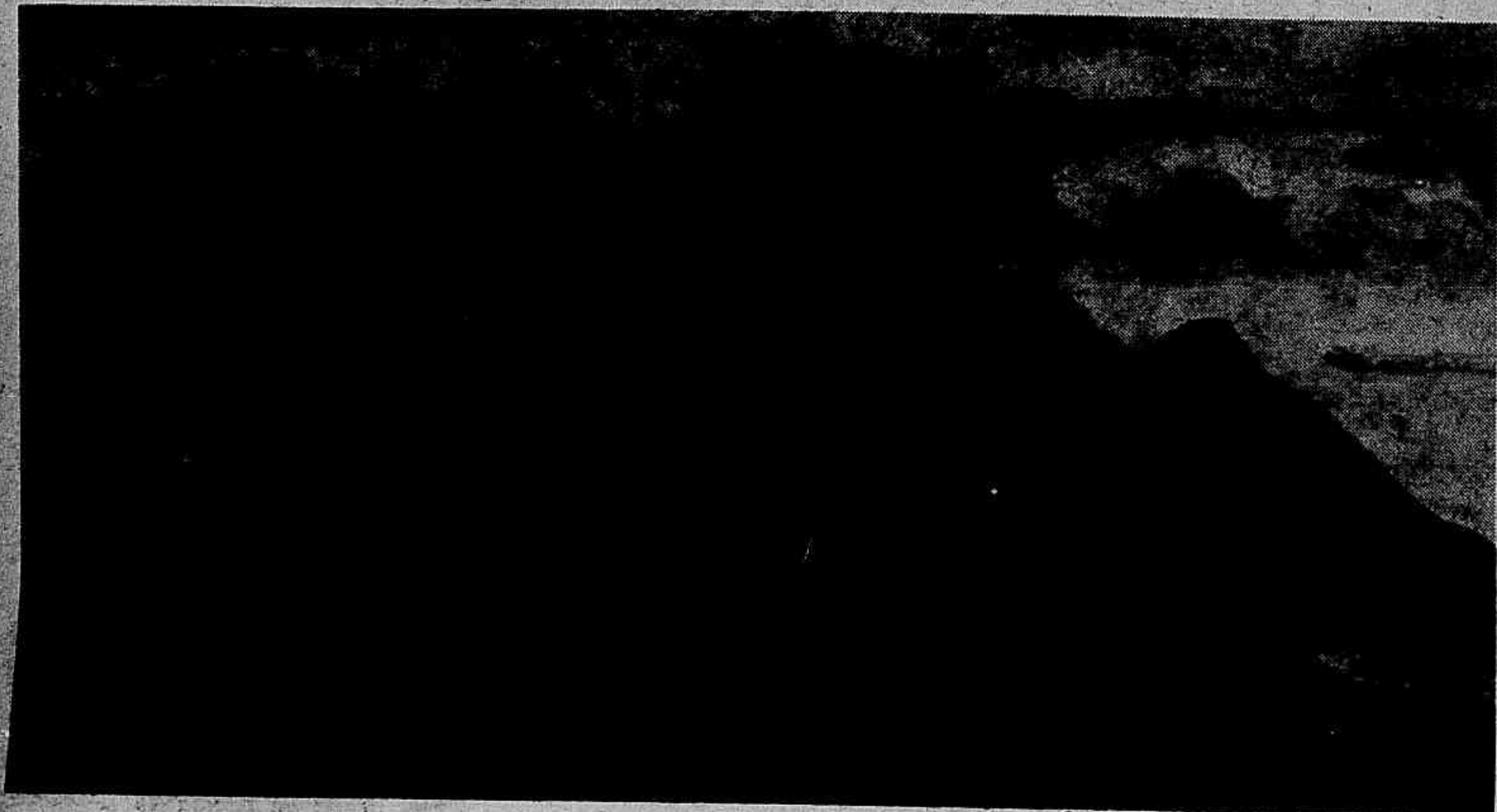
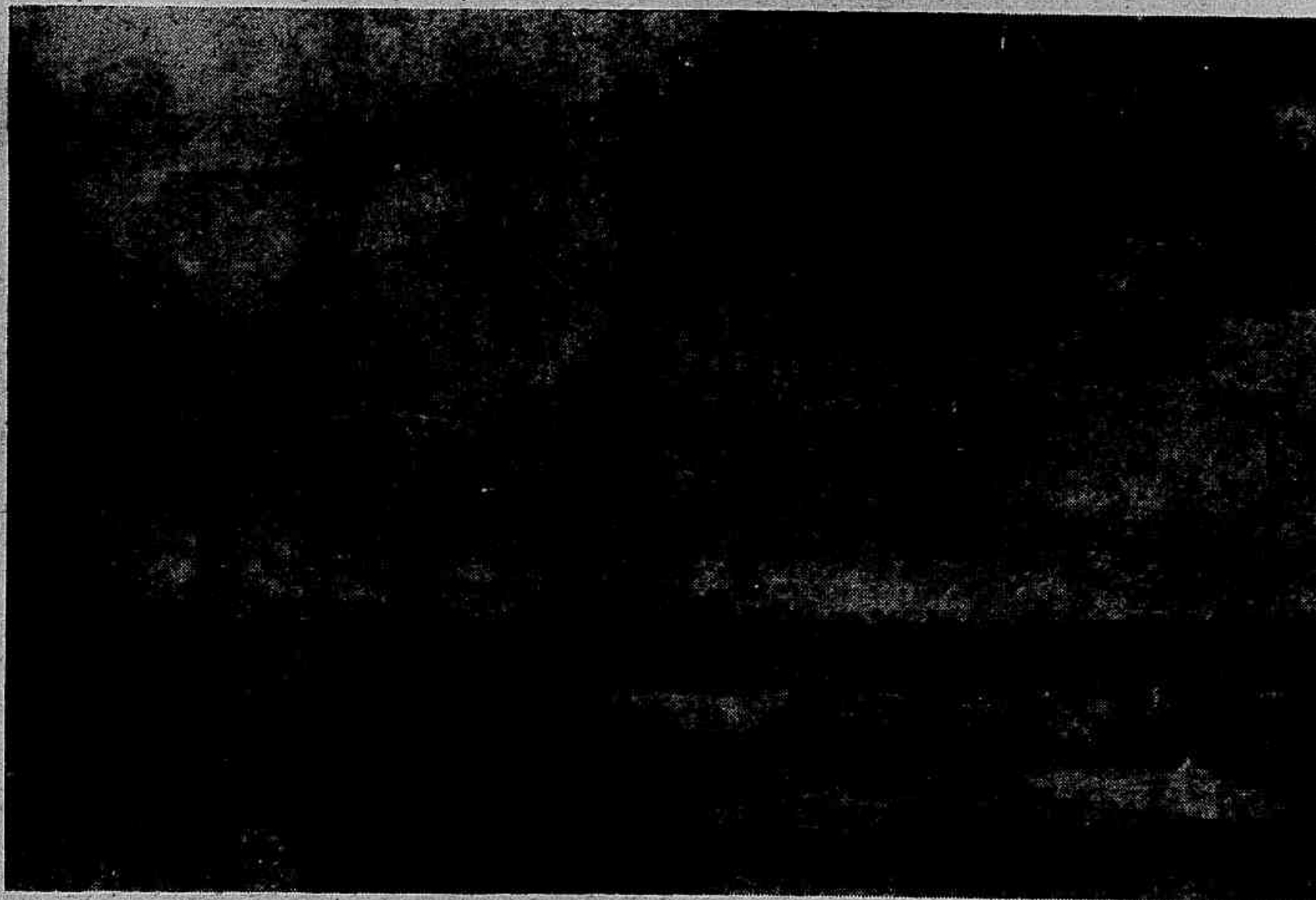
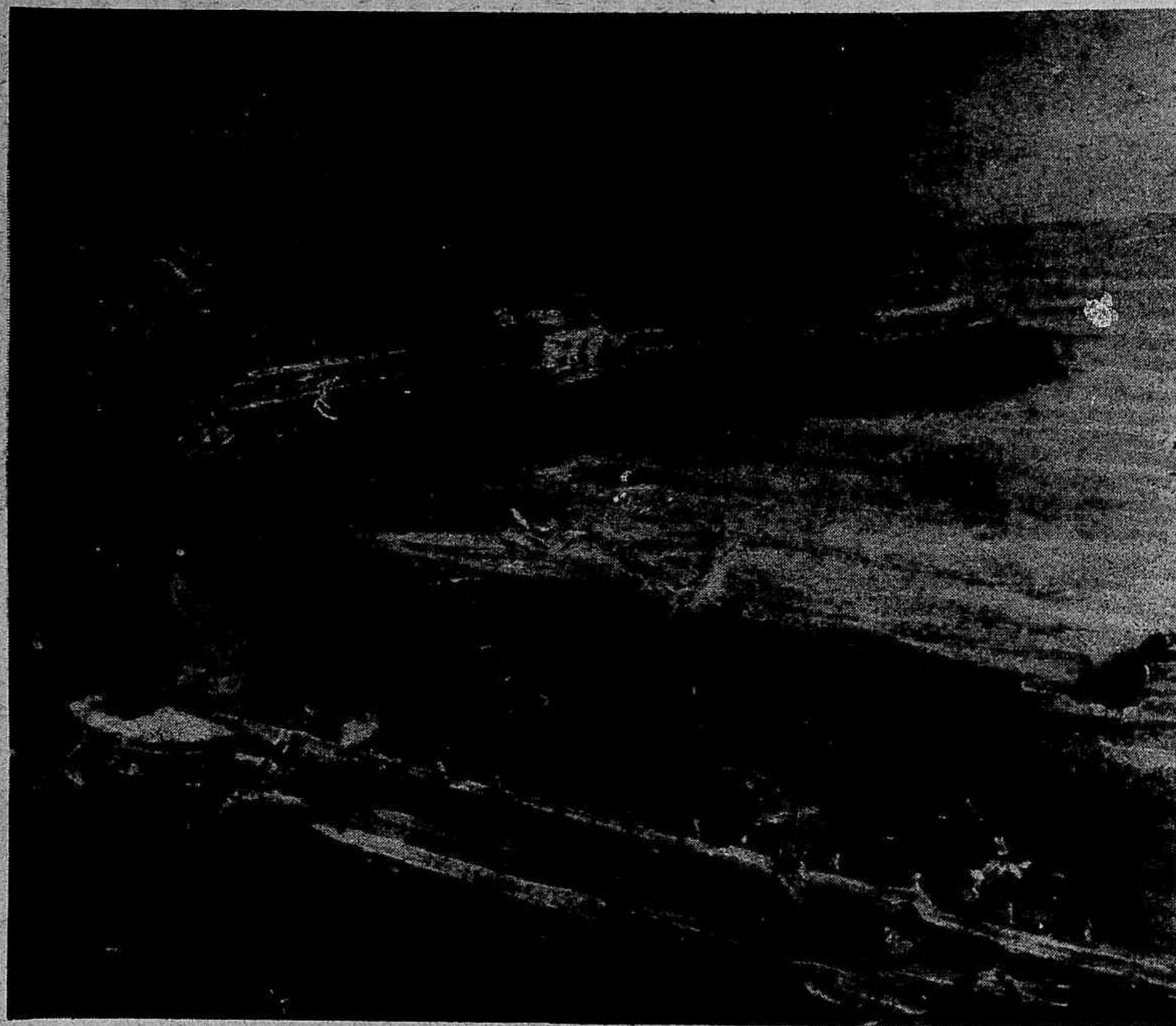
Na Inglaterra, a arte vem florescendo com um brilho excepcional. Podemos mesmo afirmar que nestes quatro anos de guerra a pintura inglesa vem atravessando uma fase de atividade verdadeiramente espantosa. É interessante notar um dos efeitos curiosos produzidos pela influência da guerra sobre a pintura contemporânea. Como seria, aliás, de esperar, quase todos os artistas britânicos se deixaram influenciar profundamente pela guerra em todos os seus aspectos. Essa influência acarretou tendências naturais para expressarem em termos de pintura as reações provocadas pelos diversos motivos originados pelas cenas de guerra.

Muitos artistas assim procederam, daí resultando um acréscimo de harmonia entre a imaginação do autor e o poder perceptivo do público. É que foi criado um interesse mútuo centralizado em torno de sentimentos comuns.

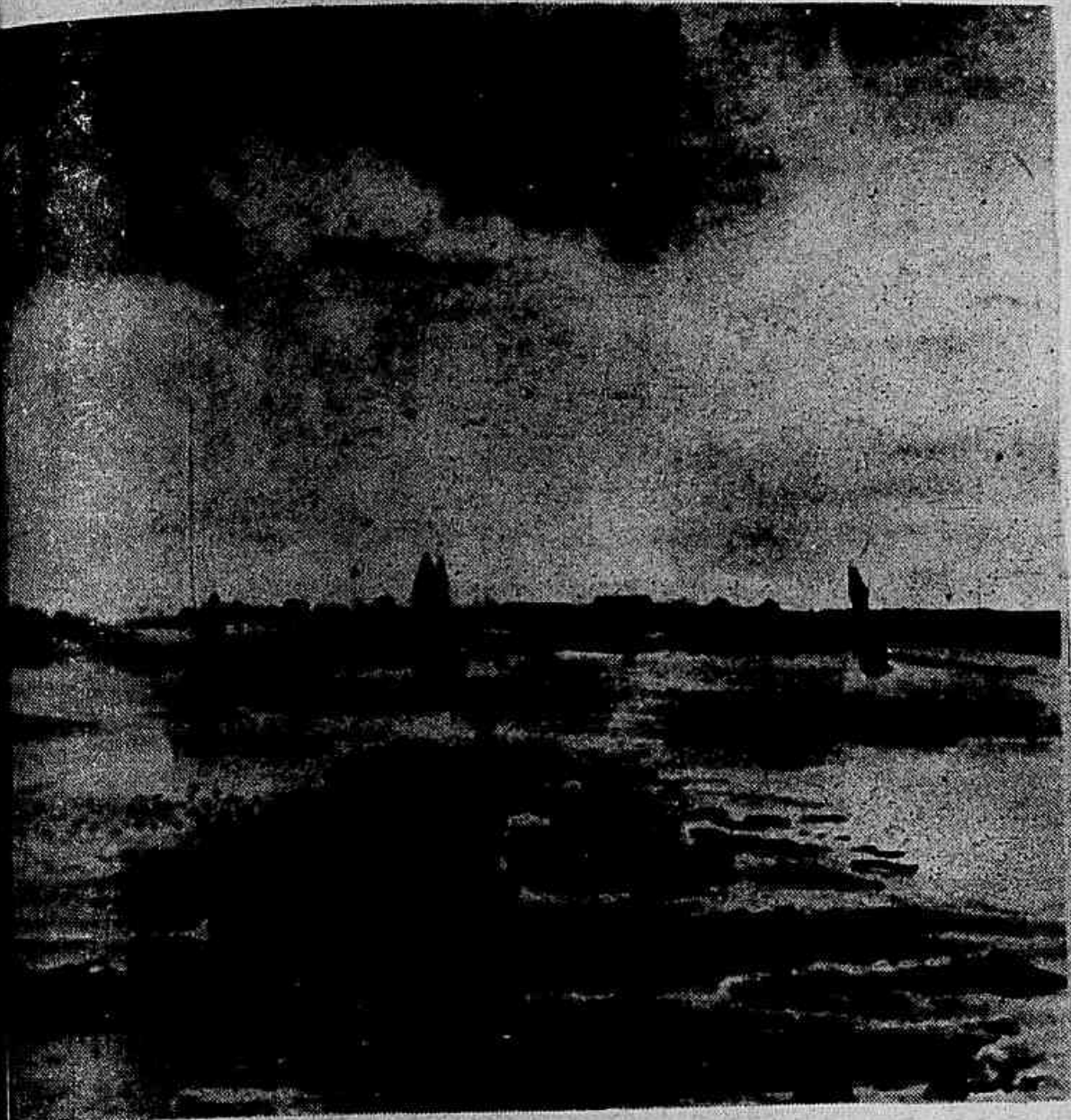
Foi essa afinidade entre o criador e o espectador que levou a arte contemporânea britânica a um grau de popularidade nunca antes atingida. Porque não devemos esquecer que a moderna criação artística, em virtude do intenso subjetivismo de que acha impregnada, tende a produzir uma inevitável incompatibilidade entre o artista e a massa popular. Esta não poderá compartilhar dos sentimentos extremamente individuais que deram origem a uma determinada obra. Não compreenderá a sua verdadeira significação. Existirá, portanto, uma lacuna intransponível entre a materialização do impulso artístico do criador e a capacidade de interpretação do espectador.

A substituição do motivo exclusivamente individual por um motivo que a todos consegue influenciar, contribuiu decisivamente para a eliminação dessa falha existente entre o artista e o público. Torna-se mais compreensível aos não iniciados a pintura contemporânea.

A inauguração da Exposição de Pintura Britânica Contemporânea, teve lugar às 15 horas de 19 do corrente no Museu Nacional de Belas Artes e grande tem sido o número de visitantes.



INGLÊSA NO BRASIL



FLAGRANTES DA GUERRA



1 Na gravura a grande base japonesa de Rabaul, que sofreu um devastador ataque ficando quase que inteiramente destruída pelas bombas lançadas pelos aviões aliados no "raid" levado a efeito em Outubro. Um número elevado de navios foi atingido como se pode observar na fotografia.

2 Fyodor Gusev, à esquerda, embaixador da Rússia junto ao governo britânico, aparece admirando a espada de honra, presente do Rei, à cidade do S.º Ingrado, pela sua resistência aos nazistas. Vê-se, à direita, o prof. R. T. Gleadowe, mostrando os detalhes da espada que no momento se acha exposta no Goldsmith's Hall, em Londres.



3 O cruzamento do Dnieper pelas tropas russas, na sua grande ofensiva contra os alemães, é um dos maiores empreendimentos desta guerra. As primeiras travessias foram feitas utilizando-se jangadas, pequenos botes, e alguns soldados fizeram a travessia a nado. Esta fotografia foi feita no lado nazista, depois do estabelecimento da cabeça de ponte.

4 Vemos uma cena típica de um dos campos de prisioneiros italianos, em algum lugar da América. Um prisioneiro está escrevendo uma carta a seus parentes na Itália. Outro está lendo e o terceiro diverte-se com música. São de comportamento exemplar e cooperam com as autoridades do campo, empregados em trabalhos externos.



5 Sua Santidade, Pio XII, visitou demoradamente as áreas mais atingidas pelas bombas, quando do segundo "raid" da aviação aliada. Vemos o chefe da Igreja Católica rezando fervorosamente pela terminação da guerra. Esta fotografia foi enviada ao Arcebispo Francis J. Spellman, de Nova York.

6 A porta da igreja de Benevento está recoberta de destroços. O soldado Bernhard Haber, de Nova York, aparece diante de uma das muitas imagens do templo. Pode-se ver perfeitamente que muito embora o nicho da imagem tenha sofrido danos, esta não foi atingida.

A Saída

JOHN FERGUSON

(Traduzido especialmente para a REVISTA DA SEMANA)

Voltando a si de sua distração, Holloway olhou em torno. Viu-se sozinho, num longo tunel de paredes de azulejos brancos, no fundo do qual repercutia, surdo, um rumor de passos apressados. O vibrante ruído duma porta de ferro fechada de golpe feriu-lhe os ouvidos desagradavelmente e experimentou um súbito calafrio, como se lhe houvessem injetado água gelada nas veias.

Mas, imediatamente verificando o lugar onde se achava, começou a rir nervosamente. Ao descer do trem urbano havia-se afastado, distraído, dos demais passageiros, para se meter nesse labirinto de corredores da estação subterrânea. Era só isso. E essa pancada metálica que acabava de ouvir era simplesmente a das portas do elevador e não a da porta de grades de uma cela, no cárcere.

E novamente começou a rir, com maior naturalidade. O eco de seu riso propagou-se pelo tunel branco e reluzente, crescendo como se um ser invisível o repetisse em tom mais longo, mais cheio e mais grave do que o seu. Involuntariamente escutou a reverberação ampliada do rumor. Pareceu-lhe que tinha qualquer coisa de chocarreira. Era o riso franco de um misterioso super-homem, dum deus maligno que conhecia todos os seus pensamentos secretos e a tentação com que se debatia.

Holloway olhou de esquelha por cima do ombro. Não: atrás dele não havia ninguém. Completamente só. O eco apagou-se brandamente ao longe, extinguindo-se por fim num suspiro. E Holloway suspirou também, tranquilamente. Há quanto tempo vagava por esses corredores subterrâneos, tolhido pelo mesmo pensamento íntimo? Quasi maquinalmente levou a mão ao colete, para tirar o relógio.

Uma lembrança repentina, vinda sabe-se lá de onde, deteve-lhe a mão antes de meter os dedos no bolsinho forrado de camurça. Lembrou-se de que no outro bolso da direita levava o frasquinho de rótulo vermelho, cheio dum líquido pardo. Num dos bolsos tinha o Tempo, no outro a Eternidade. Qual?... Esta lembrança súbita fez-lhe brotar gotas de suor na testa venosa; e a mão direita, vacilando entre os dois bolsos, deu-lhe a atitude de um boxeador inexperiente que não acerta com a defesa.

Só precisava de tempo. De tempo e nada mais. Porém não lho concederiam. Seja, portanto! Com gesto resoluto de desafio, porém cheio de pena de si mesmo, extraiu o frasquinho e lhe tirou a rolha. Aceitaria a Eternidade que lhe atiravam.

Mas, o definitivo dessa solução, dessa saída, logo o conteve. Bem sabia que fatalmente teria de vacilar um homem do seu caráter irresoluto e sempre condescendente consigo. Em todas as circunstâncias havia fugido a um ato decisivo. Toda a sua vida vacilara diante duma alternativa. Justificava uma vacilação dizendo-se que havia tantas razões a favor de uma parte quanto de outra. Nessa irresolução estava a verdadeira causa da ruína econômica que agora experimentava com terrível premência.

Sempre havia ficado suspenso entre várias maneiras possíveis de agir, até que, inevitavelmente, a iniciativa passava para outras mãos. Esse mesmo temor do irrevogável levou-o a tampar o frasquinho e a guardá-lo de novo no bolso. Devia haver, disse para si mesmo, uma saída mais adequada para essa situação. E, ao notar que se aproximava o confuso torvelinho dos passageiros doutro trem, deixou-se empurrar por essa multidão decidida em meio da qual foi arrastado até o elevador e logo mais projetado na rua.

Holloway caminhou lentamente para seu escritório. Uma vez lá seus dedos encontraram com infalível precisão a carta que confirmava sua derrota. Apoderou-se dele um acesso de fúria impotente e exclamou dando um murro na mesa:

— Irei a Tunbridge Wells! Irei vê-la! E' a única saída.

Era na verdade a única, a melhor? Deixou-se cair, irresoluto, na poltrona. Havia alguma probabilidade de que essa mulher ciumenta, de caráter duro, que era sua esposa e de quem se achava separado, quizesse salvá-lo da catástrofe iminente? Rica, sem dúvida, ela era; porém nunca o havia ajudado financeiramente. Era muito superior a ele e por isso mesmo poderia esperar dela essa consideração. No entanto, nada disso. Ela sabia tudo e, segundo suspeitava, pagava a um investigador secreto e esse indivíduo, talvez para justificar seu salário, proporcionava-lhe abundante combustível aos ciumes que a devoravam.

Nem ao menos lhe havia respondido a carta lastimosa que lhe escrevera há uma semana. Teria melhor êxito um pedido feito pessoalmente? Seus pensamentos voltaram-se para o frasquinho de vidro verde. Obtivera-o com dificuldade não pequena e estava disposto a levá-lo consigo, para utilizá-lo, caso houvesse oportunidade, se bem que não estivesse certo — nunca quiz responder a esta indagação — em quem o utilizaria. A mulher era uma doente lamentável e a vida duma inválida nessa aborrecida povoação de Tunbridge Wells não merecia chamar-se vida. Era uma coisa tão inútil... sem "função" alguma... E novamente começou a acariciar a idéia secreta.

De certo modo, seria para ela a venturosa libertação. Estava convencido de que era um ato de bondade apressar o inevitável. O assunto fôra debatido nos jornais e alguns médicos e outras pessoas de sentimentos humanitários advogavam em favor do processo, em determinados casos de moléstias incuráveis. Indiscutivelmente, a moléstia da mulher era incurável. Um ato de verdadeira piedade, julgavam alguns. Holloway começou a dizer para si mesmo, sinceramente, que o inspirava um sentimento humanitário.

Nesse momento entrou seu empregado de confiança com um telegrama. Era de Tunbridge Wells:

"Consinto vê-lo, porém não prometo nada. Janet."

Holloway chamou o empregado que ia saindo e lhe pediu o horário das estradas de ferro.

— O da Companhia Continental, patrão? — perguntou-lhe o empregado com certo tom de cumplicidade.

— Não, não: o do sul. Vou a Tunbridge Wells.

— Cleryhew acreditou que eu estava pensando em fugir para o continente — disse Holloway, rindo, enquanto descia a escada. — E a suposição tinha fundamento, como o declarou depois no tribunal o sr. Cleryhew.

Achou a esposa recostada num sofá. Era uma mulher delgada, angulosa, de traços duros e estranhos. O tempo fôra menos piedoso com ela do que com o marido. Poucos anos antes, a diferença de idade era apenas perceptível; mas agora ele, com seus quarenta e três anos, parecia entrar na idade madura, ao passo que ela, de quarenta e oito, já era uma velha. Holloway disse imediatamente para si que o brilho febril dos olhos da mulher e a palidez de cinza de suas faces encovadas não eram naturais e suspeitou vagamente que ela se tivesse entregado à bebida.

A entrevista realizou-se em bons termos, depois dos primeiros minutos de constrangimento. Holloway, secretamente surpreso, pensou que se sua mulher havia utilizado um investigador para indagar de sua vida particular, o homem chegara a averiguar muito pouco. Deu-lhe informações minuciosas sobre o estado deplorável de seus negócios. A mulher demonstrou a esse respeito uma simpatia cordial. Ele não conseguia compreender. Apresentava-se-lhe tão diferente do que julgara encontrá-la...

— Devemos achar uma saída — disse ela por fim.

E Holloway, ouvindo essas palavras como uma promessa, tranquilizou-se. Sua tranquilidade seria perfeita, não fosse aquele frasquinho que levava ainda no bolso. Surpre-



endia-lhe pensar como andara perto de um crime. Realmente, incomodava-lhe esse frasquinho verde. Parecia muito maior.

Os olhos penetrantes da mulher notaram-lhe o mal-estar.

— Está sentindo alguma dor? — perguntou ela.

— Dôr? — repetiu Holloway como um eco.

— Diversas vezes você levou a mão ao lado direito. Pode ser apendicite...

Holloway, rindo duma maneira esquisita, tirou de repente o frasquinho e o mostrou.

— Veja de que você me salvou! — exclamou.

Com isso, pensou ele, se resolveria de toda a situação. A mulher contemplou o frasquinho com os olhos dilatados e não pronunciou uma palavra.

— Se você me tivesse negado ajuda — explicou ele — contava com isto para sair deste transe.

A mulher curvou-se rapidamente e tomou o frasco entre o polegar e o indicador.

— Como você pode chegar a este ponto? — exclamou. — Bem; esqueçamos isto de uma vez.

E guardou o frasquinho entre as roupas.

Parecia profundamente agitada. No horror da mulher, Holloway achou razão para reanimar a pena que sentia de si mesmo. Nesse momento entrou miss Tangley, a pálida criada, e em voz baixa avisou à patroa que a refeição estava servida. Foi um jantar sóbrio e lento. Holloway comeu com vivo apetite, enquanto a esposa, que apenas havia tocado na comida, prodigalizava-lhe notícias e comentários que deveriam ser importantes para os vizinhos de Tunbridge Wells.

Não parecia estar em boa harmonia com o pastor e muito menos com a mulher do pastor. Holloway percebeu um vislumbre do tom de soberba, outrora familiar, na forma com que se referiu à mulher do pastor, que nesse mesmo dia a visitara para uma coleta. Exaltou-se, e no instante mesmo em que entrava miss Tangley, deu na mesa um murro tão violento que fez tilintar a louça, exclamando:

— Nem um vintem meu irá para essa mulher!

Holloway, surpreendido com esse arrebatamento, evidentemente excessivo para o caso, segundo pensou, não disse nada até que a criada se retrasse, de volta à cozinha, para buscar a sobremesa. Depois, sentindo-se num estado de espírito generoso e indulgente, observou que, tratando-se de uma obra de caridade, uma negativa formal seria mal vista. Ela podia contribuir com uma importância insignificante... Porém a mulher se exaltou de novo, numa forma temível que ele bem conhecia, e replicou, no momento em que miss Tangley reaparecia na porta:

— E' por causa dessa mulher, por causa dessa mulher. Repito que nem um vintem meu chegará a suas mãos.

Holloway, recelando que a raiva caísse sobre ele e deitasse a perder a probabilidade de obter dinheiro, apressou-se a concordar.

— Muito bem — disse. — Não falemos mais no assunto.

Depois deste episódio, o jantar terminou de maneira um tanto incômoda. Miss Tangley parecia apreensiva.

Por volta das nove e meia, a senhora Holloway dispôs-se a retirar-se para seu dormitório. Enquanto a criada não se achava presente, pediu a Holloway uma coisa que vivamente o surpreendeu. Disse-lhe que, quando acabasse de fumar, fosse ao seu quarto dar-lhe as boas noites. Holloway sorridente prometeu atendê-la, porém observou para si mesmo que esse desusado traço de sentimentalismo era um sinal mais da decadência física e moral da mulher.

As dez horas entrou no quarto e se aproximou do leito, confuso, sem saber o que dizer. Murmurou algumas banalidades, mais ou menos apropriadas à incômoda situação. Ela lhe pediu que apanhasse o remédio que estava na mesinha, já medido num copo. Recebeu o copo e o contemplou, como se observasse a quantidade, enquanto lhe falava. De repente, levantou o rosto e corando, sorridente como uma jovem, disse-lhe:

— Me dê um beijo antes de tomar o remédio.

Fazia cinco anos que não a beijava.

Curvou-se para ela, que com o braço o reteve um momento pela cintura. Ele tratou de endireitar-se e se soltar, ao ouvir os passos de miss Tangley que chegava, como de costume, para dar o remédio e apagar a luz. Então ela o soltou e exclamou rindo:

— Ah! o sr. Holloway me deu o remédio. Olhe!

Bebeu a dose e devolveu o copo.

Nessa noite, Holloway permaneceu acordado longo tempo, refletindo nessa esquisita modificação do caráter da esposa. Indiscutivelmente era o desmoronamento. E conforme ouvira dizer, em pessoas como ela, a decadência era sempre muito rápida. Não teria que esperar muito.

Com efeito, não teve que esperar muito. Na manhã seguinte acharam morta sua mulher. Quando miss Tangley o chamou para lhe dar a notícia, começou a vestir-se apressadamente, possuído de profunda surpresa. Acabava de vestir-se, quando chegou o médico. Holloway adotou uma expressão apropriada à triste circunstância e, em pontas de pés, penetrou no quarto da esposa.

— Síncope cardíaca? — murmurou.

— Muito provavelmente — replicou o médico — porém com certeza farão a autópsia.

O exame do cadáver que devia ser efetuado na quarta-feira foi adiado para o dia seguinte por se achar indisposto o médico que havia atendido à senhora. Nesses intervalos, Holloway seguiu para a capital, convertido já noutro homem, pois, numa breve conversa com o advogado da esposa se inteirou de que se achava em condições de dispor do dinheiro que necessitava para evitar a catástrofe. A mulher morrera sem deixar testamento. E Holloway, sozinho na cabine do trem, debilmente iluminado, ajoelhou-se um momento e no íntimo do coração elevou uma prece de agradecimento por se ter salvado de cometer um grande crime.

Agora via as coisas em seu verdadeiro aspecto e a pequenez do homem o impressionava. Era uma presunção arrogante tentar intervir naquilo que a divina providência tinha decidido. E seu coração transbordava dum desusado sentimento de gratidão para Deus que havia ordenado tão oportunamente o que ele pensava fazer, violando os ditames de sua consciência.

Sua serenidade de espírito, recuperada ao fim de tanto tempo, foi interrompida só uma vez, antes de prosseguirem o inquérito. No sábado, verificou que estava sendo vigiado. Notou-o quando, ao sair do Criterion, onde agora estava almoçando, seu olhar se deteve num indivíduo alto, de bigode espetado, que esperava perto da entrada. A cara, a atitude desse homem, lhe pareceram vagamente familiares.

Onde o tinha visto noutra ocasião? Foi ao sair da casa de Smith e de Wilkins? No subterrâneo? Quando chegou ao escritório, espiou cautelosamente pela janela. O homem estava passeando pela calçada fronteira. Holloway experimentou uma sensação de surpresa e de vivo aborrecimento.

— Meu Deus! — murmurou. — Será possível que até da sepultura seus ciúmes me persigam! E lhe veio aos lábios um sorriso sardônico. Evidentemente esse indivíduo ignorava que a pessoa que havia requerido seus serviços já não estava em condições de receber nem de pagar seus informes. Se não estivesse tão atarefado nesse momento consentiria no capricho de visita a certa amável casinha de Hampstead, afim de dar um bom trote ao investigador. Não podia ir, porém mandou uma carta e na terça-feira pela manhã a dama foi esperá-lo em Charing Cross. Holloway prometeu ir visitá-la, sem falta, no dia seguinte, à noite.

Muito preocupado com seus próprios assuntos, não prestou atenção, nesses dias, aos assuntos da mulher, enquanto não lhe dissessem respeito diretamente. Porém chegou o momento de se interessar pelo inquérito recomeçado. Já restabelecido de sua indisposição, o médico da defunta assistiria à consulta depois da autópsia, de que devia resultar a informação de praxe que atribuiria o falecimento a causas naturais, informação que por se tratar de pessoas de certa posição social elevada, terminaria com algumas frases de pêsames. Era coisa normal e rápida.

(CONTINUA NA PAG. 43)

O ALMANAQUE

EU SEI TUDO

PARA 1944

SAIRA' EM

DEZEMBRO

PROXIMO.



T. TARQUINO

As crianças gostam e os adultos preferem, após o banho, o Talco Lady, como complemento necessário á higiene da pele, nos dias quentes para refrescar e perfumar o corpo.

TALCO
Lady
medicinal e perfumado!

A' VENDA EM TODO O BRASIL

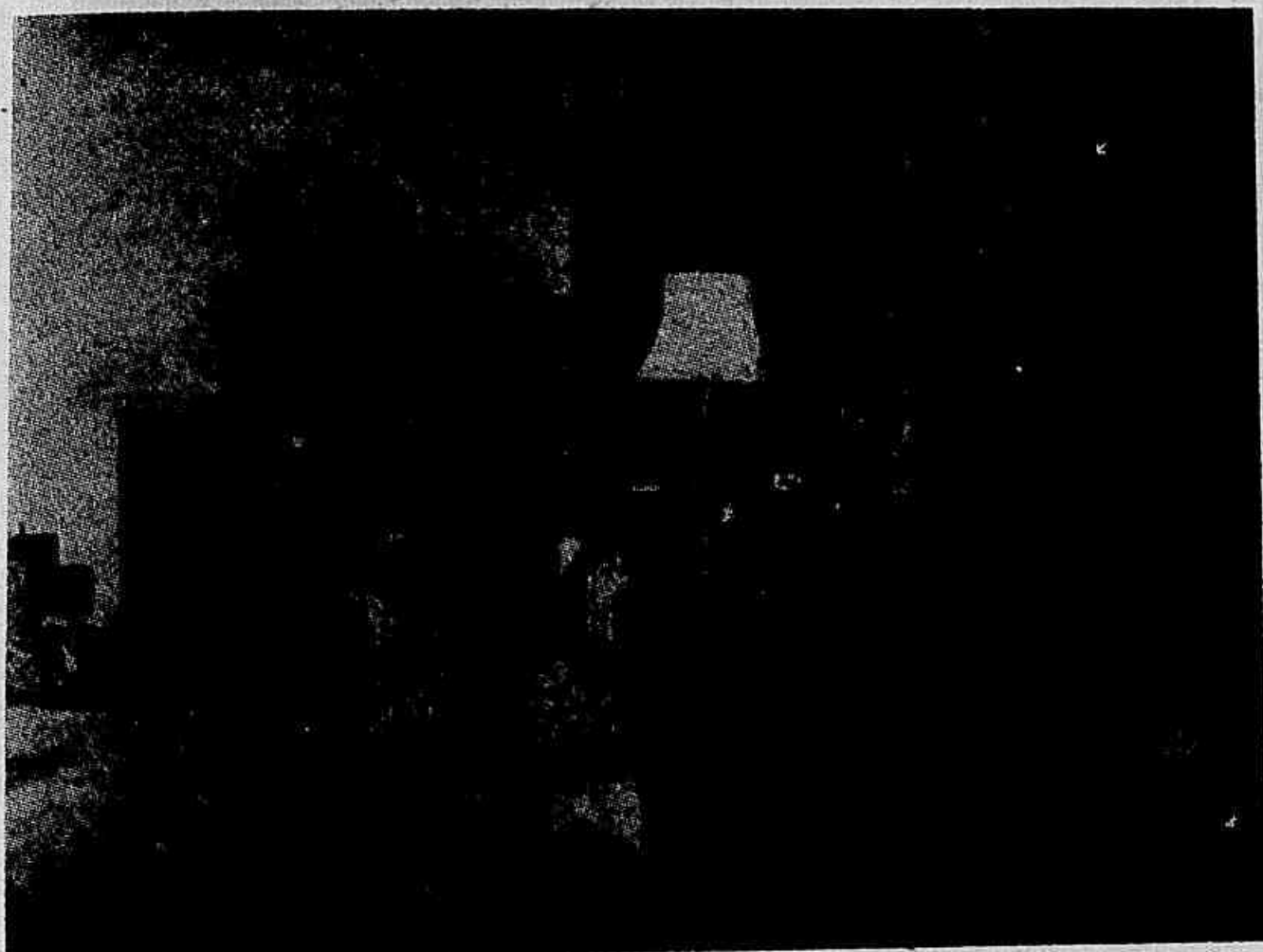
Onde mora Somerset Maugham

O autor de "Servidão Humana" fugiu de sua propriedade na Riviera Francesa para uma casa típica americana na Califórnia

William Somerset Maugham nasceu em Paris em 1874 mas seu pai o registrou na Embaixada da Inglaterra da qual era advogado. Com 13 anos foi para a Inglaterra onde se matriculou no Canterbury College, daí saindo para a antiga Universidade de Heidelberg.

Tempos passados regressou a França onde se formou em Medicina e, a seguir inspirado no ambiente de um hospital de modesto arrabalde londrino, escreveu: "Liza Lambeth", novela interessante.

Escreveu para teatro e "Lady Frederick" foi a peça que lhe preparou o enorme cartaz. A guerra de 14 encontrou Maugham de nome feito mas ele foi dos primeiros que se ofereceram a patria em virtude do que passou a servir no "Intelligence Service" destacado na Rússia.



Rodeado de conforto, o novelista britânico dá não raro preferência à sala de estar de seu novo lar, construído especialmente para ele por Nelson B. Doubleday, seu editor, na propriedade deste no estado de Yemasee, S. C. As paredes em volta da lareira são de pinho da Carolina; as outras paredes são simples; as mesas são tipo século 18 e as poltronas, estofadas, cobertas com tecidos vivos.



A nova habitação de Maugham é inteiramente diferente da Vila Mauresque, sua casa de antes da guerra, em Cap Ferrat, na Riviera. É um grande e agradável contraste comparada com a feição urbana da antiga moradia: toda a casa, branca e de madeira, é uma adaptação típica do estilo Bermúdas. Perto da habitação principal há duas dependências: uma para empregados e outra que é o escritório privado do autor.



Vemos aqui um hospede verdadeiramente privilegiado: é o escritor Glenway Wescott um dos raros que penetram na solidão do lar de Maugham. Após o chá, Wescott ascende um cigarro para Somerset. E deliciando-se com o fumo, ambos palestram longamente sobre os mais variados assuntos.

Outras obras posteriores completaram o nome hoje universal do escritor. Esta guerra apanhou-o no seu recanto em Cap Ferrat mas apresentou-se e foi mandado servir junto ao Supremo Comando Aliado. Derrotada a França, Maugham fugiu para os Estados Unidos.

ANTONIO PEREZ JUNIOR

Pertencendo à geração literária que, ha quarenta anos passados, enchia o Rio de ruidosa e efusiva alegria, e onde figuravam tantos nomes ilustres, como Olavo Bilac, Paula Ney e Guimarães Passos, Antonio Perez Junior, com o pseudônimo de Felix Teles Fidelis de Meireles fez rir a toda a sociedade carioca. Os sonetos humorísticos que escreveu contam-se por varias centenas, espalhados em jornais e revistas de que foi um colaborador brilhante e inspirado, fundando, e colaborando para "O Tagarela", "Fon-Fon", "Revista da Semana", "O Malho", "Don Quixote" "Caretta" e o "Jornal do Brasil", que divulgavam a prosa e os versos de Antonio Perez Junior, nos quaes eram glosados todos os acontecimentos da epoca.

Acometido de uma paralisia parcial Felix Teles Fidelis de Meireles deixou de ser visto nos pontos onde já se tornara figura querida e habitual, recolhendo-se a sua residencia, à rua Santa Alexandrina, 165, onde agora a morte foi encontrá-lo. Morrendo pobre, mesmo assim Antonio Perez Junior não conheceu a mi-



Felix Telles de Meireles.
Num desenho de Alberto Lima.

séria, assistido que foi por amigos e admiradores.

Era o morto irmão do pintor Perez Junior.

"SEMPRE HAVERÁ UMA INGLATERRA"

E' o livro em que ALFREDO PESSÓA, conta, na realidade, tudo o que viu e sentiu, durante quasi seis meses, na Grã Bretanha, que sofre e luta pela liberdade !

UM VOLUME EM GRANDE FORMATO, COM LINDA CAPA A CORES . . . — CR. 20,00.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO PAÍS: — PEDIDOS A

LIVRARIA EDITORA
ZELIO VALVERDE
TRAVESSA DO OUVIDOR, 27
Caixa Postal 2956 — Rio

AOS CLIENTES DO INTERIOR — Não encontrando este livro no seu livreiro, peça no endereço acima, pelo Serviço de Reembolso Postal.

Sã MATERNIDADE

CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES

Prof. ARNALDO DE MORAES

3.ª EDIÇÃO

PREÇO: Cr\$ 15,00

Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166

Quaker Oats é um alimento "SUPER"



A aveia Quaker Oats oferece elementos adicionais benéficos à saúde, porque a aveia, entre todos os cereais, é o mais rico em proteínas indispensáveis ao bom desenvolvimento do organismo e contém vitamina B1 que revigora os nervos e combate a fadiga. A aveia Quaker Oats é rica em energia alimentícia e excelente como fornecedora de ferro para o enriquecimento do sangue. A sua abundância em fósforo fortalece os ossos e os dentes. Compre hoje mesmo uma lata da deliciosa aveia Quaker Oats e tire o máximo proveito desse alimento.

QUAKER OATS

PREPARADO EXCLUSIVAMENTE PELA QUAKER OATS CO.



"ALMANAQUE EU SEI TUDO" PARA 1944

Circulará em todo o país em princípios de dezembro próximo a grande edição do "ALMANAQUE EU SEI TUDO" para 1944.

Calendário e informações completas sobre o novo ano, de interesse geral, veem ao lado de outras matérias, inclusive conselhos práticos, notas úteis, etc.

Assuntos históricos, religiosos, novidades científicas, contos de aventura e sentimentais tomam muitas páginas do precioso livro.

Os agricultores, os aeronautas, os banqueiros, os militares de terra e mar, os bancários, os turistas, os amadores de rádio; toda a gente, enfim, das cidades e dos campos, terá no "ALMANAQUE EU SEI TUDO" um informante através de leitura agradávelíssima.

Trabalho feito para o homem e para a mulher, o "Livro dos mil assuntos", não obstante as dificuldades do momento, oferecerá aspecto agradável em quasi 300 páginas, muitas das quais primorosamente coloridas.

Poderá ser procurado em todas as livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço único de Cr\$ 8,00 por exemplar.

Pedidos por via postal pelo serviço de reembolso ou mediante vale do Correio à COMPANHIA EDITORA AMERICANA, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

Livros

TERRAS DO SEM FIM, romance de Jorge Amado — São Paulo, 1943

O sr. Jorge Amado conduz-nos novamente às terras do cacau. E' o seu cenário predilecto, o seu meio de inspiração é de imaginação, dalgum modo seu *habitat*.

A disputa de matas para serem derrubadas e nelas se fazerem plantações da malvacea preciosíssima constitui o eixo em torno do qual giram os personagens da história. Quasi todos eles são, aos olhos da gente propriamente civilizada, repugnantes de brutalidade e banditismo. Na sua linguagem corrente a cada momento ressaltam palavras. Tirante algum bacharel ou médico adventício e assim mesmo já bastante viciado em expressões regionais ou cínicas, toda a gente, incluídos os grandes proprietários e os chefes políticos, fala como o sertanejo mais obscuro. Assim o potentado Sinhô Badaró, a quem a família cerca de veneração e todos os habitantes das redondezas, partidários ou inimigos, consagram especial respeito, diz a seu irmão mais moço.

— "E' engraçado, Juca, tu é meu irmão, tua mãe foi a mesma velha Filomena que me pariu e Deus tenha em sua guarda. Teu pai era o finado Marcelino que era o meu pai também. E nós dois é tão diferente um do outro como pode ser duas pessoas no mundo..."

Juca responde, terminando a frase com um termo imundo. E o diálogo continua serenamente. Cumpre, além disso, observar que, não obstante a dessemelhança assinalada pelo irmão mais velho e que o outro não discute, ambos praticam o esbulho e a rapinagem, mandando assaltar, assassinar, incendiar, com a mesma espécie de naturalidade.

Da maneira de falar dos seus heróis se aproxima, não raro, quer perante o decoro quer perante a gramática, o estilo do autor. Escreverá assim o sr. Amado propositalmente? Não o podemos saber ao certo. Podemos apenas lamentar que, exprimindo as suas próprias idéias, os seus próprios sentimentos, o não faça com dignidade correspondente a que eles devem ter e de certo o escritor lhes deseja dar.

Não faltam ao sr. Amado faculdades poderosas de observação e análise, a nota larga e solitamente pitoresca, a intuição viva do flagrante já no episódio, concreto, já ainda no que se passa, se deve ou pode passar na intimidade das criaturas. Por isso mesmo mais deplorável se torna, neste livro, a tendência — peior ainda se é uma preocupação — para escolher os personagens, exclusivamente por assim dizer, entre os mais truculentos ou mais vis modelos de humanidade, e apresentá-los através duma forma literária eivada de erros que fatalmente determinariam a reprovação dum examinando em primeiras letras. E dizer que semelhante obra foi "escolhida para representar a ficção brasileira no concurso de romances inter-americanos realizado nos Estados Unidos e que, simultaneamente com esta, sai uma edição norte-americana do editor Knopf, de Nova-Iorque"...

SAGITÁRIO, poesia de Oliveira e Silva — Rio de Janeiro, 1943.

Sagitário se intitula o livro, não porque o poeta, empunhando o arco em vez da lira, ou revezadamente aquele e esta, despeça pelas páginas fora as setas rimadas do epigrama ou da sátira contra os homens, os costumes ou, em geral, a vida. Não. O batismo da obra vem do mez em que o sr. Oliveira e Silva nasceu: sob o signo do Centauro que, no Zodíaco, reteza a corda e assenta a frecha pela qual ha de passar o sol. Não se trata, pois, dum verzejador de ataque, se não no sentido em que todos nós, para nos defendermos, lutamos com o destino e por vezes somos obrigados a sustentar contra os seus agentes duelos terríveis e verdadeiras batalhas. Este sagitário lida com a beleza e a emoção. Os seus projecteis são as belas imagens e as combinações musicais. E procura aceitar nobre, fraternalmente, na sensibilidade dos outros homens.

Frequentemente no livro se nos depara o empenho de descobrir, como alvos a serem visados pelo próprio artista ou por outros atiradores do ideal, formas poéticas desconhecidas, novos recursos ou efeitos de técnica. Assim neste soneto que se intitula *Brinquedos*, o jogo das rimas sofreu uma alteração até agora, que nos conste, não experimentada:

As estrelas, as árvores, o vento;
As nuvens, a fumaça dos navios,
No horizonte da tarde, azul-cinzentos,
São meus brinquedos, meu contentamento.

Mapa da lua cheia! fijo atento
As suas manchas: cordilheiras, rios,
Vales, fundos grótescos? experimento
Alcança-las com o dedo e o pensamento.

Sobre o mar, de maréttas preguiçosas,
Lutam, batem-se esplendidas e francas,
As nuvens, em falanges aguerridas.

Linho para os heróis espumas brancas...
E, bálsamo de todas as feridas,
O orvalho fresco e matinal das rosas.

A MULHER QUE FOI PAPA, romance histórico de Inácio Raposo — Rio de Janeiro, 1943.

Existiu realmente a papiza Joana? Durante alguns séculos se acreditou que sim. A História colocou-a entre os personagens dignos de passar à posteridade. Mas a si mesma a História se desmente — do contrário não haveria tantos historiadores. A razão de ser desses profissionais das letras consiste em sempre eles terem alguma coisa que explicar, emendar ou totalmente contradizer. Assim a papiza Joana, ao cabo de quatro séculos de estadia na cadeira de S. Pedro e já dalgum modo na imortalidade, passou a ser discutida e acabou redondamente negada. Pesquisadores e teóricos tentaram explicar como aparecerá a luz da religião e do mundo aquela figura pontifical; aventou-se este que "Papiza Joana" não passaria duma alcunha infligida ao papa João VIII, por motivo da sua falta de autoridade ou de energia; sugeriu aquele que devia haver no caso uma alusão irônica à influência das princezas Teodora e Madússia nas eleições papais; outras conjecturas ou hipóteses mais ou menos plausíveis se sucederam; veio por fim a sentença que banii a Joana em questão, não apenas do trono do Pescador mas positivamente do rol da humanidade.

E o mais curioso é não impedir essa solução definitiva e inapelável que, acerca da papiza Joana ou a propósito da sua individualidade, continuem, ainda no nosso tempo, a aparecer, além de teses doutrinárias, novelas, poesias e melodramas.

O sr. Inácio Raposo fez um romance histórico. Quer dizer que, depois de haver organizado a sua documentação, como culto e probo homem de letras que é, deu largas às

Novos

faculdades inventivas e licença de voar até onde lhes aprouvesse às azas da fantasia. Daí resultou uma obra deveras animada, desenvolvida e atraente. Baseando-se ou estabelecendo o seu ponto de partida naquilo que, apesar de todas as objecções ou condenações, considera um fato: "E entretanto é um fato o pontificado de Joana!" criou o autor, por trezentas e cinquenta amplas páginas, uma série de capítulos, com episódios sensacionais e diálogos de corte natural, espontâneo, formando um todo que vem a ser, no genero, tanto quanto possível, "verdadeiro".

OSCAR E AMANDA, romance de Regina M. Rocha, tradução de Marina Sales Goulart de Andrade — Rio de Janeiro, 1943

Oscar e Amanda, filhos dum bravo, irrepreensível militar irlandez, e sendo ambos dignos de todas as venturas, sofrem, por assim dizer, como dois condenados. Vêem-se a braços com a pobreza extrema e vítimas de perseguições atroz. Adorada por um lord, só depois de muitas adversidades, verdadeiros tormentos, realiza Amanda o ideal do seu coração. Oscar, que também se apaixonou por uma moça, foi afastado dela por efeito de ignóbeis intrigas. Adélia, a criatura eleita, casa com um militar e é infelicitíssima. Envia, porém, oportunamente. Oscar, por seu lado, consegue recuperar o título de nobreza e a fortuna que legitimamente lhe cabiam e lhe eram negados. Pouco depois do casamento de Amanda com o seu lord também Adélia e Oscar levam a efeito o tão desejado e tão contrariado casamento. E os dois irmãos piedosamente se dedicam a socorrer os indigentes e confortar os infelizes — pois não se esquecem dos dias de amargura e de miséria que atravessaram.

Se este vultoso romance não alcançasse outro êxito, bastar-lhe-ia — e devia bastar-nos a nós também — a aprovação do velho ditado: *tout est bien qui finit bien*.

PINHEIRO CHAGAS, PATRIOTA E AMIGO DO BRASIL, conferencia de Mario Monteiro — Rio de Janeiro, 1943.

Esta conferência corresponde a um amplo estudo; este opúsculo vale por um vasto livro.

O sr. Mário Monteiro condensou com raro engenho a biografia ou devemos antes dizer as biografias do poeta, o dramaturgo, o historiador, o jornalista, o político e o militar que compuzeram, em superior harmonia, a individualidade de Pinheiro Chagas. Deu-nos tudo isso dentro dos cinquenta minutos duma palestra segura como orientação, profunda como conceito, e de exemplar singeleza de forma. Ouvimo-la com fino prazer; com mais agrado a percorremos agora; e vamos guardá-la na estante das obras dilectas que, de vez em quando, a gente tem vontade — e necessidade — de tornar a ler e a gosar.

UM FRADE SINGULAR, panegírico por Antonio Osmar Gomes — Bahia, 1943.

Trata-se de frei Francisco das Chagas, Francisco Novo no século e a quem popularmente, na Bahia, se chama "Frei Chagas".

O sr. Antonio Osmar Gomes conta-nos neste livrinho o que foi o homem e o que foi o religioso. Francisco Novo tentou vida no comércio, mas foi um mau negociante, mau ou bom de mais e por isso faliu. Antes, porém, de se consumir tal desastre, o verdadeiro destino, a verdadeira carreira de Francisco se havia anunciado. Já ao balcão ele aconselhava, confortava, ensinava a doutrina e realmente pregava. Depois de tomar o hábito de S. Francisco a sua existência prosseguiu tanto quanto possível a exemplo da do inspirado e bemfadado pobrezinho de Assis. E o sr. Osmar Gomes nos faz acompanhar nas suas orações, na sua dedicação pelos miseros e os sofredores, nas suas preces aos simples e aos desviados, em suma nos seus passos a caminho do céu.

CORPOS E ALMAS, sonetos de Iveta Ribeiro — Rio de Janeiro, 1943.

A sra. Iveta Ribeiro, pintora autodidata, fez recentemente uma exposição das suas obras. Não cabe aqui, bem entendido, a apreciação desses trabalhos. Sobre eles os cri-

ticos autorizados se manifestaram, fazendo justiça à artista, tão conhecida e estimada nas letras pelas suas criações na novela, na crônica, no teatro e na poesia. O que a exposição teve de particularmente curioso para esta secção foi o catálogo. A sra. Iveta Ribeiro organizou o seu catalogo em sonetos, um para cada tela apresentada. São versos evidentemente lançados ao papel à maneira de pinceladas largas, prontas, impetuosas e enfim, no entender de muita gente, "faceis". Como exemplo do talento e do engenho da poetiza tomamos a página correspondente ao quadro *Arvores*.

*Na paisagem tranquila e ensolarada,
Toda verde, de esplêndida grandeza,
Marginando os coleios dessa estrada,
As árvores ostentam realza!*

*E dão a fresca sombra sossegada,
Aos que passam, exhaustos da rudeza
Dêsse sol tropical, que a imensidade
Do azul do céu relêva de beleza!*

*O' árvores amigas, confidentes
Dos pássaros amantes que em seus ninhos,
Trocam juras de amor, nas madrugadas!*

*Vós sois, ó velhas árvores contentes,
Na serena poesia dos caminhos,
Estrojes de harmonias conjugadas.*

ORAÇÃO À PAZ, poesia de R. Nonato Cruz — Rio de Janeiro, 1943.

O sr. Nonato Cruz rimou esta *Oração à Paz*, em homenagem aos chanceleres americanos reunidos há um ano no Rio de Janeiro. E agora traz ela uma dedicatória comovente "aos órfãos e às viúvas dos soldados mortos em defesa da pátria, da civilização e da humanidade".

Em redondilha menor, em verso heroico e em alexandrino, louva o poeta os povos sacrificados que nem por isso se entregaram ou deixaram de combater. E, depois de seis páginas de estrofes exaltadas, inflamadas, é naquele último modelo poético que canta a glória da América, para terminar com a quadra seguinte:

*E o amparo que deste a teus vários irmãos,
Ha de frutificar — fecundo como Cêres.
E has de sentir o amor na voz dos cidadãos,
Ou na prece gentil — dos lábios das mulheres.*

J. L.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



PRINCE DE GALES
UM PRODUTO
COSTA PENNA

Circulará
em
Dezembro
o

**"ALMANAQUE
EU SEI TUDO"**

PARA

1944



**QUINA PETROLEO
ORIENTAL**

PERFUME RIVIERA

Fixa o penteado, dá vida
aos cabelos, evitando o
embranquecimento prematuro.

Extingue a caspa e combate
todos os parasitas capilares

A' VENDA EM TODO O BRASIL

FIGURAS E FATOS



DORA KALINOVNA. A talentosa artista poloneza Dora Kalinovna, que tem sido sempre entusiasticamente aplaudida pelo nosso alto publico, em espetaculos avulsos, deu ha pouco, com varios colaboradores, representações regulares, semanais, no Teatro Serrador. Essas representações tem confirmado os muitos meritos da já consagrada artista.



STELA LEONARDOS. A jovem poetiza Stela Leonardos [da Silva Lima], autora de poemas dramaticos, consagrados á vida e á obra de Gonçalves Dias, Castro Alves e Olavo Bilac, trabalhos esses que foram muito bem recebidos pela critica autorizada e pelo publico, leu no auditorio da A. B. I. a sua nova obra: **FLAMA SAGRADA**, inspirada em Tiradentes. Numerosa assistencia ouviu com interesse os alexandrinos de Stela da Silva Lima, aplaudindo calorosamente.



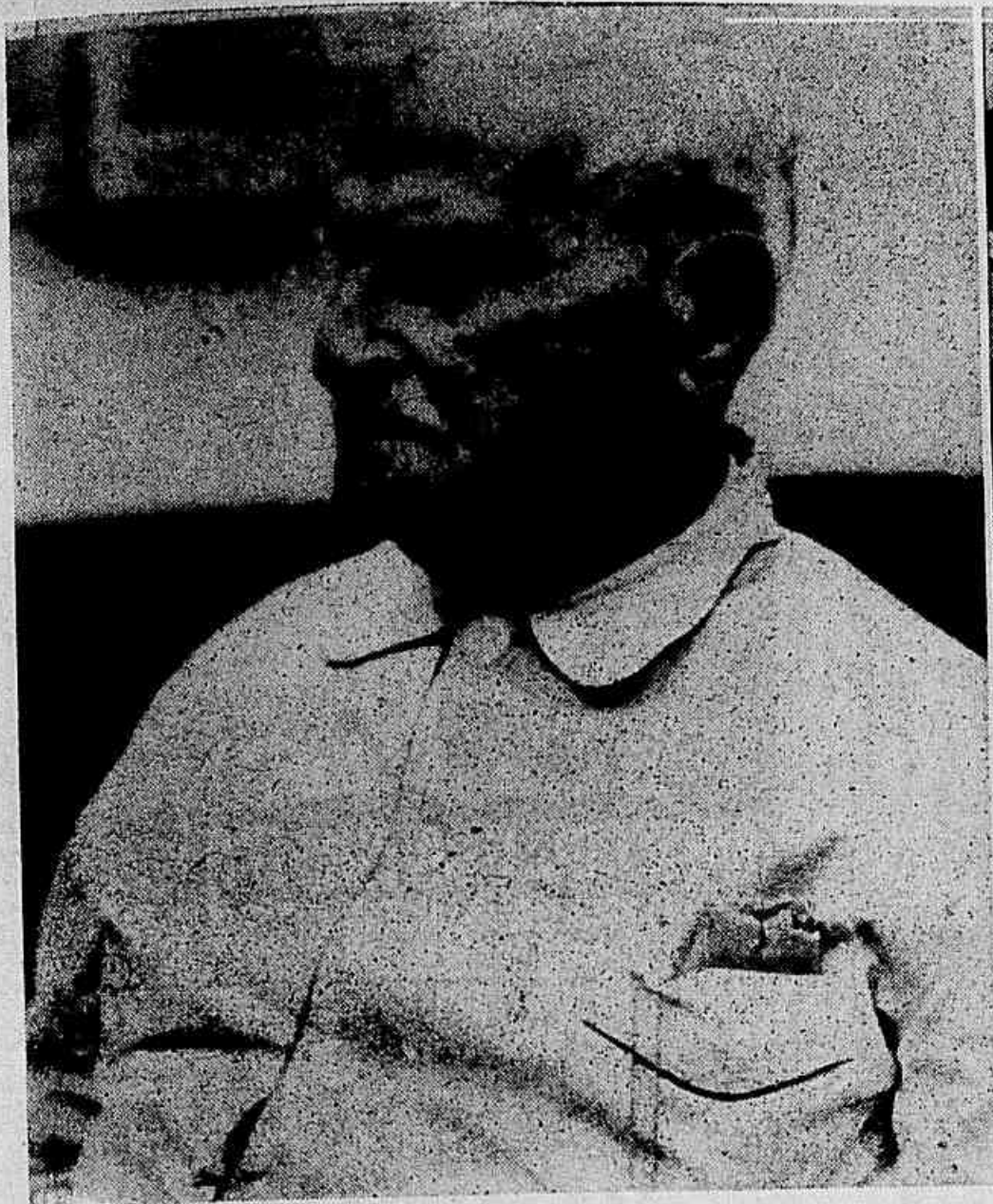
ENLACE LEBELSON - WAISMAN. Realizou-se a 29 de agosto o casamento da Srta. Regina Lebelson, filha do casal Israel Lebelson, com o Dr. Abrahão Waisman, filho da Viuva Ita Waisman. A cerimonia, no templo Israelita, seguiu-se uma recepção nos salões do Automovel Club. No ato civil, serviram como testemunhas Mme. Aurea de Souza Almeida Pinho, Prof. Dr. Estelita Lins, Sr. e Sra. Israel Kaufman. No religioso foram padrinhos o Sr. Israel Lebelson e senhora, e o casal Oigenstein.



NO INSTITUTO LA-FAYETTE. Foram inumeras as contribuições desse educandário para a Semana da Criança, como: exposição de trabalhos das aulas de Economia domestica, sobre alimentação, puericultura, etc.; distribuição de cardapios e merendas oferecidos pelas alunas ás crianças do Serviço de Assistência a Menores, vendo-se o Dr. Meton de Alencar, Prof. La-Fayette Côrtes e outros. Na gravura um aspecto da distribuição de brinquedos e um aspecto da dança ritmica, por alunas do D. Preliminar.



PAULO SILVA ARAUJO — Vista da mesa e das pessoas presentes á sessão realizada em 22 de outubro de 1943, pela Associação Brasileira de Farmacêuticos, em homenagem á memória do Dr. Paulo Silva Araujo, médico, poeta e industrial farmacêutico, na passagem do 25.º aniversário de seu falecimento. Como conferencista, falou o dr. Carlos da Silva Araujo.



General MANUEL DO NASCIMENTO VARGAS

A notícia do falecimento do venerando brasileiro, general Manuel do Nascimento Vargas, encheu de consternação o país e especialmente o Rio Grande do Sul seu Estado natal, onde grangeara largo círculo de relações. O sr. general Manuel do Nascimento Vargas, pai do Sr. Dr. Getúlio Vargas, Presidente da República adoeceu gravemente rias a sua grande resistência física, fazia esperar um pronto restabelecimento. Agravando-se porém o estado do enfermo, veio a falecer no dia 26 deste mês, no Palácio Guanabara onde estava residindo, quando estava próximo a comemorar o seu nonagésimo nono aniversário.

O general Manuel do Nascimento Vargas, filho do Sr. Evaristo José Vargas e de D. Luiza Tereza Vargas nasceu em Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, a 25 de Novembro de 1844. Tomou parte na guerra do Paraguai, figurando no cerco de Uruguiana, até a rendição de Estigarribia a 18 de Setembro de 1864. No posto de Alferes foi ferido em combate diante da Fortaleza de Humaytá, sendo promovido a tenente ajudante do 2.º corpo de Voluntários da Pátria, no ataque de Serro

Leão, obtendo, dois anos depois, o posto de capitão, por ato de bravura em Serro Corá. Terminada a guerra, passou a residir no município de S. Borja onde contraiu nupcias com D. Candida Dornelles.

Com a deposição do Dr. Julio de Castilhos, do governo do Rio Grande do Sul, o capitão Manuel do Nascimento Vargas, emigrado como republicano, tomou parte no concílio de Cáceres, onde se assentou a revolução, com os generais Liane Hipólito e Aparício Mariense. Retornando ao governo o Dr. Julio de Castilhos, Manuel do Nascimento Vargas, já agora no posto de Tenente - Coronel, volta para a sua estância, aí permanecendo até que no posto de Coronel, é chamado para organizar as forças da Quinta Brigada de Cavalaria, que é reunida a corpos de outros chefes na Divisão do Norte.

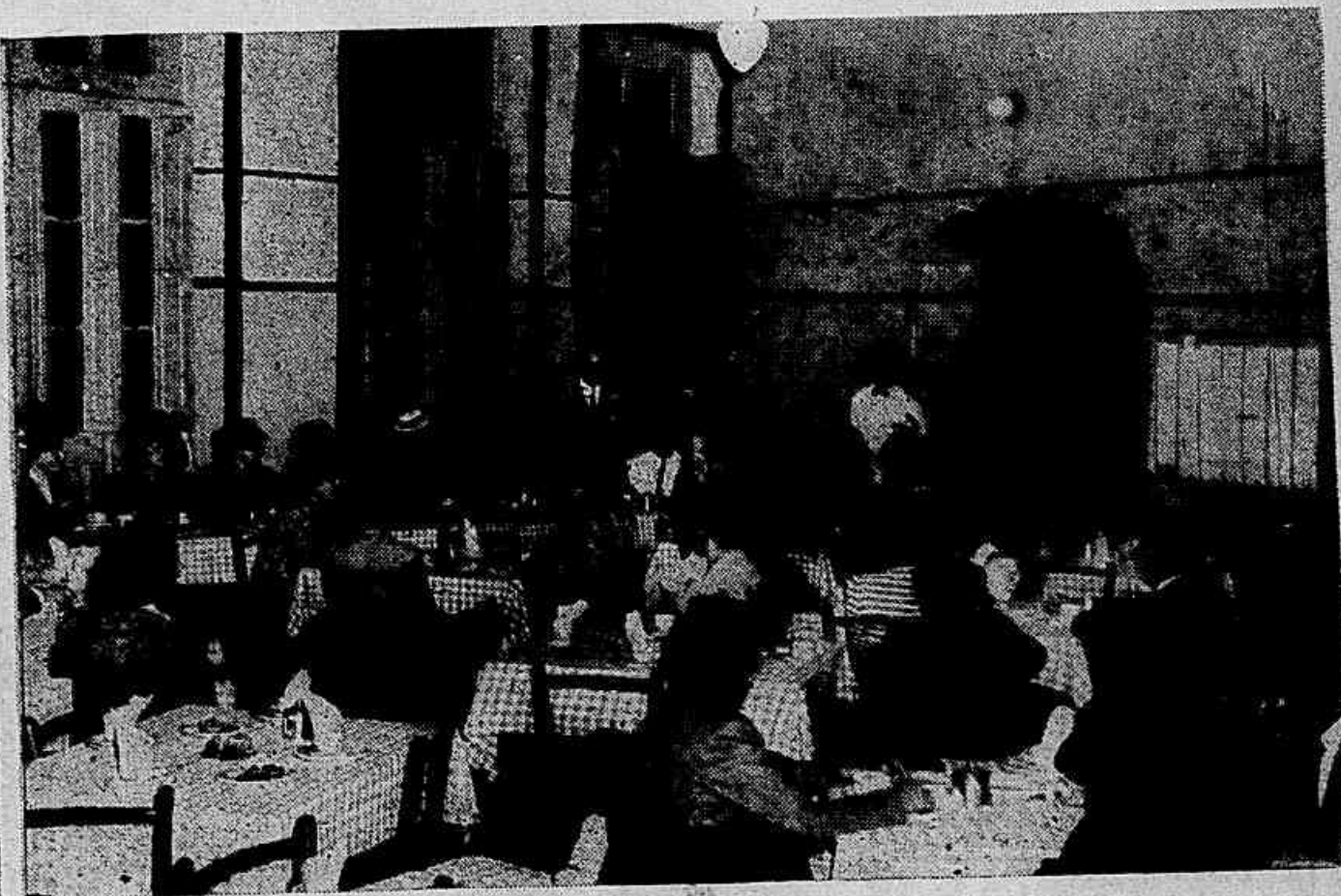
Organizadas as forças, o Coronel Nascimento Vargas segue para Uruguiana onde se incorpora às forças sob o comando de Hipólito Ribeiro, batendo os revolucionários no combate de Inhanduhy. De Bagé retorna a

São Borja para adquirir cavalaria, concorrendo com duzentos animais de sua propriedade. Esteve a seguir em Cruz Alta e depois no Paraná e Santa Catarina. Quando as forças regressam de Itajahy, são divididas em colunas, confiando-se ao comando do Coronel Nascimento Vargas a 4.ª e 6.ª Brigadas. A 31 de Maio de 1894 os rebeldes são derrotados e, após o combate do rio Pelotas, Manuel do Nascimento Vargas segue para Porto Alegre de onde se dirige para Tupacretan, incorporado à Brigada Militar comandada por Pantaleão Telles. A 1.º de Agosto as forças rebeldes são derrotadas, perseguindo-as o Coronel Nascimento Vargas, até a fronteira argentina. Terminada a luta volta a S. Borja sendo-lhe conferido o posto de General honorário do Exército.

Recusou uma cadeira de Deputado pelo partido Republicano, assumindo mais tarde a chefia do partido, candidatando-se a chefe do executivo. Eleito, produziu uma administração fecunda e brilhante, retirando-se depois à vida privada, cercado da consideração e do respeito do Brasil.



UM BUSTO DO PREFEITO EM JACAREPAGUA. Jacarepaguá viveu um dia festivo, com a manifestação de apreço prestada pelos seus moradores e comerciantes ao prefeito Henrique Dodsworth, que vem realizando naquela populosa foz uma série de melhoramentos, como a instalação de escolas e hospitais e calçamento de ruas e avenidas. O busto do homenageado foi inaugurado na praça Professor Camisão, sendo descerrado pela baronesa da Taquara. Falou nessa ocasião um morador da localidade, respondendo o prefeito Henrique Dodsworth que falou da sua gratidão e frizou que a série de melhoramentos no sertão carioca faz parte do programa traçado pelo presidente Vargas, do qual procura ser um fiel executor.



A Casa do Estudante do Brasil, Fundação de Assistência, Intercâmbio e Cultura, completou seu 14.º aniversário de existência. Esta benemérita instituição vem de iniciar sua Grande Campanha Financeira de 1943, destinada a obter donativos para a auxiliar na construção de seu edifício próprio, com um Chá oferecido por sua diretoria à sociedade carioca.

A foto que ilustra esta notícia apresenta um aspecto da reunião, quando o dr. Heitor do Nascimento e Silva, secretário da Comissão Executiva da Campanha Financeira, proferia algumas palavras de enaltecimento à obra de assistência aos estudantes que a C. E. B. vem denodadamente realizando.

De São Paulo



Quando fôr a São Paulo
... não deixe V.S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA Succadora de **MAPPIN STORES**
D. RAIMUNDO DE ALMEIDA, S. PAULO

PRISÃO do VENTRE?
Pílulas **ALOICAS**
REGULAM os intestinos SEM TORTURA-LOO.

DOR do ESTOMAGO?
AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS
Póps **BANKETS**

A semana da criança

Os festejos da *Semana da Criança*, promovida pelo Departamento Nacional da Criança e organizada em todo o país pela Legião Brasileira de Assistência, revestiram-se de excepcional brilho, imprimindo à solenidade um caracter de singular imponencia.

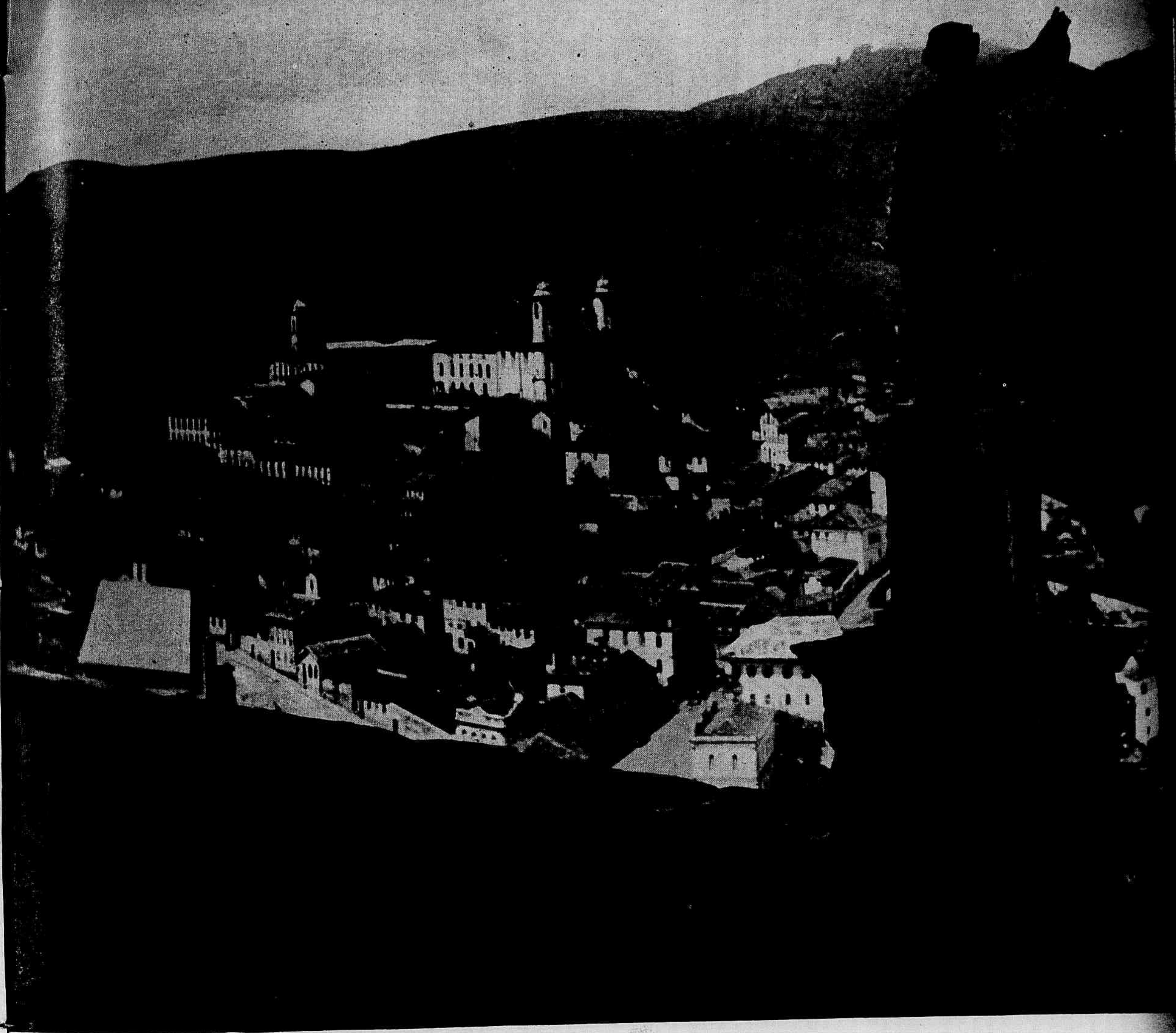
Em São Paulo o povo prestou decidido apoio, participando das comemorações, que se realizaram numa perfeita compreensão dos altos objetivos visados. A Semana da Criança é uma iniciativa que se propõe encontrar uma solução definitiva para os problemas que se relacionam com o amparo à infância. Um dos fatores da nossa pequena densidade demografica reside justamente na excessiva mortalidade infantil e, por isso mesmo, na terra bandeirante é intensa a luta em defesa das gerações que vão surgindo para servir à Patria nos dias de amanhã.

Nas fotografias que ilustram a pagina vemos, de cima para baixo e à esquerda: um aspecto tomado na Escola Caetano de Campos por ocasião do concurso de robustez infantil, que ali se realizou; a seguir um outro aspecto do movimentado concurso, vendo-se senhoritas da sociedade de São Paulo, pertencentes à Legião Brasileira de Assistência, quando concorriam para maior brilhantismo das solenidades da Semana da Criança em São Paulo; por ultimo vemos um dos vencedores do concurso de robustez infantil recebendo das mãos da diretora da Escola Caetano de Campos o premio que lhe coube.

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

Publicidade para esta Revista em São Paulo

Tratar á rua D. José de Barros, 323 - Tel. 4.7866

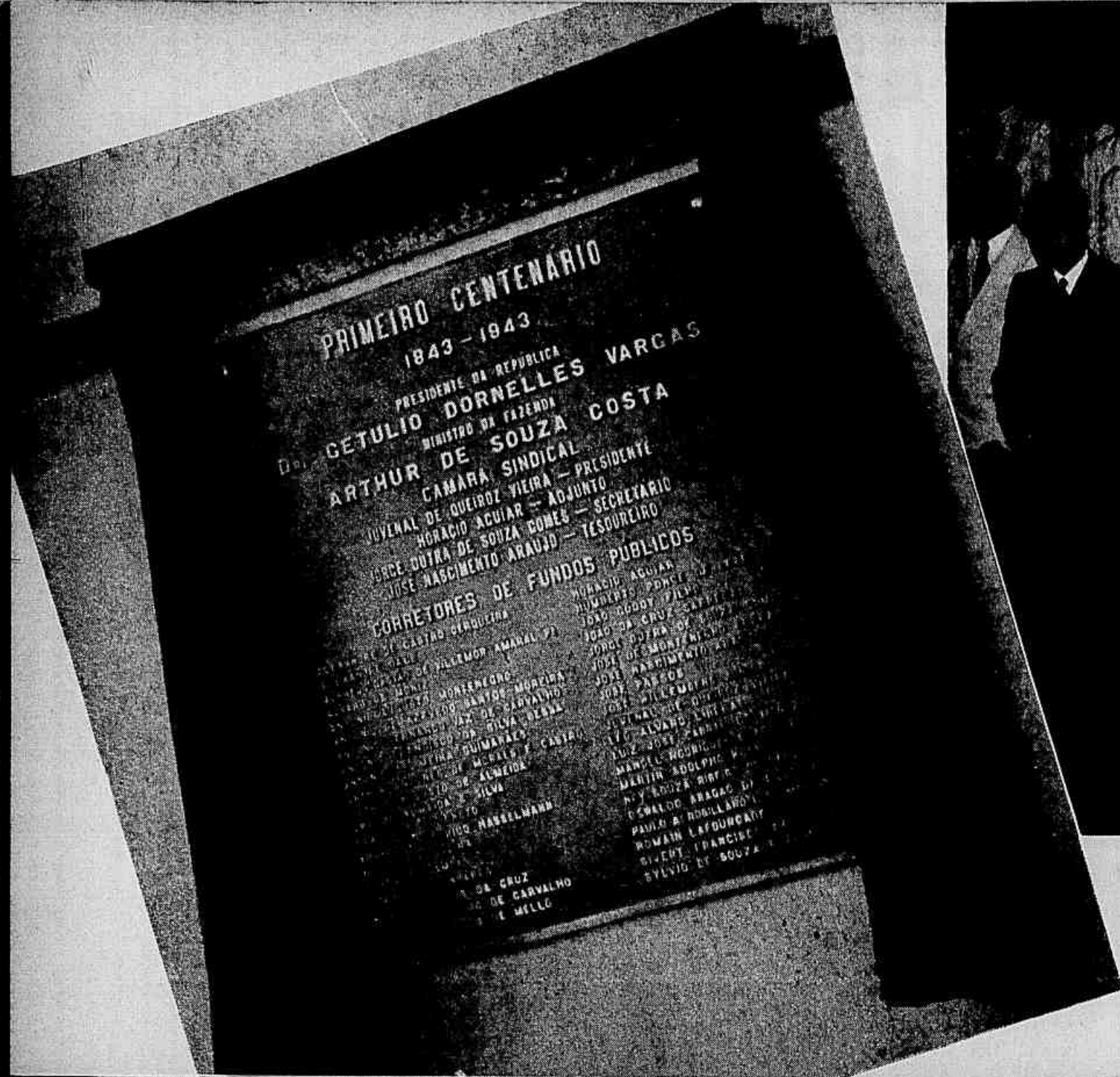


Ouro Preto está encravada na encosta de dois contrafortes da serra do mesmo nome. Denso nevoeiro desce frequentemente sobre a cidade emprestando-lhe uma feição de estranha melancolia e velada tristeza. Cidade de tradições históricas, conheceu a vertigem do ouro e das riquezas luzindo sob as pesadas botas dos aventureiros do século XVIII. A cidade está situada a uma altitude de 1.100 metros.

Na fotografia feita pelo nosso companheiro, Arnaldo Vieira, aparece parte da cidade, vista da Igreja de São Francisco de Paula. No primeiro plano um dos quatro apóstolos que se encontram no adro do templo.

Nossa Terra

♦ ♦ ♦ ♦



Aspecto da assistência á missa gratulatória, realizada na manhã do dia 21, na Matriz da Candelária.



CENTENÁRIO NA

A Bolsa de Valores do Rio de Janeiro e a Câmara Sindical dos Corretores de Fundos Públicos comemoraram, no dia 21 do corrente, o primeiro século do reconhecimento oficial, no Brasil, da profissão de corretor de fundos. Data de tão alta significação para a classe, foi a mesma condignamente festejada, iniciando-se as comemorações com uma missa gratulatória realizada na Matriz da Candelária, que teve grande concorrência, falando na ocasião monsenhor Henrique de Magalhães.

Às 14 horas daquele dia, reunidos todos os corretores desta capital e os representantes das Bolsas Estaduais, teve início solene pregão, que entretanto foi suspenso em homenagem à memória do pai do Presidente da República. Após, os presentes visitaram os quadros estatísticos sobre operações da Bolsa, gráficos, etc., expostos nos diversos salões do edifício.

Às 16 horas, realizou-se a inauguração da placa comemorativa da data, no hall do prédio da Bolsa. Falou no ato o sr. Juvenal de Queiroz Vieira, tendo o representante do Presidente da República descerrado o plano que encobria a placa. Seguiu-se a sessão solene, realizada no salão nobre, cuja presidência de honra coube ao representante do

A' ESQUERDA — Após a missa, o presidente da Câmara Sindical e os corretores à mesa filiados recebem os cumprimentos dos presentes. **NO CANTO, A' ESQUERDA** — Flagrante do pregão do dia 21, que foi suspenso em sinal de pesar pelo falecimento do gen. Manoel do Nascimento Vargas. **EM BAIXO** — No momento em que o comte. Abelardo Mata, representante do Presidente da República, inaugurava a placa comemorativa da data.





Grupo de convidados presentes á festa comemorativa, em companhia dos srs. Juvenal de Queiroz Vieira, presidente da Bolsa de Valores e da Camara Sindical, e Ernesto Stampa, presidente do Sindicato dos Corretores de Fundos Publicos, notando-se, entre outros, os representantes dos srs. ministro do Trabalho e interventor do Estado do Rio, o dr. Abelardo Vergueiro Cesar, secretario da Justiça de S. Paulo, o dr. João Daudt de Oliveira, presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro, os srs. Carlos Ferroni Herreros, Alvaro de Souza Dantas e Luiz Fontoura, presidentes das Bolsas de S. Paulo, Santos e Porto Alegre, e o sr. Vilemor Amaral, representante da Bolsa da Bahia.

BOLSA DE VALORES

Presidente da Republica fazendo parte da mesa os srs. representantes dos ministros da Fazenda, Exterior, Trabalho, Marinha e Viação e do presidente do Supremo Tribunal Federal, o dr. Abelardo Vergueiro Cesar, secretario da Justiça de S. Paulo, o dr. João Daudt de Oliveira, presidente da Associação Comercial, o representante do interventor Amaral Peixoto, os srs. Carlos Ferroni Herreros, Alvaro de Souza Dantas e Luiz Fontoura, respectivamente, presidentes das Bolsas de S. Paulo, Santos e Porto Alegre e o sr. Vilemor Amaral, representante da Bolsa da Bahia. Proferiu o discurso oficial o sr. Juvenal de Queiroz Vieira, que fez um histórico da vida da instituição a que preside. Falaram ainda os srs. João Daudt de Oliveira e o sr. Benjamim Café, da delegação da Bolsa de Valores de São Paulo, em nome das delegações das Bolsas de Valores dos Estados, e o sr. Abelardo Vergueiro Cesar, secretário do Interior de São Paulo.

Em seguida o sr. Ernesto Stampa, entregou ao representante do sr. Presidente da Republica uma medalha de ouro comemorativa do centenário da instituição.

A sessão foi encerrada pelo Presidente da Bolsa, sr. Juvenal de Queiroz Vieira, que agradeceu a presença das autoridades, dos elementos destacados da classe dos corretores e respectivas famílias.

O presidente da Bolsa de Valores falando no momento da inauguração da placa comemorativa.

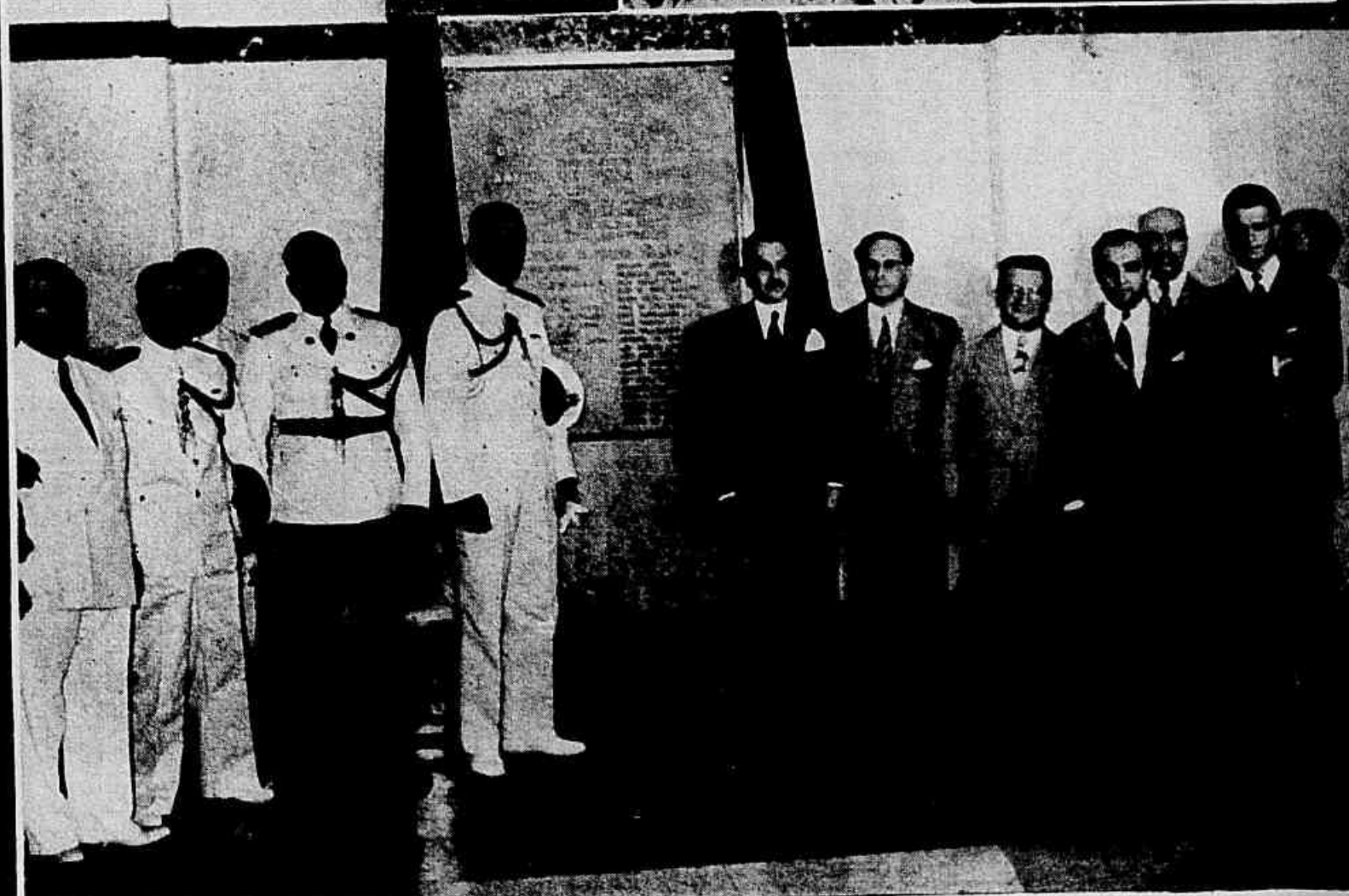
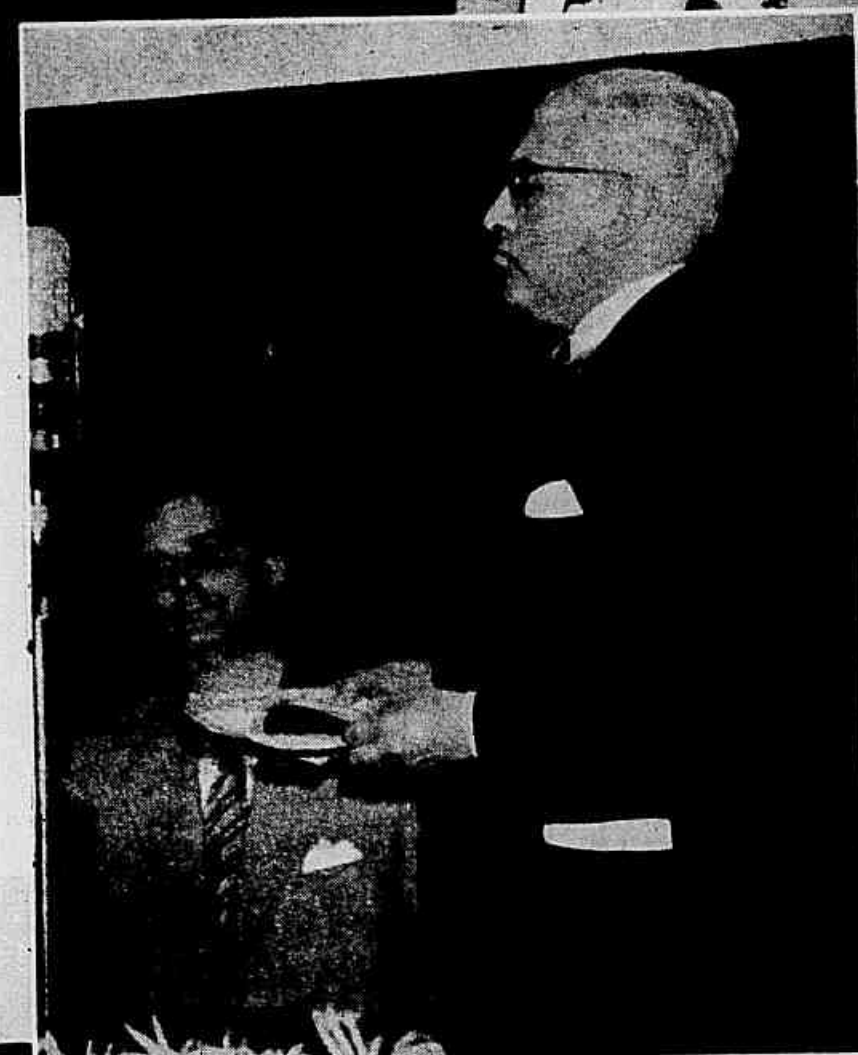


O presidente da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro pronunciando o discurso oficial da solenidade, vendo-se parte da mesa que presidiu à sessão.



EM CIMA — A assistencia á sessão solene. AO LADO — O dr. Abelardo Vergueiro Cesar, pronunciando o seu discurso.

EM BAIXO — As autoridades presentes posam para a nossa objetiva, ao lado da placa comemorativa do grande acontecimento.



Cinema A COMÉDIA HUMANA



A HISTÓRIA E "A COMÉDIA HUMANA" gira em torno da família Macauley que vive em Itaca, na Califórnia. Bondosos, amantes e simples constituem a espécie de personagens sobre os quais Saroyan costuma escrever. O filho mais novo é Ulisses (Jack Jenkins) que vive a contemplar toupeiras no seu quintal e a acenar para as pessoas que passam nos trens. Aqui ele está decepcionado porque ninguém responde a seus acenos.

O SARDENTO JACK JENKINS (à esquerda) é o astro infantil mais recente do firmamento de Hollywood. Em "A Comédia Humana", ele rouba cenas de Mickey Rooney e cativa para sempre o público.

A FE' DE ULISSES NA NATUREZA HUMANA é restaurada quando um negro a caminho do sul responde á saudação acenando e cantando. O menino volta para casa assobiando uma frase da canção repetidas vezes. Deixa-se para refletir sobre sua experiência e então bate no chão com seus calcanhares como um potro novo. Este é um característico de Ulisses quando fica alegre.

Em baixo — ULISSES E SEU AMIGO LIONEL (Darryl Dickman), o menino retardado da cidade, contemplam, na vitrine de uma loja, um "homem mecânico" que anuncia um produto médico. Ulisses começa a chorar. Seu irmão Homero encontra-o e pergunta-lhe si tem medo. Ulisses então une a palavra *medo* a suas emoções e sente uma nova experiência. Cheio de alegria grita: "Estou com medo!"



APÓS O JANTAR NO LAR DOS MACAULEY, Bess toca piano enquanto sua mãe toca a harpa. Ulisses contempla-as fascinado. Apesar de ter um pouco de sono, gosta de fazer algumas perguntas antes de ir para a cama. Pacientemente, Mrs. Macauley tenta explicar a ausência do filho mais velho, Marcus, que está no exército, e de seu marido que morreu há dois anos.

ATENHO todos os recordes de velocidade o nome de William Saroyan tornou-se lendário em todo lugar onde se vendem livros ou se representem peças teatrais. Aos 34 anos ele já publicou centenas de histórias e dez livros. Sete das suas peças foram levadas à Broadway. Agora ele acaba de escrever o argumento de um filme para a Metro-Goldwyn-Mayer, "A Comédia Humana", no qual traduz sua filosofia cuja idéia fundamental é que vivemos num mundo maravilhoso, povoado de beleza.

Como escritor, Saroyan captou a atenção do público, não só por sua habilidade em escrever uma peça de três atos em três dias, como também para afirmações como esta: "Sou o maior escritor do mundo." Em 1940, tornou-se o "enfant terrible" da América, recusando o Premio Pulitzer concedido a sua peça "The Time of Your Life".

Este ano, Saroyan lançou mão de outro truque. Muitos filmes são tirados de novelas já publicadas. Mas Saroyan, invertendo o processo usual, foi primeiro a Hollywood e escreveu "A Comédia Humana" como filme, para depois convertê-lo em novela. O livro e a versão cinematográfica apareceram simultaneamente. Como livro, "A Comédia Humana" galgou rapidamente a classe dos "best-sellers". Como filme, é uma experiência rara na tela. A simples história de uma família americana na guerra é completada pela compreensão humana de Saroyan e seu amor da vida. Dirigido por Clarence Brown, o filme é admiravelmente desempenhado por um "cast" tendo à frente Mickey Rooney, Frank Morgan e Fay Bainter. A grande descoberta de "A Comédia Humana" é o sardento Jack Jenkins, de cinco anos de idade que se transformou num astro cinematográfico da noite para o dia.



DE VOLTA PARA CASA, Ulisses senta-se no quadro da bicicleta de seu irmão Homero (Mickey Rooney), vai ao colégio, tem um namoro com uma pequena, corre nas competições escolares, mas aprende muito mais sobre a vida como mensageiro dos telegramas após sua tarefa escolar. O filme está cheio de episódios simples e encontra seu interesse dramático no modo de vida de uma pequena cidade durante a guerra.



DE PASSEIO NUM SABADO À TARDE, Homero e Ulisses param para conversar com Lionel que está numa fila à porta de um cinema. Como não tem dinheiro, Homero pergunta-lhe porque está ali esperando si não pode comprar sua entrada. Lionel, então, com a filosofia saroyana, responde: "Eu estava sozinho. Vi essas pessoas aqui em pé e resolvi ficar com elas."

ESCRAGNOLLE DORIA

Tratado Ressurgido

WINSTON CHURCHILL, primeiro ministro, tem saído bastante de Downing Street, sua residência oficial, para ir à Câmara dos Comuns onde móra soberano o parlamentarismo inglês, voz infatigável da opinião pública.

A 12 de Outubro de 1943, Churchill não foi à Câmara dos Comuns apresentar um desses relatórios que o governo de um país livre oferece a mandatários legislativos atrás dos quais se aglomera a nação desejosa de saber para onde a levam os seus condutores.

Os atuais relatórios de Churchill versam sempre assuntos belicosos em pormenorizada explicação do papel e dos esforços dos dirigentes da Grã-Bretanha na maior guerra lançada ao registro da história universal. Churchill de hábito proclama vitórias e oculta reveses. Toda luta armada, até o dia do vencedor ou dos vencedores, conhece estas fases.

Notório é o afeito britânico ao tradicionalismo. Os tempos de um país formam cadeia; suporta a montão de élos soltos nem se deve dizer o que é, porque demais se diria.

Acaba Churchill de recorrer ao passado, de marca cada vez mais poderosa no presente para escarmento de quantos na brevidade de uma só geração julgam que nada têm a ver com as gerações de ontem nem de amanhã. Pensam bastar-se, a presunção sempre pessima conselheira.

A 12 de Outubro de 1943 — justo no dia da América — Churchill declarou à Europa e à pátria representada na Câmara dos Comuns, que Portugal, sem desamparo de neutralidade até agora mantida, concordava em ceder certas facilidades a um dos beligerantes.

Cedia "às facilidades" o arquipélago dos Açores. Para este, mesmo na paz armada, muitos se voltavam pensando em presa. Conhecem-a os falconídeos de nome zoológico lembrado no insular do arquipélago vulcânico às águas do Atlântico.

Comunicou Churchill aos Comuns que a base da cessão das importantes bases açorianas, geográficas pelo mero, era um tratado. Estaria este ainda molhado de tinta fresca? Eis a resposta imediata: data o tratado de quase seis séculos. Oh! deve ser o redondo abrir de boca de quem acredita nunca ter havido homem na terra senão ele.

No seu idioma Churchill leu as seguintes palavras, logo passadas telegráfica e jornalisticamente ao mundo expectante:

"Tenho uma declaração a fazer à Câmara a respeito do tratado entre a Inglaterra e Portugal em 1373, reinantes Sua Majestade Eduardo III e Fernando I.

Tal acordo achou-se revigorado, por várias formas, nos tratados de 1386, 1642, 1654, 1660, 1661, 1803, 1875 e em declaração secreta de 1899.

Nos tempos mais modernos a validade dos velhos e citados acordos foi reconhecida em tratados concluídos pela Inglaterra e Portugal em 1904 e 1914.

O artigo 1.º do tratado de 1373 reza:

"Preliminarmente estabelecemos e concordamos que haverá, de agora em diante, amizade, união e aliança verdadeiras, constantes, mutuas e perpetuas e também necessidade de sincera afeição e que na qualidade de amigos verdadeiros e fieis, seremos daqui por diante reciprocamente amigos dos amigos e inimigos dos inimigos, ajudando-nos mutuamente por mar e por terra contra todos os homens que possam viver ou morrer."

O compromisso durou até agora — cerca de 600 anos — o que é caso sem paralelo na história do mundo.

Ha muito que lêr em tão breves linhas. Lêr só com os olhos e sem refletir é passear apenas vista sobre caracteres tipográficos ou não.

Neste 1943, já em ocaso, a voz de Churchill ergueu-se para anunciar a ressurreição do pacto do século XIV, utilizado no século XX, e firmado entre soberanos de 1373, o que leva a remontar assás na folhinha.

Se resurgiu o tratado não ha motivo para deixar em olvido. Sua Majestade Eduardo III e Sua Alteza Fernando I, D. Sebastião o primeiro rei luso a ter tratamento majestático.

Churchill trouxe de arquivos à luz da publicidade o tratado de 1373 tendo-o como renovado sinal de fidelidade entre duas nações. Ao primeiro ministro inglês não falta já iconografia, nem lhe escasseiam biografias expositores de sua vida e analisadores de sua personalidade de rocha.

Profundamente recuados na História na noite dos tempos da frase feita, Eduardo III e Fernando I merecem alguma lembrança ao reaparecerem em 1943. Pode-se falar deles em inteira liberdade, já não podem dar nada.

O principal papel de Eduardo III na história inglesa é o de inaugurador da Guerra dos Cem Anos pondo em combate a França e a Inglaterra alem de século como efeito de causas remotas e proximas, de ordem dinástica ou não.

No fundo de toda guerra se descobrem interesses comerciais. Sabe-se o que a lá representou na abertura da Guerra dos Cem Anos, de períodos diversamente divididos pelos historiadores aos quais o subtracção humano impede a concordância.

Conquistar a terra sempre foi trazer a vitória do mar. Não acudisse o oceano encapelado e não se sabe o que poderia ter sucedido à Inglaterra se lhe chegasse a In-

vencível Armada, de cujo desastre em magoada altiva filosofia se consolou Felipe II ao declarar que a Armada ia combater homens e não oceano em furia, desculpa não sem grandeza no infortunio.

Na Guerra dos Cem Anos as primeiras vitórias inglesas vieram do mar para posse da terra. A derrota naval da Eclusa cau ou a dispersão e o dano da frota mais genoveza que francesa por sua maruja. A investida contra Calais e a tomada da cidade completaram a obra da Eclusa, permitindo aos ingleses de 1347 o estabelecimento daquilo de que ora se faz hoje tanta praça, uma cabeça de ponte.

Sem proseguir no historico da Guerra dos Cem Anos é entretanto impossível mencioná-la sem home-

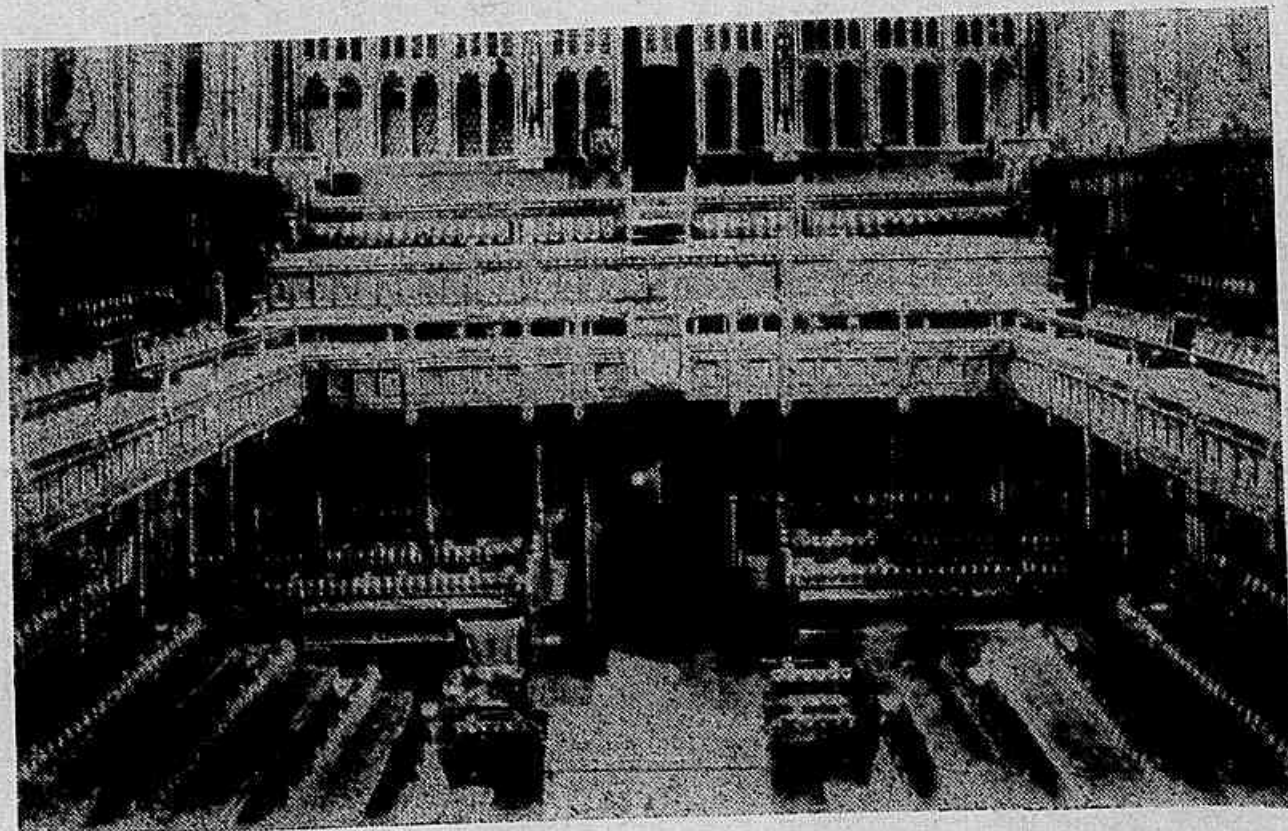


Aspecto do recanto funerario na abadia de Westminster na qual se acha o sarcófago de Eduardo III.

nagem à salvadora da França, a extraordinária Joana d'Arc, *la bonne lorraine* dos versos de Villon.

A' vista do tratado ora invocado por Churchill, para que em 1943 as partes contratantes de 1373 se mostrem amigos dos amigos e inimigos dos inimigos, cumpre considerar mais de perto Eduardo III da Inglaterra e Fernando I.º de Portugal, signatários do acordo que só se deixou empoeirar em política.

Eduardo III pertencia à casa dos Plantagenetas, na qual a gesta posta em capacete sahira da botânica para entrar na história. Invocando sangue materno, achou-se Eduardo III com direitos à corôa de França,



Aspecto da Câmara dos Comuns na qual Churchill fez ressurgir o tratado anglo-luso 1373.

não lhe bastando o trono da Inglaterra ao qual subira em 1327. Então pela primeira vez o parlamento depuzera um rei, Eduardo II, pai de Eduardo III. No reinado deste, o parlamento tomara forma definitiva, em Câmara alta os barões e o clero superior, em Câmara dos Comuns os representantes da aristocracia média e os deputados das cidades e dos burgos.

Já foi lembrada a importância da lá na abertura da guerra dos Cem Anos. Mesmo nos apertos desta, Eduardo III presenteava. A Afonso XI, rei de Castela e Leão, mandava raças finas de carneiros ingleses, os ovideos tornados uma das principais fontes de riqueza da península iberica.

Sustentando guerra externa, Eduardo III tinha de acudir a outra interna, a da peste. Em 1348 e 1349 devastou a Europa ocidental com furia de campo de batalha. A lembrança do flagelo a encontrará quem lêr o Decamerão de Bocaccio, narrador por dez dias.

Em 1349, não sem recordação da liga da condessa de Salisbury cahida num baile, Eduardo III creava a ordem da Jarreteira de tanta expressão anti-maliciosa na sua divisa do *Honni soit qui mal y pense* salvaguarda da convidada ao baile no seu entremostrear de perna de crêr bonita.

Vencedor em Crécy — o nome da batalha é mais comprido como o do sitio onde ela se ferio, Crécy-en-Ponthieu — Eduardo III por suas armas derrotou João o Bom na batalha de Poitiers, nome mais de uso na história que o do local da batalha, a aldeola de Maupertuis, nome que um geometra e astrónomo pacificamente tornaria celebre.

A paz de Brétigny, outra aldeola a nomear tratado, entregou a Eduardo III o sudoeste da França, conservando ele a cabeça de ponte de Calais.

Numa Europa onde a guerra, aqui, ali, acolá nunca socegava, morria Eduardo III em 1377, poisada a corôa em cabeça infantil, a de Ricardo II, filho do príncipe de Galles morto em 1376. Tres tios do rei menor exerceriam regencia, à qual, como protesto a um imposto injusto, Wat Tyler à testa de cem mil camponeses viria a Londres de onde os visitantes só se retiraram quando tiveram satisfação. Wat Tyler, o chefe, era ferreiro, sabia que o ferro se bate enquanto quente.

Venha agora lembrado o outro rei signatário do tratado invocado por Churchill em 1943.

Fernando I, nono rei de Portugal, e o ultimo na dinastia afonsina, era coimbrão, filho de D. Pedro I tão inclinado às castelhanas, na vida e na morte. Sabelo-iam D. Constança qual esposa e a Inez de Castro levada de Santa Clara de Coimbra a Alcobaca para rainha defunta.

Exaltado ao trono aos desesseis anos, D. Fernando foi a solio com um cognome de bom agrado, o de Formoso. Chamou-se D. Fernando a amores tortos com Leonor Telles, a que tem dado tanto que fazer a historiadores, poetas e romancistas no condenal-a ou celebrá-la.

Grandes desacertos de más consequências afetava o reinado do Formoso. A natureza mais o dotara no exterior da presença que no interior dos sentimentos. O povo começou por amal-o, acabou o malquerendo, nesse particular D. Fernando lembrado por Luiz XV no século XVIII.

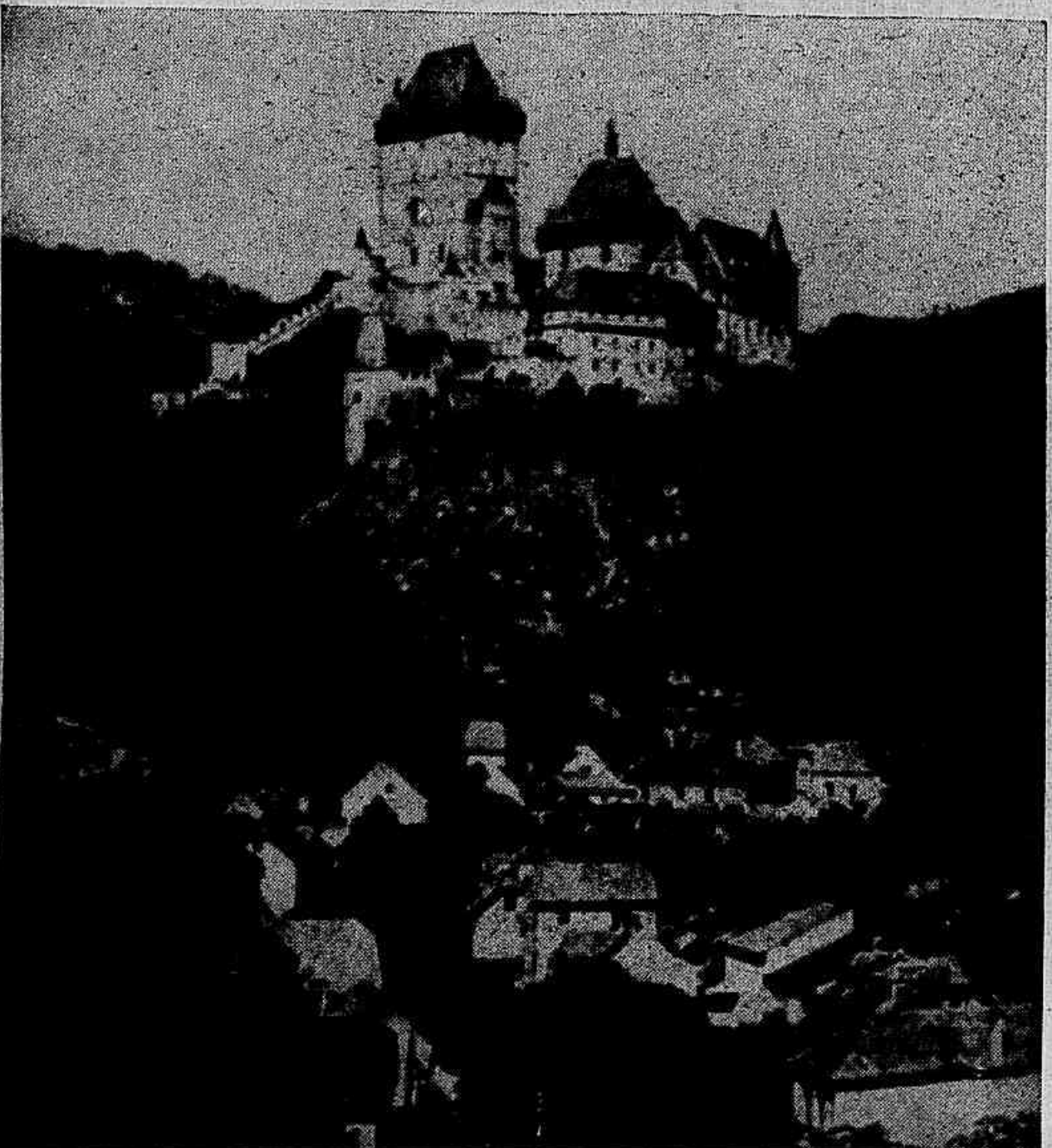
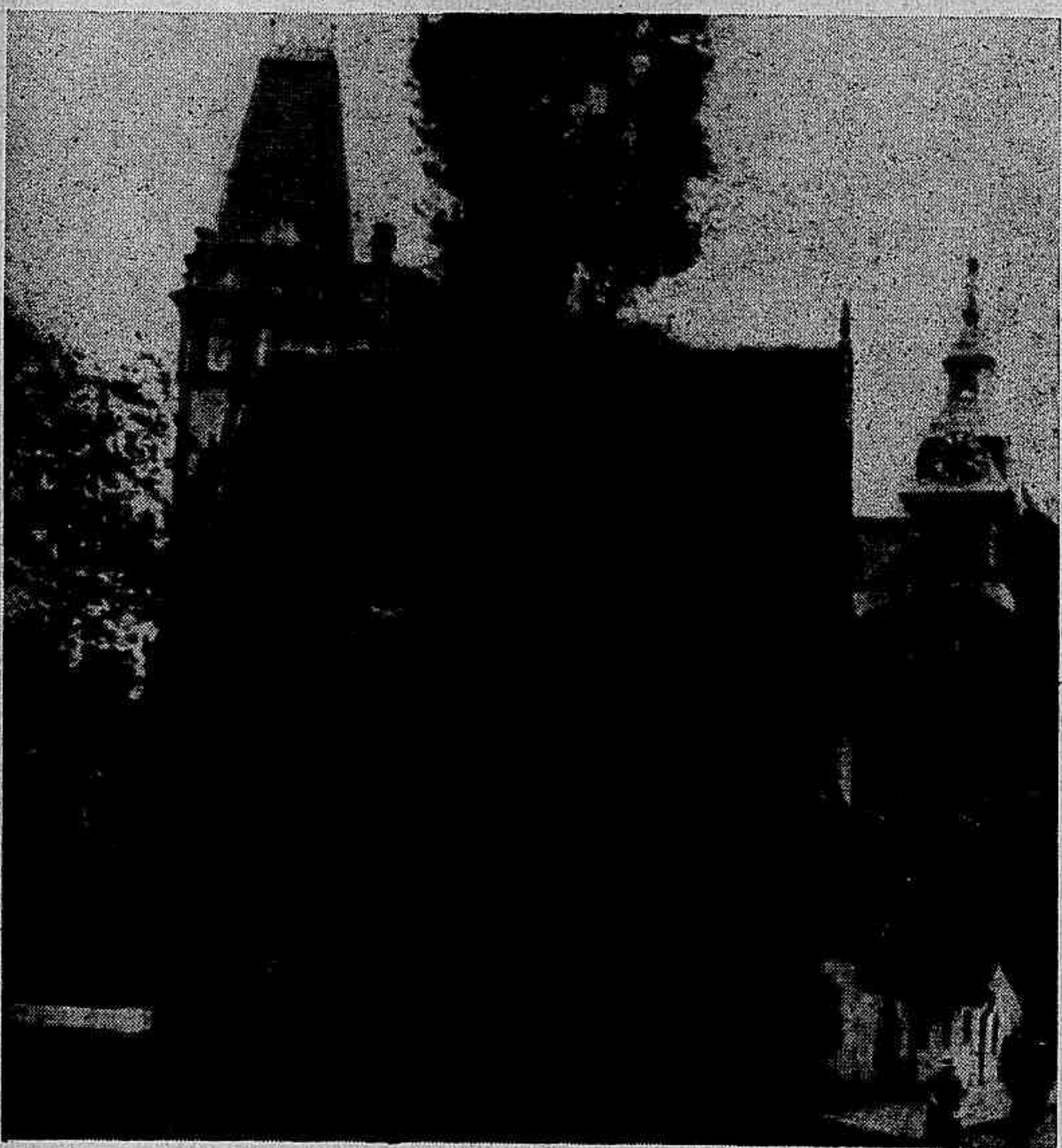
Não se desconheçam as coisas boas do reinado de D. Fernando, estimagissem-se as más. Por cinco vezes D. Fernando, rei absoluto, reuniu cortes para tomar medidas de acordo com voto popular. E na defesa das liberdades publicas o "senão, não" das cortes portuguesas tinha peso.

Do reinado de D. Fernando data a lei das sesmarias de alcance social, o rei protetor da agricultura, da navegação por meio de uma sociedade nautica em que lucros e perdas corriam por conta de socios, assim os sinistros marítimos não indo ao dano das empresas particulares. Todos por um.

Inconstante, belicoso, prodigo no exagero da liberalidade, mas afável e não vingativo, D. Fernando, coimbrão, singularizou-se removendo para Lisboa a universidade de Coimbra, para só voltar esta à cidade do Mondego por ordem de D. João III.

Em Outubro de 1383 morria D. Fernando em Lisboa. Desaparecia viril, aos trinta e oito anos ora bem ora mal empregados, rei aos vinte e dois anos com tempo para amadurecer. Sem pompa o levaram a tumulo, em habito franciscano, ao convento dos franciscanos em Santarem, o convento em 1907 quartel de artilharia, cavalariça a nave da sua igreja.

Na abadia de Westminster um sarcófago de marmore e nele uma estatua de metal dizem inutil procurar Eduardo III no seu pó de seis séculos.



AS TORRES DE PRAGA ESTÃO DE PÉ

No dia 28 de Outubro, comemorou a Tchecoslováquia mais um aniversário da proclamação da independência em 1918. Essa efeméride assume, no momento, um significado especial em vista da guerra que ainda pesa sobre o mundo civilizado. A história dos tchecoslovacos, por tantos títulos gloriosos, é toda cheia de lutas memoráveis; que sempre puzeram à prova a bravura dos seus filhos e seu espírito combativo e indomável. Primeira propagadora do cristianismo entre os Slavs do Oeste, a nação tcheca teve que lutar desde os primórdios da sua história, contra a pressão do seu poderoso vizinho do Norte.

Várias vezes saqueada, como por exemplo na primeira metade do século XV, e, mais tarde, no desenvolver da guerra dos trinta anos, a Boêmia jamais sentiu arrefecer o seu alto espírito de independência e seu culto à liberdade. No ano de 1620, a Boêmia perdeu a sua independência "de fato" — não "de jure", mas reconquistou-a depois da guerra de 1914 - 1918, pela vitória dos legionários organizados pelo grande filósofo Masaryk, na França, Itália e Rússia, usufruindo sob o novo nome de Tchecoslováquia, vinte anos de paz, de trabalho, de prosperidade.

Em Setembro de 1938, porém, a gloriosa terra sentiu, mais uma vez, o peso da pressão do seu inimigo secular e foi obrigada a ceder-lhe as suas fronteiras estratégicas, de vés não lhe era possível resistir. Seis meses mais tarde, a Tchecoslováquia inteira foi ocupada pelas forças armadas nazistas, como depois outras nações européias, e alguns meses adiante a guerra irrompeu, apesar do sacrifício da Tchecoslováquia.

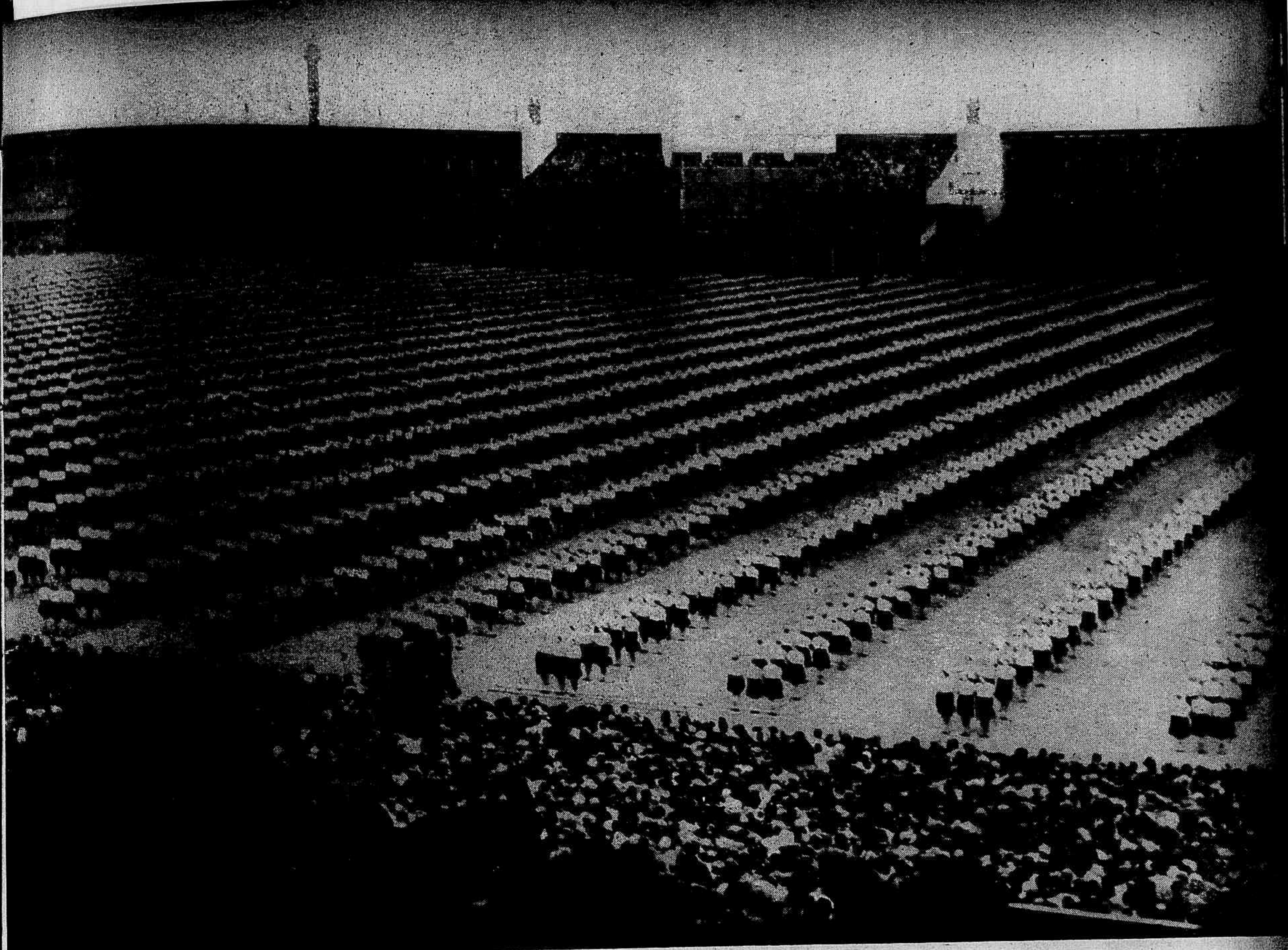
A desgraça, porém, não a abateu e nem sequer diminuiu as energias do povo tcheco. A chama sagrada da liberdade e da dignidade humana ali não se extinguiu. Na pátria, os tchecoslovacos resistem como podem ao invasor. No exterior, os filhos das plagas, de Masaryk organizaram um exército na França, logo no início da guerra que, depois da capitulação desta, refugiou-se na Inglaterra, de onde continua lutando ao lado dos exércitos das Nações Unidas.

Dirigindo-se ao povo da Tchecoslováquia no aniversário do acordo de Munich afirmou Anthony Eden — "Vossa nação, três anos depois de ter sido desmembrada se apresenta mais unida e mais forte do que nunca. Sabereis como lidar com a tirania de Heydrich, como soubestes tratar a opressão de von Neurath. O heróico e indomável povo tchecoslovaco que não entrará nunca em acordo com o conquistador, é um dos aliados da Grã-Bretanha. O mundo saberá que jamais fraquejastes."

A Tchecoslováquia, como tantos outros países, vítima da agressão não provocada, tem também o seu governo em Londres, chefiado pelo presidente Benes, amigo pessoal e sucessor do presidente Libertador Masaryk, e esse governo, reconhecido plenamente como governo legítimo da Tchecoslováquia, pela Inglaterra e seus Domínios, pela Rússia, pelos Estados Unidos, pelos países aliados e outros, emprega e anima os esforços dos tchecoslovacos espalhados pelo mundo que labutam pela redenção da pátria nessa hora sombria de sua existência.

O povo tchecoslovaco, oprimido cruelmente na pátria e lutando contra o inimigo no exterior, une-se na sua resolução de reconquistar a sua liberdade e conserva a confiança de que melhores dias ainda lhe estão reservados nos destinos do mundo, é a sua fé inalterável na vitória, sobre as forças do mal arregimentadas por Hitler e seus satélites.

No Brasil, a Tchecoslováquia sempre encontrou a maior simpatia, essa simpatia que caracteriza o brasileiro, amante da Liberdade e da Justiça, sempre devotado e generoso para com os oprimidos, esse Brasil que foi o primeiro pela grande voz de Ruy, a gritar contra a invasão da Bélgica e que também hoje não hesita em formar ao lado das Nações que lutam pela felicidade do mundo.



Masaryk, em 18 de outubro de 1918, proclama a independência da Tchecoslováquia em Washington e, dez dias depois, é a vez de Praga. Com um intervalo de dois dias, o Conselho Nacional Slovaco assenta a união da Eslováquia, da Boêmia e da Morávia num único Estado independente. E assim após mil anos de separação, tchecos e eslovacos se reúnem ressuscitando o Estado tcheco, finalizando, dessa maneira, um período de trezentos anos de desentendimento. A Tchecoslováquia se conta pois entre os países surgidos após a guerra de 1914 - 1918. E se 1928 marcava o decênio da sua nova existência, no ano seguinte festejava-se o milênio do nascimento do Estado Tcheco. É um Estado mais antigo que o reino de Guilherme o Conquistador. Há quase 600 anos se fundou a Universidade de Praga, a mais antiga da Europa Central. No flagrante seguinte vemos a Sinagoga de Praga, que data do século VI, convindo lembrar que a Constituição dá a todo súdito completa liberdade de culto. O Estado reconhece todas as igrejas que observem as leis estabelecidas e torna extensivos os subsídios oficiais a quantas estejam reconhecidas oficialmente.

A' esquerda, de cima para baixo: o primeiro aspecto é um flagrante característico de Praga a Capital da Tchecoslováquia.

No aspecto seguinte o castelo Karmolno Tyno cuja construção data do século XV, e que está situado nos arredores de Praga. A Tchecoslováquia possui um grande número de monumentos históricos e Praga é incontestavelmente uma das cidades mais ricas em

monumentos arquitetônicos medievais, e quanto à sua situação, à variedade da sua arquitetura e beleza do conjunto se classifica entre as mais belas cidades da Europa.

A' direita de cima para baixo: exibição de ginástica dos Sôkols. Esta denominação foi colhida pelo historiador Tonner, nos cantos e lendas da Yugo-Slavia. O "sokol" (falcão) indica um varão ousado e forte. O objetivo dos sokols é o desenvolvimento físico e moral do povo tcheco. Consideram-se irmãos, sem atender a diferenças de idade e de condição social. A saudação usual — Nazdar — (boa sorte) diz muito bem do espírito de camaradagem que reina entre eles. O seu uniforme é assim constituído: camisa vermelha dos garibaldinos, botas de cano alto, uma pena de falcão na barretina e a cintura enfaixada de negro. O resto do traje é de cor parda. A fundação dos sokols em 1862, dentro do princípio de que "a educação física e moral deve permitir a nação reconquistar a liberdade e afrontar a concorrência dos outros países".

O aspecto seguinte fixa soldados da Tchecoslováquia, na Inglaterra, onde se adiestram em todos os exercícios físicos, enquanto aguardam o momento de seguir para a frente de combate ao lado dos soldados das Nações Unidas.

Por último um flagrante de mulheres tchecas, que vem dando mostras de um soberbo patriotismo e de um total espírito de sacrifício ao lado dos russos.

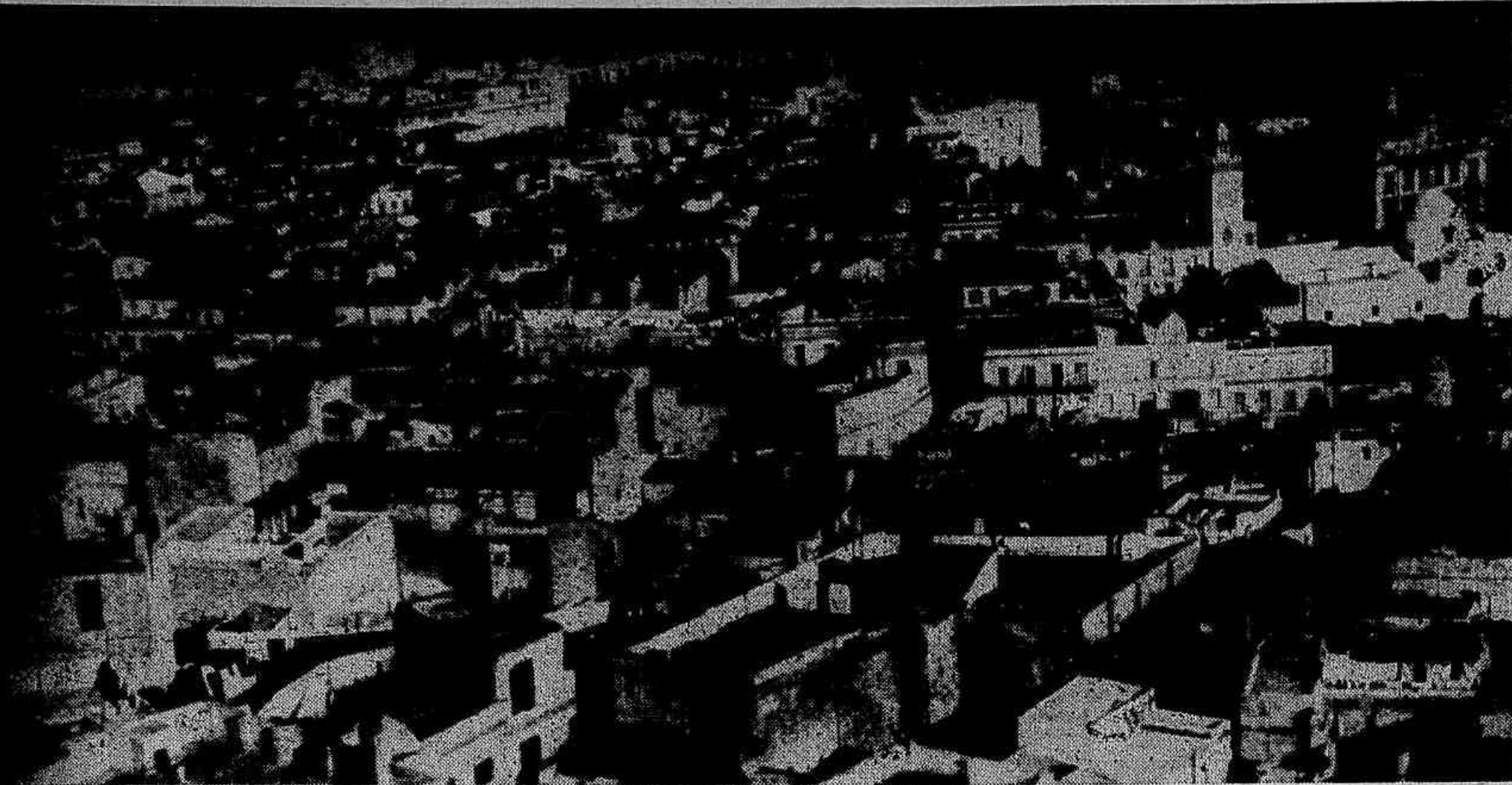


AS GRANDES CENAS DA GUERRA

ESTA reconstituição do afundamento do "Courageous", feita sem documentação fotográfica, de acordo com o relato impressionante de um sobrevivente do grande vaso de guerra torpedeado em alto mar, no dia 17 de Setembro de 1939, por um submarino nazista, é uma página de dramática intensidade e que traduz a coragem indomável do marinheiro britânico. Vemos o gigantesco porta aviões já prestes a desaparecer no abismo criado pelo torpedo inimigo. O comandante Makeig Jones, na ponte de comando, envidou todos os esforços para salvar o maior número de marinheiros. E terminada esta heróica tarefa afundou com o barco que comandava e que para ele era toda a sua razão de ser.

A guerra submarina desfechada logo no início, feita sem restrições e sem quartel, posta toda ela a serviço de uma ideologia que se funda na violência e no desprezo mais completo da vida humana, pareceu a todos aqueles que se deixaram impressionar pela hoje silenciosa trombeta da propaganda germanica, capaz de abalar o prestígio tantas vezes afirmado da Home Fleet, e conduzir à vitória as hostes de Hitler. Em todos os mares armava-se a sinistra tocaia do torpedo. Verdadeiras alcateias de submarinos rondavam a procura de preza onde saciar a sede dos que pensaram criar para o mundo uma "Nova Ordem", com desprezo dos mais elementares princípios de humanidade e de decência. Mas não havia de durar por muito tempo a série de covardes atentados cometidos na sombra das emboscadas. Hoje comboios fortemente protegidos cruzam as grandes rotas dos mares desafiando o inimigo que se esconde. Quase não encontram mais os nazistas vítimas inermes e desprotegidas para gritar vitórias. Cresce o número de submarinos afundados e nos estaleiros das Nações Unidas são construídos novos vasos de guerra, que aproximam cada vez mais a vitória.

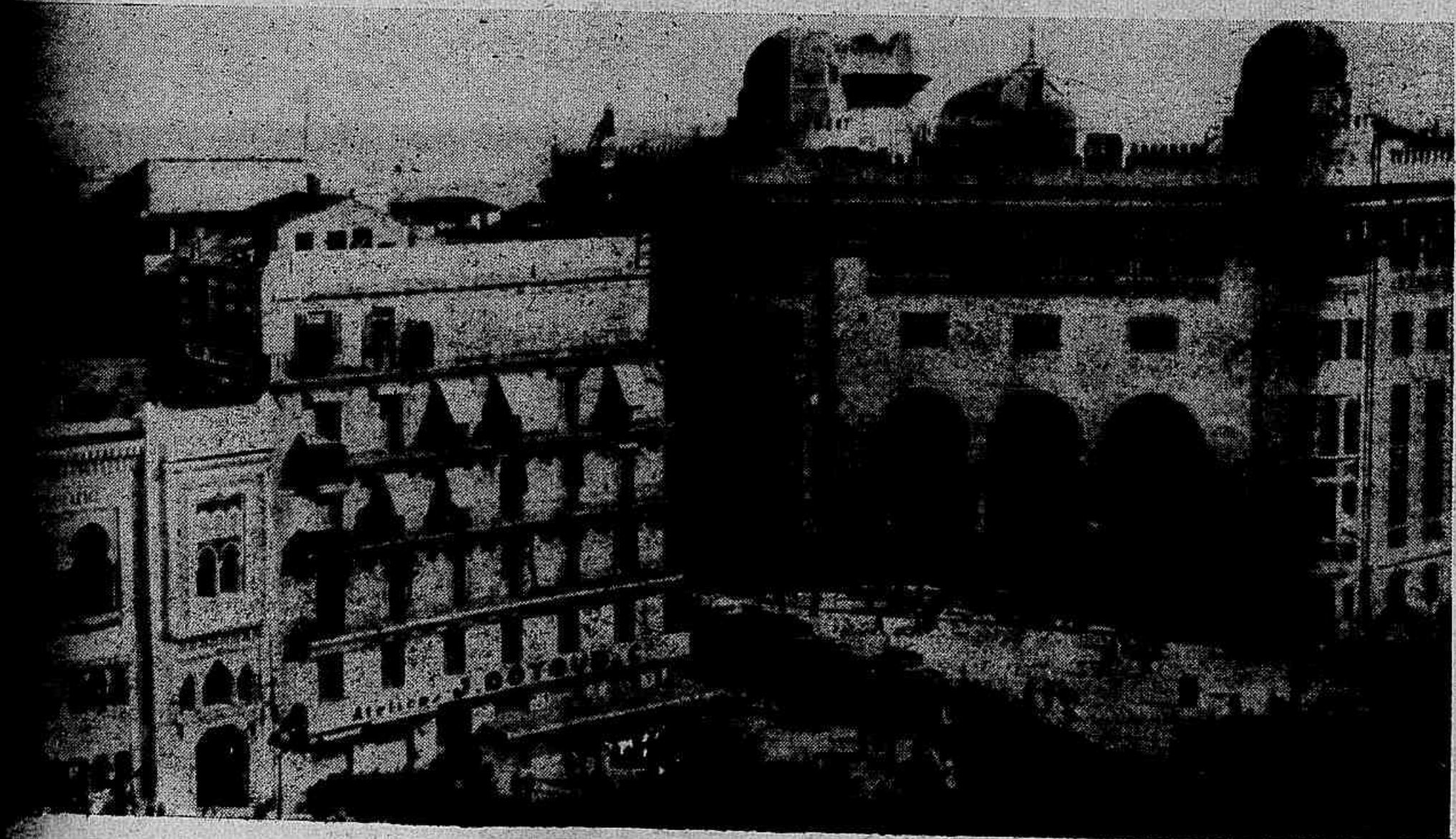
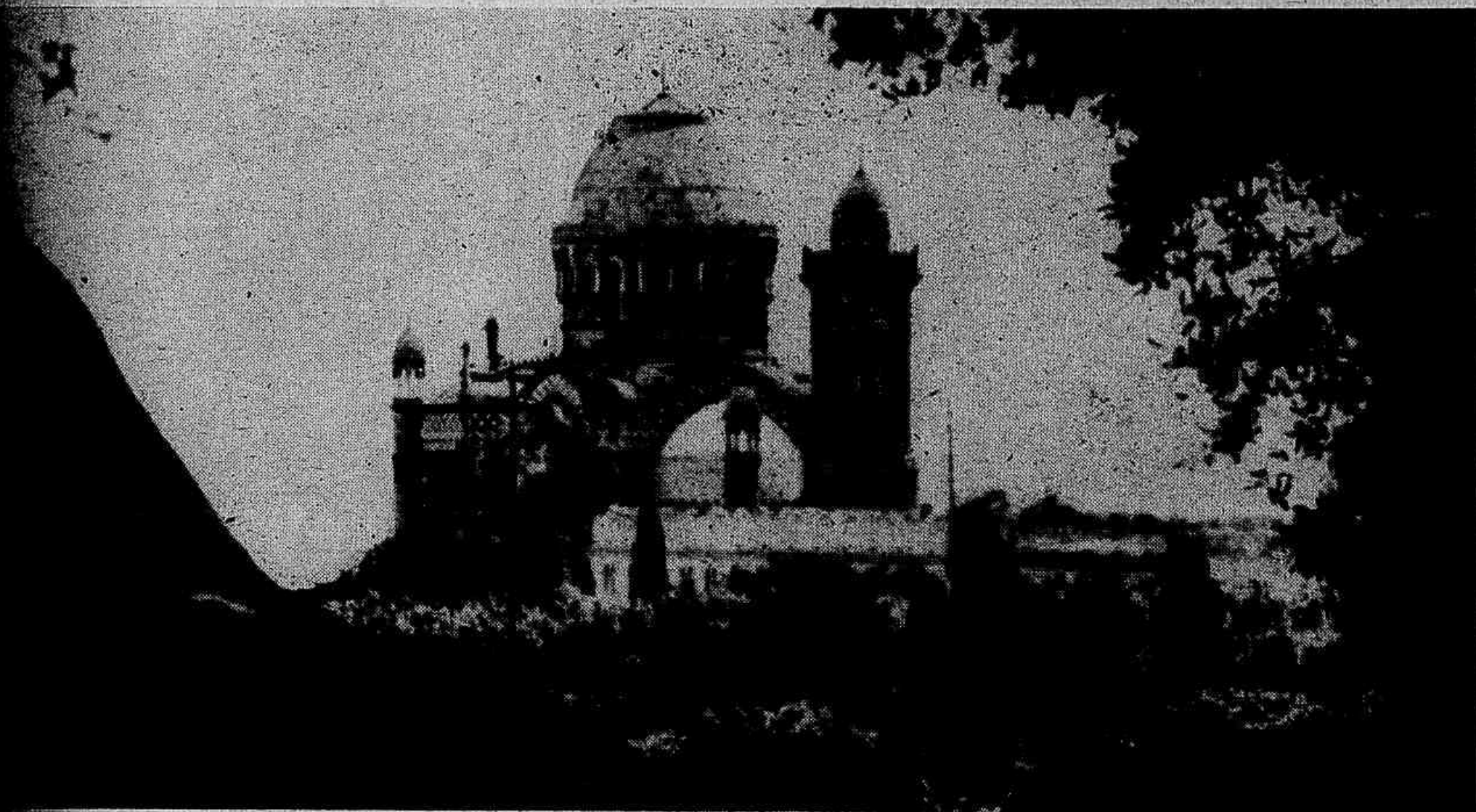
Leitor: Guarde esta página. Ela documenta uma cena das mais empolgantes na maior guerra que já convulsionou a humanidade.



Ao alto:
PANORAMA DE ARGEL.

Ao centro:
IGREJA DE NOSSA SENHORA DA AFRICA.

Em baixo:
EDIFÍCIO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS
EM ARGEL.



O MAIOR dos

árabes e turcos dominaram-na, despoticamente, durante doze séculos, transformando-a em escrava do Islam.

Foi no período romano, quando o Cristianismo fazia prosélitos entre cativos e aristocratas, pobres e ricos, latinos e bárberes, que nasceu na modesta Vila de Tagaste aquele que viria a ser o maior dos africanos.

Augustinus era filho de humildes agricultores. O seu lar, iluminado pela religião de Jesus Cristo, parecia um oásis em meio ao islamismo invasor, a cuja sombra os árabes fanáticos cometiam incriveis atrocidades.

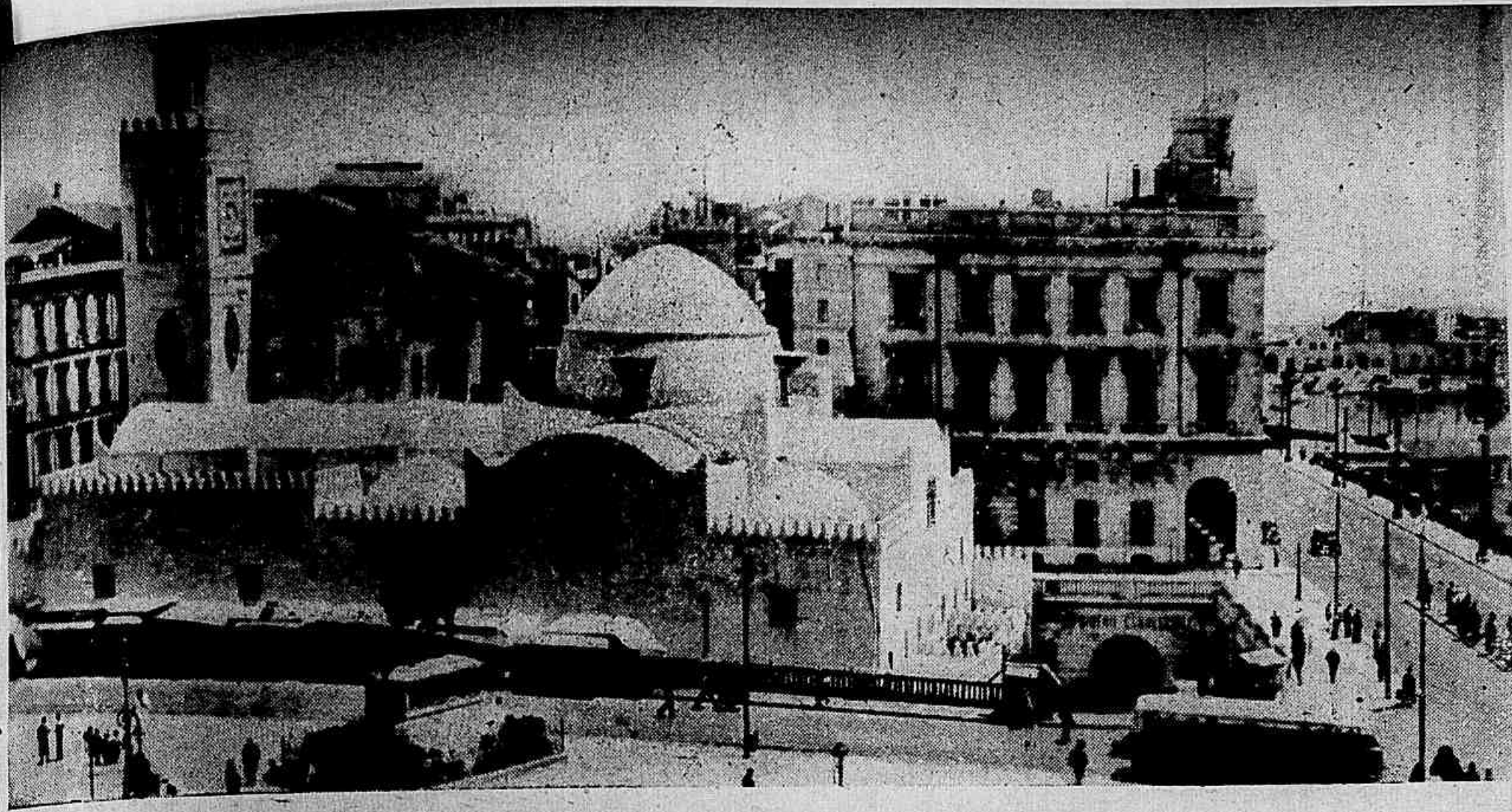
Dotado de invulgar talento, não tardou em seguir para Cartago, onde desejava tornar-se advogado. Modificou, em breve, a inclinação inicial, fazendo-se professor de eloquência na capital do Império cartaginês, e, mais tarde, em Roma e Milão. Aí é que encontrou a sua verdadeira vocação, que o fez alistar-se, espontânea e definitivamente, nas falanges crescentes do Cristianismo.

Impressionado com as dissensões frequentes, que dividiam e enfraqueciam os seus compatriotas, então entregues a hábitos dissolventes, convenceu-se de que a paz só seria alcançada pela unidade de crença, pelo triunfo completo do Catolicismo.

Depois de muitos trabalhos, orientados no sentido do ideal que vislumbrara, regressou, já como Padre, à terra africana, onde combateu, na tribuna sagrada e em publicações várias, julgadas como verdadeiras obras primas da antiguidade clássica, os hereges e pagãos. Das obras que levou à posteridade, as suas "Confissões" merecem especial destaque, sobretudo pela sinceridade com que relembra as faltas que cometera quando joven.

Nos últimos dias de sua vida gloriosa, elevado à dignidade de Bispo de Hippone e com mais de setenta anos de idade, vê o seu ideal desmoronar-se sob a avalanche dos vândalos, que passam da Espanha à África do Norte e aí começam a destruir a nascente civilização cristã.

Havíamos visitado as frentes de batalha da Tunísia. O 8.º exército inglês ultrapassava Sousse, depois das vitórias de Gabés, Akarit e Sfax, e, à sua esquerda, a "Coluna Leclerc" acabava de deixar a região de Gafsa, rumando para o Norte. As tropas francesas, sob o comando do valoroso general Koeltz, cuja morte em ação os jornais acabam de anunciar, progrediam, à custa de muitos sacrifícios, para o Pont du Fah. O 1.º exército inglês se mantinha entre Bou Arada e Medjez el Bab. O 2.º corpo de exército norte-americano, que alcançara apreciável vitória em El Guettar, terminava a sua *road*



AFRICANOS

Ao alto: MESQUITA DE ARGEL.

Ao lado: CATEDRAL DE ARGEL.

Em baixo: UMA PARADA NO DESERTO. O OASIS ESTÁ PROXIMO.

Major PEDRO DA COSTA LEITE

para o Norte e se instalava de Beija a Tabarka, face a Mateur e Estação Djebel Abiod, e por fim o "Corps Franc", composto de jovens israelistas franceses, prosseguia as infiltrações pelo terreno montanhoso do Cabo Serrat, em direção a Bizerta.

FF O famoso "Afrika Korps" se achava enjaulado e a sua rendição seria questão de tempo.

Regressávamos a Argel em um domingo cheio de sol, a 18 de abril do ano corrente, quando, ao penetrarmos no vale verdejante do Ouéd (arroio) Seybouse, lembramos que nos achávamos precisamente entre Souk Harras (outrora Tagaste) e Bône (antiga Hippone), entre o berço e a igreja de Santo Agostinho, no momento coberto de

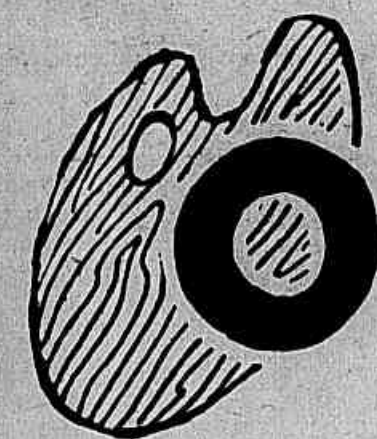
laranjais em flôr, que impregnavam de perfume o lugar sagrado. E deixámo-lo sob a confortadora convicção de que desta vez, os vândalos germânicos do século XX não conseguiriam profanar o lar e o altar do maior dos africanos.

Rio. 25.VIII.1943.





Alegria



OSWALDO TEIXEIRA, o grande mestre da pintura no Brasil, iniciou os seus estudos no Liceu de Artes e Ofícios, aprendendo escultura com Modestino Kanto. Alguns anos mais tarde passa para a Escola Nacional de Belas Artes, onde tem como professores João Batista da Costa e Rodolfo Chambel-land. Sua exposição no "Salão" em 1921 lhe valeu a medalha de bronze, conferida ao quadro "Velha Beata". No ano seguinte, no mesmo "Salão" obtem a grande medalha de prata. Em 1924 obtem o "Prêmio de Viagem à Europa" com a tela o "Pescador" e o quadro "Augusto Petit", exposto no mesmo "Salão" foi adquirido para o Museu Nacional de Belas Artes. No ano de 1927, de regresso da Europa, onde permaneceu dois anos, Oswaldo Teixeira expõe no "Salão" 15 quadros, obtendo com "Grito de Luz" (paisagem) medalha de ouro. Este quadro o artista o fez em Florença. Nos anos que se seguem Oswaldo Teixeira realiza varias exposições, obtendo exito artistico e financeiro.

SWALDO TEIXEIRA, o grande mestre da pintura no Brasil, iniciou os seus estudos no Liceu de Artes e Ofícios, aprendendo escultura com Modestino Kanto. Alguns anos mais tarde passa para a Escola

Nacional de Belas Artes, onde tem como professores João Batista da Costa e Rodolfo Chambel-land. Sua exposição no "Salão" em 1921 lhe valeu a medalha de bronze, conferida ao quadro "Velha Beata". No ano seguinte, no mesmo "Salão" obtem a grande medalha de prata. Em 1924 obtem o "Prêmio de Viagem à Europa" com a tela o "Pescador" e o quadro "Augusto Petit", exposto no mesmo "Salão" foi adquirido para o Museu Nacional de Belas Artes. No ano de 1927, de regresso da Europa, onde permaneceu dois anos, Oswaldo Teixeira expõe no "Salão" 15 quadros, obtendo com "Grito de Luz" (paisagem) medalha de ouro. Este quadro o artista o fez em Florença. Nos anos que se seguem Oswaldo Teixeira realiza varias exposições, obtendo exito artistico e financeiro.

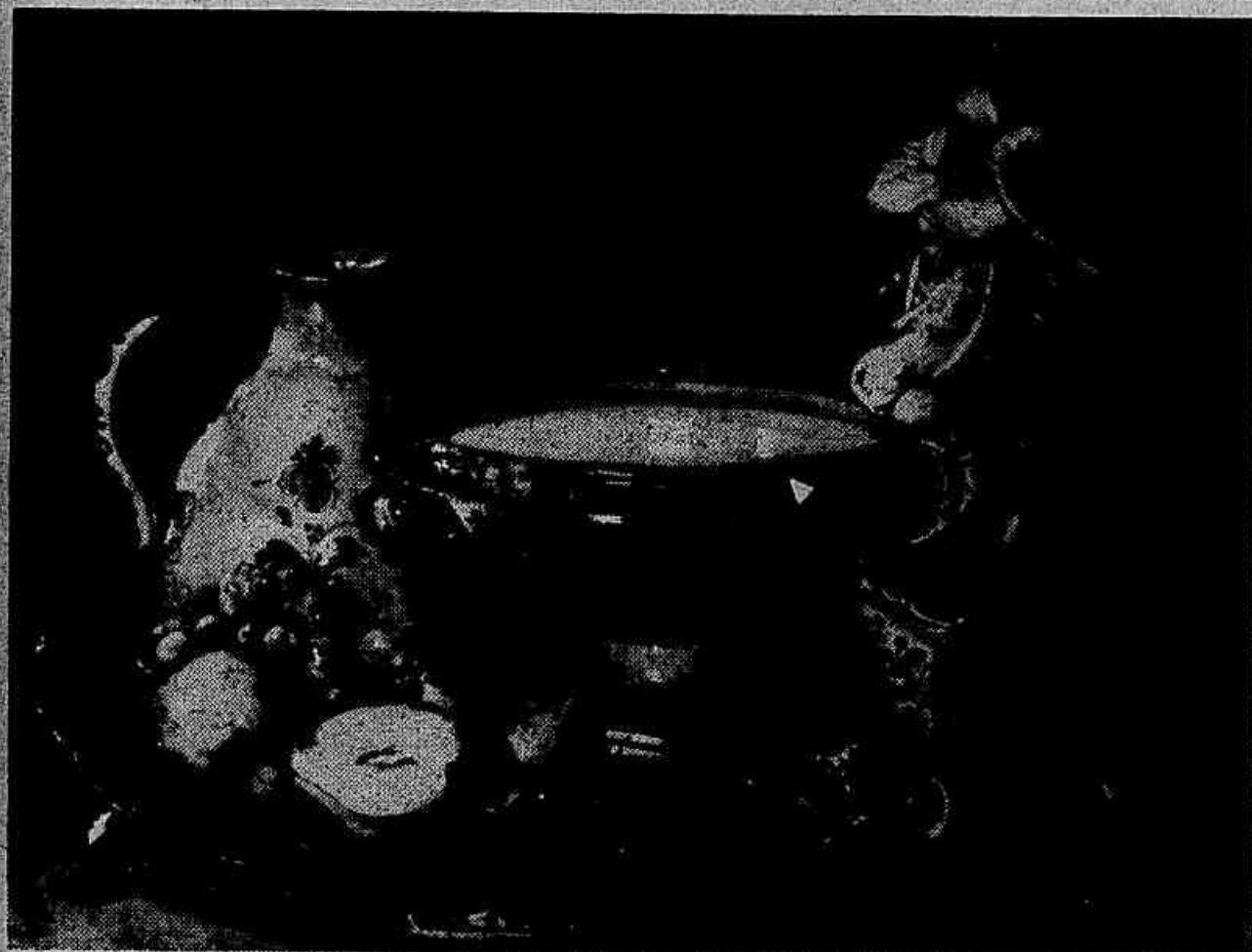
Em 1937, nomeado diretor do Museu Nacional de Belas Artes empreende a remodelação do mesmo. E' membro da Academia Nacional de Belas Artes de Lisboa. Possui medalha de ouro em Porto Alegre e São Paulo. Em varias exposições internacionais em que tomou parte mereceu



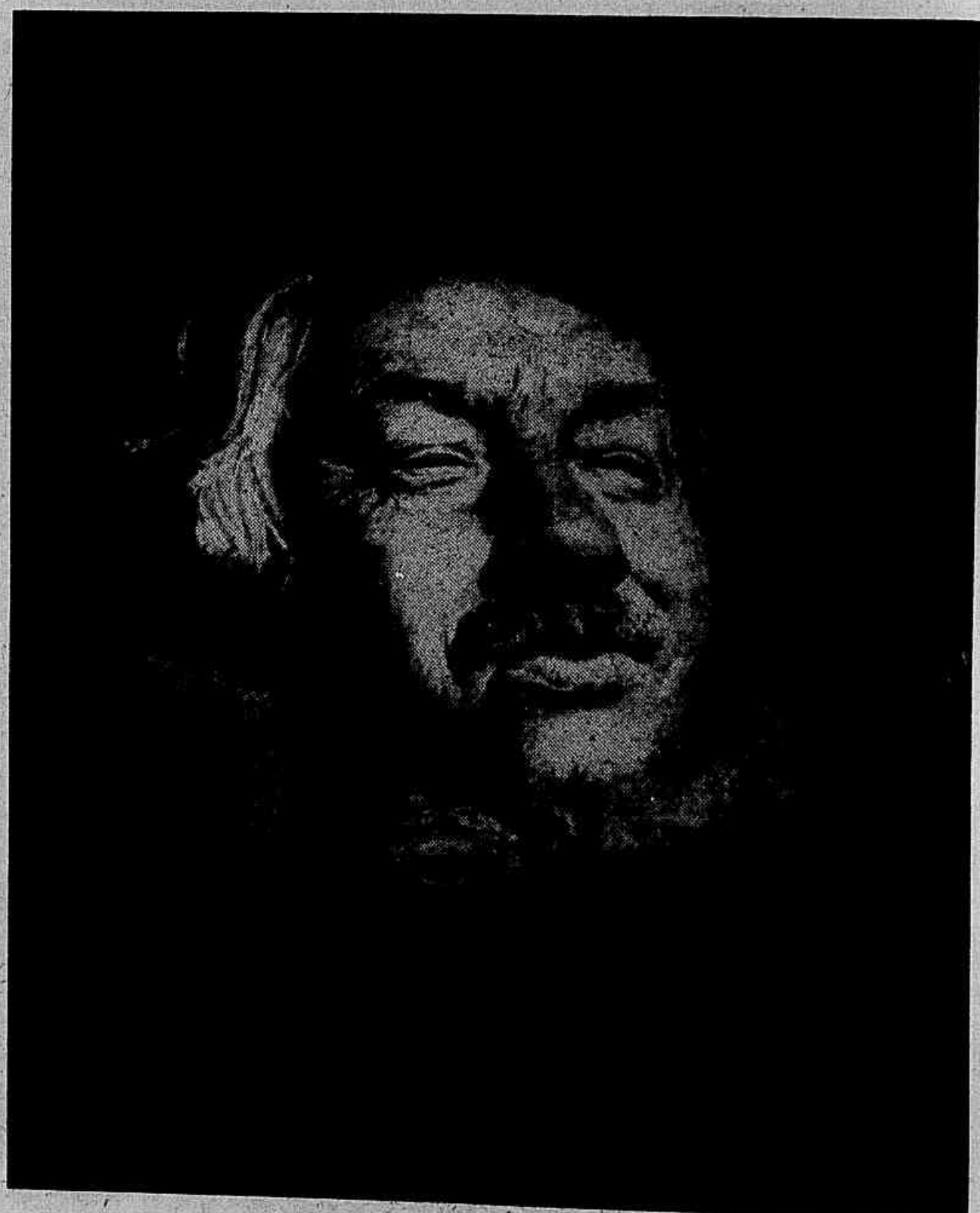
A foragida



Nú do mulher



Natureza morta

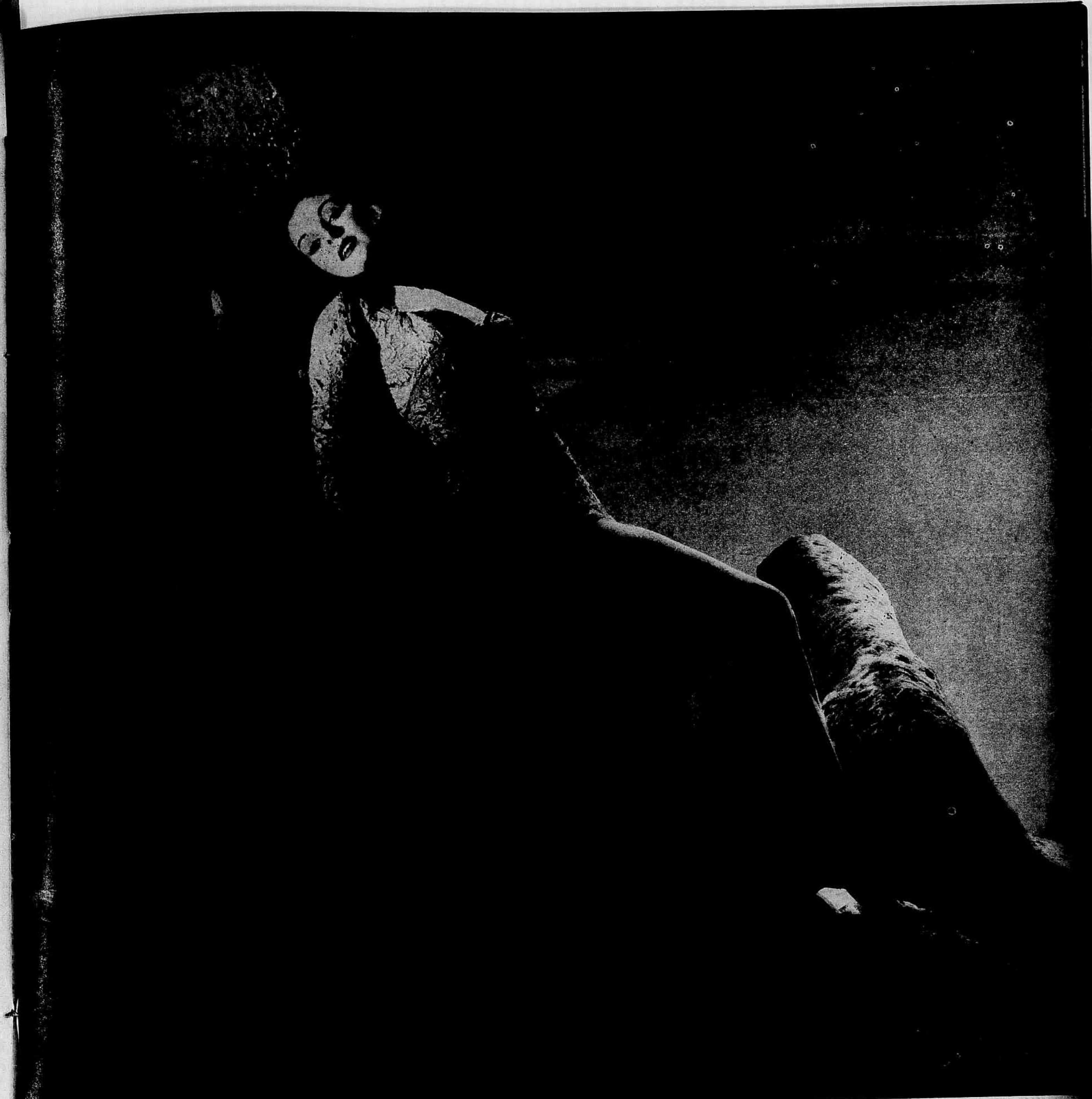


Velho Fidalgo

ótima colocação. Neste ano obteve medalha de prata no "Salão Oficial de Petropolis".

Suas principais telas são: "Noturno" — "Madona do Silencio" — "Fecundidade" — "Augusto Petit" — "Comedia Humana" — "Drama Hespanhol".

O presidente Getulio Vargas foi retratado pelo pintor carioca, que fez de Sua Excia. um retrato em tamanho natural para o Ministério da Fazenda.



NO TEATRO DA MODA

LUCIENNE DE FARIA

Desde que Eva arranhou a primeira veste, as suas descendentes reconheceram e cultuaram uma nova divindade: a MODA; em seu louvor erigiram templos (casas de modas e institutos de beleza) e, em seu holocausto, sacrificaram muitas vezes ou a economia doméstica criando assim problemas conjugais, ou a própria comodidade (com o uso de modeladores e dos elegantíssimos saltos Luiz XV).

Desafiando os séculos, esses mesmos que extinguem ou apresentam novos deuses para a ironia ou a reverência dos filósofos ou o fervor religioso da humanidade, a Moda continua imperando, principalmente no que concerne ao sexo feminino.

E' uma divindade caprichosa que as vezes compraz-se em introduzir costumes primitivos nas civilizações mais requintadas.

Assim as descendentes das negras sudanesas que, na triste condição de escravas, para aqui vieram com seus turbantes de influencia islamica e seus balangandans ruidosos, puderam constatar, em pleno ano de 1942 as suas avós ditando a moda para Hollywood e por consequencia, para o mundo.

Agora, por exemplo, essa divindade que os maridos adoram no sentido do belo e detestam no setor economico, por intermedio de seus sumos sacerdotes (Schiaparelli, Maxwell, Valentine, etc.) estão lançando modelos bordados, a lantejoulas e missangas, ou muito coloridos assim como o lamé, o setim lavrado e o tulle para os trajes da noite,

Nos vestidos de passeio grandes aplicações de estamparia combinando com o fundo do vestido.

E os "ruffles" em organdi que evocam tempos passados quando senhoras romanticas jogavam rosas e enviavam beijos nas pontinhas dos dedos para cavalheiros galantes.

As "Gibson" ingenuas de 1900 aparecem ao lado de amazonas "tailored" de 1943. As joias, em ouro e pedras multi-coloridas tomam proporções dos grandes lavores dos principados orientais.

E, por falar em Oriente, ouçamos Omar Kiam (o mais oriental dos ditadores da moda atual) que declara textualmente:

"O nosso livro de modas de 43 assinalará para a Primavera e o Verão deste ano a "era dos costumes".

Costumes feitos de lã, sedas, shantung, estampados, chiffon e rendas. Teremos vestidos que parecerão costumes e costumes que lembrarão vestidos, mas em todos será estritamente observado o "tailored", feminilizado entretanto pelas blusas trabalhadas de "jabots". Também, nas páginas do nosso livro de Modas o vestido de jantar curto e o vestido de passeio usados, permanecerão como sequencias do que se usou em 42".

JOAN LESLIE, a encantadora estrela da Warner, poderia, sem favor algum, ser chamada a camponezinha numero 1 de Beverly Hills. Isto porque apresenta um estoque verdadeiramente original de vestidos campestres onde as blusinhas de "laise", as fitinhas de veludo nas mangas e na pala, as pequeninas flores de feltro aplicadas nos bolsos em



coração, as saias franzidas e os corpetes justos que nos recordam camponesas eslavas e húngaras, tão encantadoras como aquelas que provavelmente inspiraram as dansas mazovianas a Chopin e as célebres rapsódias de Franz Liszt.

Na sua casa — cercada por jardins maravilhosos — Joan Leslie, quer na moldura cinzenta do poente, quer sob os raios de sol que doira a água da piscina, aparece com a sua serie de modelos mais recentes, todos em tecido de algodão desde o de riscadinho azul e branco à fantasia húngara em saias de listras de tonalidades diversas.



Aliás, em tudo, desde a coleção de sapatos à simplicidade dos penteados, Joan Leslie sugere conjuntos encantadores para a estação que atravessamos.



O Lar

O Oriente na decoração da sua casa

são notas evocativas e bizarras nessa mansão ocidental.

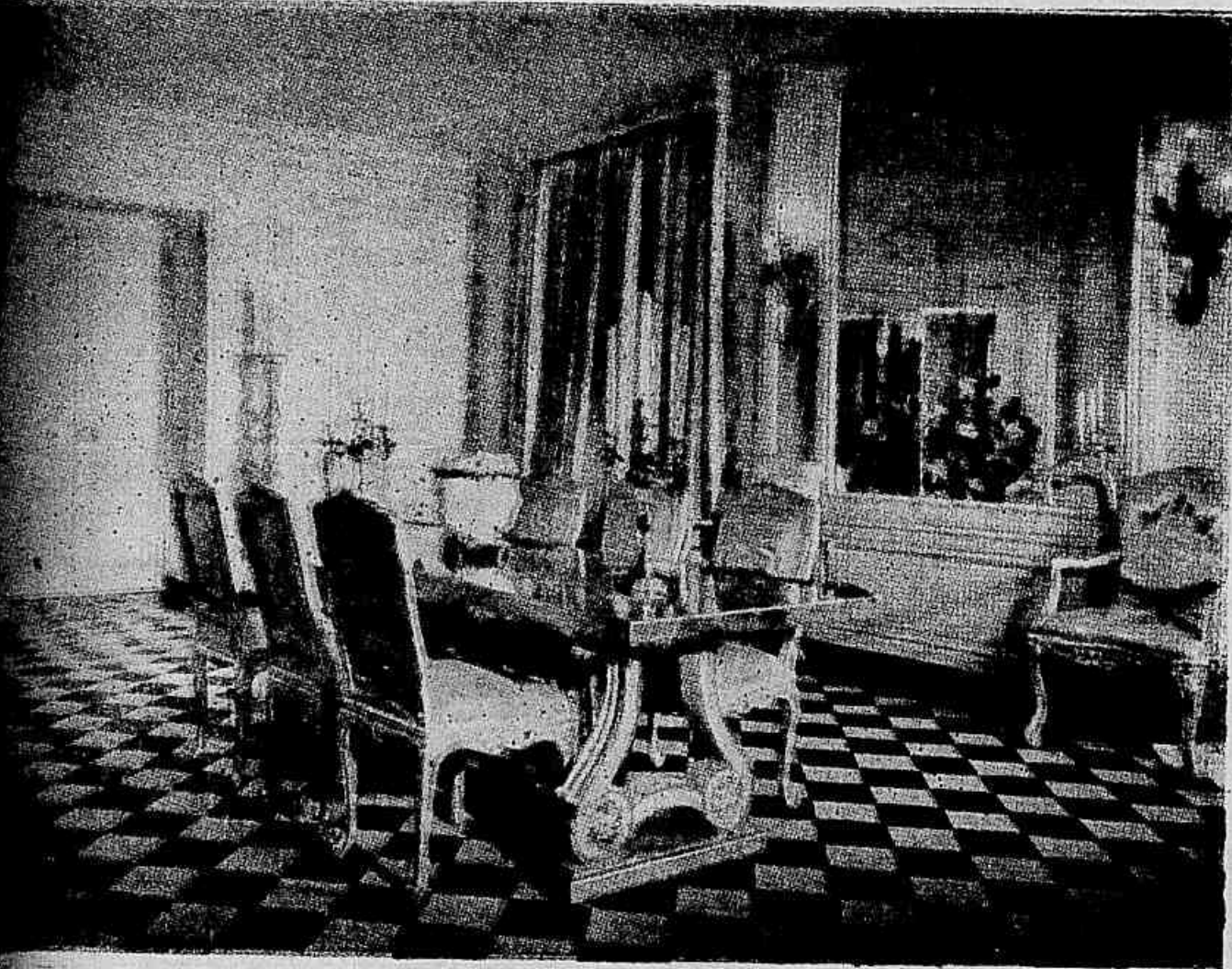
O *hall* combina perfeitamente com a sala de jantar, onde candelabros de prata e castiçais gigantes, trabalhados em ouro refletem, mais ainda que o grande espelho, artisticamente disposto, a riqueza e o bom gosto dos donos do palácio.

O chão, em mármore branco e negro, com um enorme tabuleiro de xadrez, harmoniza-se com o estojo das cadeiras em tom *bord aux* cambiante como a cor dos velhos vinhos de França e com o reposteiro em tecido adamascado.

Logo depois, o *boudoir* — com suas paredes forradas de setim, onde pinturas delicadas relembram a floração dos pecegueiros e a atitude meditativa dos faísões reais — continua a linha de elegância e o "que" de deslumbramento que tornam essa mansão ocidental, sem dúvida alguma, uma lembrança mágica dos palácios lendários do Oriente.

AMBIENTES requintados e luxuosos onde o setim lavrado cor de damasco combinado ao marfim e ao friso de ouro, tornam esta residência extraordinariamente bela, quase uma visão dos palácios encantados das lendas milenares do Oriente.

No *hall* observamos a mesa trabalhada em junco e marfim, onde se ostenta um vaso de porcelana chinesa, próximo uma valiosa escultura simbolizando a piedade filial, um incensador em jade e xarão, juntamente com o biombo, onde figuras em marfim, destacadas no fundo vermelho, representam a vida social da China.



MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

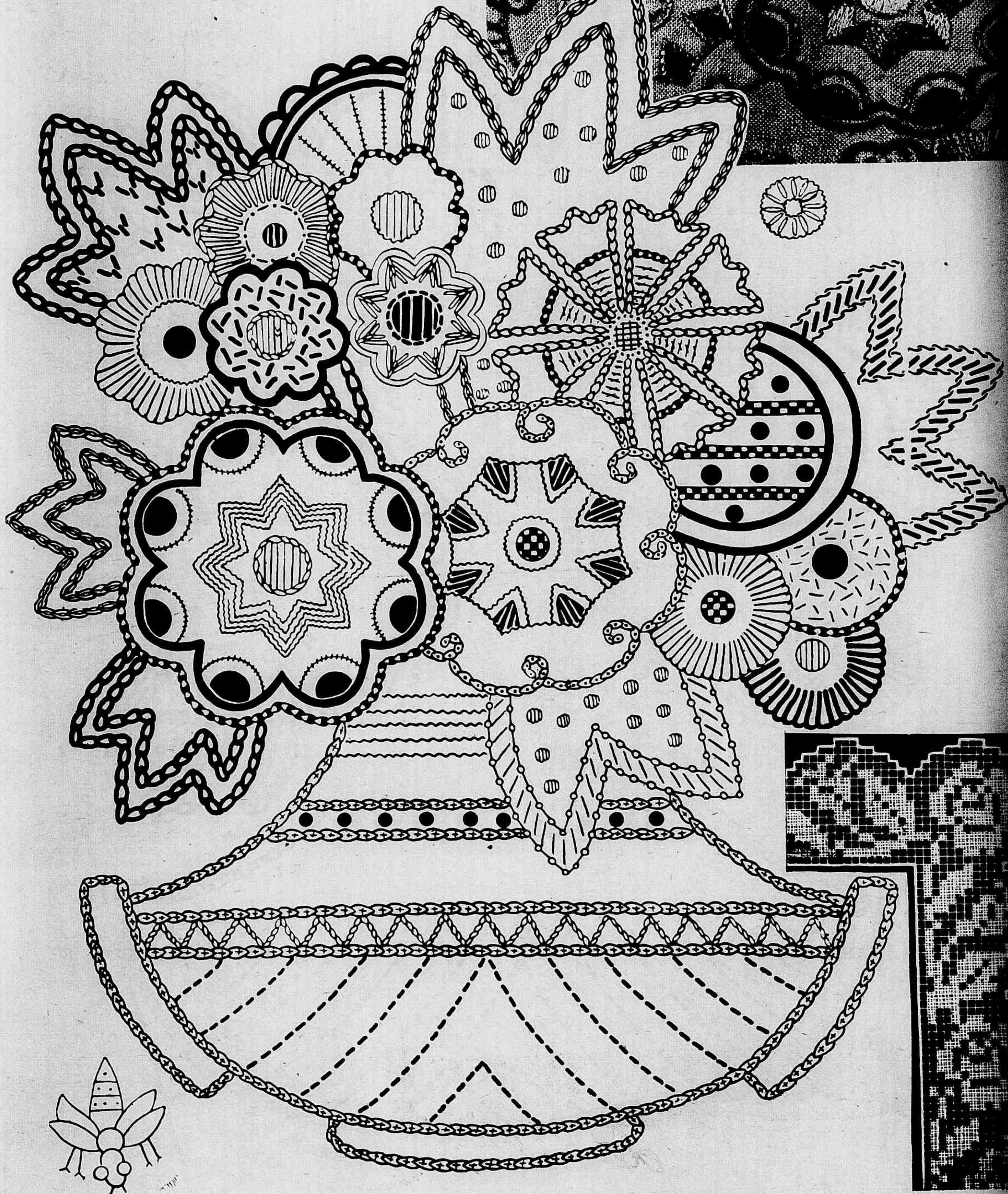
65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

UM CANTO DE MESA

Com este lindo desenho moderno, executado em linha de varios matizes e em pontos diversos, você obterá um centro de mesa verdadeiramente encantador.

Procure cores vivas e borde-o em linho de tom "beige".



Para a Manhã e para a Tarde...



1—É precisa seda, de cores brilhantes, para bordar este atrativo desenho de blusa, que combina admiravelmente com a saia elegantemente plissada.

2—Divide-se em tres secções este encantador modelo de jaqueta. É de notar-se, pela nota de originalidade que constitui, a delicada abertura que se forma na blusa. A saia é reta.

3—Conjunto de duas peças, formado por saia simples e jaqueta abotoada no centro. Duas preguiças que se iniciam na cintura servem para dar maior realce aos ombros.

4—Modelo reto, apropriado para edelgarçar a si-

lheta, confeccionado em seda vermelha.

5—Elegancia e sobriedade são qualidades que caracterizam este modelo, que pode ser feito em crepe de seda. Para animar

um pouco o conjunto um cinto de seda de cor contrastante.

6—Note-se o corte singular deste modelo, para ser usado á tarde, onde se encontram reunidos to-

das as características necessarias a um vestido elegante.

7—Este agradável modelo, sumamente pratico e gracioso, é de facil confecção. A saia amplamen-

te rodada completa o efeito de conjunto.

8—“Shantung” de lã foi empregado na confecção deste modelo esportivo, de uma simplicidade lindamente agradável.



As mais encantadoras criações da Moda Infantil encontram-se, para a presente estação, na maravilhosa *Secção de Crianças* da **NOTRE DAME DE PARIS**.

As mães que a visitam deslumbram-se na contemplação da mais completa coleção de

ROUPINHAS E VESTIDINHOS
para todas as idades.

Vá, sem demora, visitar a

NOTRE DAME
de Paris

A CASA QUE MAIS BARATO VENDE EM TODO O RIO DE JANEIRO — OUVIDOR, 182



Para os bebês e recém-nascidos a *Secção Infantil* da **NOTRE DAME** tem em exposição o mais completo sortimento de **ENXOVAIS COMPLETOS** dos mais luxuosos aos mais simples e modestos.

Outras “*Secções* **Notre Dame**”:

- ♦ SEDAS E TECIDOS MODERNOS
- ♦ ROUPAS DE CAMA E MESA
- ♦ CINTAS E MODELADORES
- ♦ LINGERIE

O Jockey Club mundano

Para o habitante de um grande centro urbano, que durante os dias uteis cansa o cerebro na rotina de um trabalho intelectual intenso e exaustivo, nada melhor que o derivativo encontrado nas emoções salutaras das carreiras turfísticas e uma tarde agradável de domingo passada no ambiente de distinção e elegancia de um hipodromo moderno. Os elementos da nossa elite intelectual e social, compreendendo o verdadeiro valor do "turf" como esporte e como diversão, emprestam hoje aos "meetings" dominicais



do Jockey Club Brasileiro a sua cooperação, o que tem concorrido para o maior brilhantismo das tardes de corridas no mais belo prado do mundo. Nesta pagina fixamos alguns aspectos da assistencia ás carreiras de domingo ultimo.

Na tribuna da imprensa: o Sr. Francisco Eduardo de Paula Machado entre o ministro Salgado Filho e o Dr. João Borges Filho, congratulando-se com os jornalistas após a vitória do potro El-Faro, no Grande Criterium.



NOTICIA DE SENSACÃO

CONTO HUMORISTICO DO ESCRITOR NORTE-AMERICANO
MARK TWAIN

Nosso distinto amigo sr. John William Bloque entrou a noite passada, já por altas horas, na redação do jornal de que sou sub-diretor. O seu aspecto não deixava a menor dúvida: imensa dor possuía o digno cidadão. Soltando um suspiro do fundo da alma, depôs sobre a minha mesa algumas laudas escritas e retirou-se discretamente. À porta, porém, deteve-se, como quem hesita. Evidentemente, transtornava-o a violência da comoção. Conseguiu, enfim, dominá-la, senão por completo, pelo menos o bastante para poder fazer uso da palavra. E então, apontando para o manuscrito que me confiara, exclamou cavernosamente:

— Ah, meus amigos, que tristeza!

Veio-lhe um destes soluços que abalam o corpo inteiro. Rompeu em pranto. Tal impressão a sua máguia nos causou que só nos lembramos de o chamar e tentar algum modo confortá-lo depois de ele ter desaparecido.

Realmente, era tarde. Já começara a impressão do jornal. Compreendendo, porém, a importância que para o digno sr. John William Bloque devia ter a publicação daquelas tiras e também com a esperança de que, vendo o seu trabalho impresso, ele sentisse algum alívio em tão profunda angústia, mandei suspender a tiragem para não deixar de inserir imediatamente nas nossas colunas, e até sem o haver examinado, o original em questão. Era o seguinte:

ACIDENTE FATAL. — Ontem à tarde, por volta das seis horas, quando o sr. William Schuyler, venerando cidadão de South Park, saía de sua casa para se dirigir ao centro da cidade, conforme o seu costume de há muitos anos, com exceção apenas de curto intervalo, na primavera de 1850, durante o qual foi forçado a ficar de cama, em razão de contusões recebidas ao deitar a mão a um cavalo que tomara o freio nos dentes e colocando-se temerariamente à frente do animal, em altos gritos e com as mãos estendidas, o que, em vez de moderar a excitação do solípede, mais o alvoroçou, tanto assim que o incidente, já bastante desastroso para o sr. Schuyler, ainda se agravou com a presença de sua sogra que, tendo dado fé, a pequena distância, do que se passava, interveio, tentando acudir ao genro, e embora isto não pareça muito verosímil da parte da mãe duma senhora casada para com o marido desta última, cuja avó justamente três anos antes falecera na idade de noventa e seis, como boa cristã, deixando toda a sorte de bons exemplos e nenhuns haveres, pois um incêndio tinha destruído, em 1849, tudo o que ela possuía em bens terrenos. Mas a vida é isto mesmo. Aproveitemos a lição que tal exemplo nos oferece preparando-nos para bem morrer, quando chegar o nosso dia. Ponhamos a mão na consciência e tomemos conosco mesmos o compromisso sagrado de nos abstermos doravante de qualquer bebida alcoólica".

No dia seguinte o diretor entrou na redação, arrancando os cabelos aos punhados, despedaçando os móveis e tratando-me como se eu fosse um criminoso vulgar. Entre outras coisas que não desejo repetir, acusou-me de, cada vez que o jornal me é confiado por meia hora sequer, me deixar impressionar pelo primeiro criança ou o primeiro idiota que me aparece. E acrescentou que a tal colaboração do sr. Bloque não passava dum amontoado de sandices, sem o menor valor informativo, e, portanto, eu cometera o mais crasso dos erros profissionais, mandando interromper a tiragem para o publicar.

Ora aí está o que um homem ganha em ter bom coração! Se eu fosse egoísta e descortez como tantos colegas, teria respondido ao sr. Bloque que o adiantado da hora me não permitia satisfazer o seu desejo. Mas o seu estado de consternação comoveu-me deveras e, afim de lhe proporcionar algum conforto, não hesitei em pôr o "visto" ao alto da primeira tira. Que resultado, porém, tirei do meu altruísmo? Uma descompostura como nunca apanhara em dias da minha vida!

Resolvi ler, eu próprio, a tal notícia, para ver se o diretor tinha razão e, se não tivesse, reagir como a dignidade me aconselhava que o fizesse.

À primeira vista, o caso pareceu-me um tanto ou quanto confuso. Tornei a ler. E achei-o ainda mais obscuro que da primeira vez. Li-o cinco vezes. E confesso que acabei não compreendendo uma palavra. Não nos diz, por exemplo, o que

foi feito de William Schuyler. Faz o leitor interessar-se por esse cavalheiro e, depois, põe-o de lado e não torna a falar nele. Quem é, afinal, William Schuyler? Onde mora exatamente? Ia descer para a cidade às seis horas; mas desceu, de fato? Foi ele a pessoa vitimada pelo "acidente fatal"? Não seria a fratura da perna do sr. Schuyler, ocorrida quinze anos antes, que causou ao sr. Bloque tão grande aflição, obrigando-o a vir, altas horas à nossa redação, obrigar-nos a suspender a tiragem, para dar conhecimento ao mundo de tal ocorrência? Quem sabe se a expressão "acidente fatal" se referia à destruição, pelo fogo, da propriedade da mãe da sogra do sr. Schuyler? Ou ao falecimento dessa respeitável dama, embora não pareça que ela haja sucumbido a qualquer desastre? E que diabo de exemplo ou de lição se pode tirar de tal história? E que vem ali fazer as bebidas alcoólicas? Não se indica absolutamente que Schuyler tivesse bebido de mais, nem sua esposa, nem a mãe desta, nem a avó, nem o cavalo. E quem me diz que não era ele mesmo, o sr. Bloque, que se tinha alcoolizado?

Li ainda outras vezes aquela narrativa, sem conseguir encontrar-lhe pés nem cabeça. E quasi perdi a minha, de tanto matutar no caso.

Não desejo ser menos amável com pessoa alguma, mas, da primeira vez que aconteça qualquer coisa a um amigo do sr. Bloque, reclamarei deste o favor de acompanhar o seu relato de algumas notas explicativas que nos digam claramente o que se passou. Prefiro vir a saber que todos os seus amigos morreram clandestinamente a passar outra vez pelos tormentos que suporrei, tentando decifrar a sua prosa.

PROGRAMAS DE ONDAS CURTAS em português DOS EE.UU. PARA O BRASIL

Transmitido simultaneamente das seguintes estações:

WRCA - 15.15 Mgs. (faixa de 19 ms.) das 18:00 às 20:45
WGEA - 11.85 » (faixa de 25 ») das 18:00 às 21:45
WCBX - 9.49 » (faixa de 31 ») das 18:00 às 24:30

★

Hora do Rio Domingo

18:00 Sintonia da NBC
19:00 O Mundo Hoje
19:10 Resumo dos Programas
19:15 Melodias da Broadway
19:30 A Vida em Hollywood
19:45 Seleções de Operetas
20:00 Rádio Jornal
20:15 Salão de Concerto
20:45 Música Semi-Clássica
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Música da América
21:45 Bandas Militares
22:00 Notícias
22:15 Olga Coelho e Trio Cherro Gil
22:30 Reinaldo Henriquez e a Orquestra Panamericana
23:00 Notícias
23:15 Orquestra Filarmônica de Nova York
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Devaneio Musical
00:30 Encerramento

Hora do Rio Segunda

18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 Magia Tropical
18:30 A Semana em Revista
18:45 Spotlight Bands
19:00 Notícias
19:15 Alô Amigos
19:45 Música de Dança
20:00 Rádio Jornal
20:15 Sammy Kaye e sua Orquestra
20:45 Música Semi-Clássica
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Orquestra de Walter Gross
21:30 Orq. de André Kostelanetz
22:00 Notícias
22:15 Eva Garza e Trio Cherro Gil
22:30 Música de Manhattan
23:00 Notícias
23:15 Trio Cherro Gil
23:30 Convite à Música
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Devaneio Musical
00:30 Encerramento

★

TRANSMISSÕES EM "ONDAS" DIRIGIDAS PARA O BRASIL

Hora do Rio Terça

18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 Canções das Nações Unidas
18:45 Resenha Literária
19:00 Notícias
19:15 Chopiniana
19:30 Conheça Nova York
20:00 Rádio Jornal
20:15 Orquestra de Vincent Lopez
20:45 Orquestra de Freddie Martin
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Orquestra de Raymond Scott
21:30 Notícias Desportivas
21:45 Música por Tucci
22:00 Notícias
22:05 Chamando Pan America
22:30 Eva Garza e Orquestra Panamericana
23:00 Notícias
23:15 Trio Cherro Gil
23:30 Devaneios Musicais
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Orquestra Panamericana
00:30 Encerramento

Hora do Rio Quarta

18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 Valsas Famosas
18:45 Serenata Tropical
19:00 Notícias
19:15 Seleções de Operas
19:45 Dinah Shore - canções
20:00 Rádio Jornal
20:15 Contrastes Musicais
20:30 Aviação Americana
20:45 Música Semi-Clássica
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Quarteto Golden Gate
21:30 Notícias de Hollywood
21:45 Concertos de Jazz
22:00 Notícias
22:15 Eileen Farrell e a Orq. da CBS
22:30 Reinaldo Henriquez e a Orquestra Panamericana
23:00 Notícias
23:15 Eva Garza e Orquestra Panamericana
23:30 Música de Manhattan
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Orq. de Walter Gross
00:30 Encerramento

Hora do Rio Quinta

18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 Chopiniana
18:30 All-Time Hit Parade
19:00 Notícias
19:15 Chá Danante NBC
20:00 Rádio Jornal
20:15 Orquestra de Vincent Lopez
20:45 Orquestra de Freddie Martin
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Orquestra de Raymond Scott
21:30 Notícias Culturais por Gaspar Coelho
21:45 A América do Norte Canta
22:00 Notícias
22:15 Olga Coelho
22:30 Eva Garza, Trio Cherro Gil e a Orquestra Panamericana
23:00 Notícias
23:15 Trio Cherro Gil
23:30 Banda dos Fuzileiros N. A.
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Devaneio Musical
00:30 Encerramento

Hora do Rio Sexta

18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 Momento Musical
18:45 Revista Cultural
19:00 Notícias
19:15 Música do Novo Mundo
19:45 Música de Dança
20:00 Rádio Jornal
20:15 A Página Feminina
20:45 Música Semi-Clássica
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Orquestra de Paul Barron
21:30 Certos em Revistas
21:45 Alma de Minha Pátria
22:00 Notícias
22:05 Pelos Sendeiros da Música
22:30 Comentário
22:35 R. Henriquez e Orq. Panamer.
23:00 Notícias
23:15 Trio Cherro Gil
23:30 Orq. de Concertos CBS e Solistas
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Orquestra de Walter Gross
00:30 Encerramento

Hora do Rio Sábado

18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 Ora. de Alfred Wallenstein
18:45 Bolet. Latino-Americano
19:00 Notícias
19:15 Club do Swing
19:30 Fantasia Musical
20:00 Rádio Jornal
20:15 Caravana Tropical
20:45 Orquestra de Freddie Martin
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Orquestra de Raymond Scott
21:30 Notícias de Hollywood
21:45 Banda Militar
22:00 Notícias e Comentários
22:15 A Hit Parade
22:45 R. Henriquez e Orquestra Panamericana
23:00 Notícias
23:15 Orquestras de Variedades
23:30 Música de Hoje e Ontem
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Orquestra de Harry James
00:30 Encerramento

**Cinco saias, um mo-
delo e seis sugestões**

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

A pessoa enve-
hecida e aba-
tida pela prisão
de ventre, reju-
venesce, toman-
do com regula-
ridade as

**PILULAS
DE
BRISTOL**

LSK



Senhoras!

CAPSLAS

MENAGOL

PARA FALTA DE MENSTRUACÃO
LVA. PELA CEN. SANT. N. 50-7-6

PELES

RUA DO PASSEIO, 42

Lebelson

MODAS

SEMPRE
NOVIDADES

FONE 22-4617 - RIO

Nenhum RELOGIO lhe dará
tanta SATISFAÇÃO

como o
CYMA



O tempo está realmente complicado, difícil de ser entendido por quantos tem a responsabilidade de indicar modelos, de orientar enfim as nossas leitoras em torno de assuntos de modas.

Entretanto força é reconhecer que uma saia bonita, embora seja ao mesmo tempo singela e leve, nunca é demais no guarda-vestidos de uma criatura que se veste bem.

Assim, não obstante as surpresas que o tempo nos vai pregando em meio às muitas oscilações de temperatura, temos procurado acertar o mais possível.

Aliás um bom modelo é sempre útil: se não é executado imediatamente fica na gaveta e não se perde porque a moda também não se modifica tão depressa.

Neste desfile tivemos a preocupação de alinhar modelos, como que feitos para tempos dubios, instáveis, incertos como estes que o clima, igualmente incerto, instável e dubio vem nos proporcionando.

As cinco saias ao lado que serão usadas combinadas ou integradas em *tailleur* são, em verdade, interessantíssimas e, somente um embraço sentimos: é escolher a melhor entre as cinco, franzidas com bolsas laterais, ou pregueadas.

Ann Sheridan, a encantadora esposa de George Brent, patrocina esta página. Ela se apresenta de fato, muito bonita vestida como está. Um conjunto em duas peças compostas de saia de tropical marinho e blusa de estamparia floral grande e viva sobre fundo branco.

Nesta página, desenhos a traço, compostos especialmente para a REVISTA DA SEMANA.

UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO

inencarelli

Senhora:

Está a seu cargo o vestir bem seus filhos.

Esta página é sua e realmente oferece onze modelos para crianças de todas as idades. São modelos para passeio e para casa, escolhidos para o gosto das mães mais exigentes e das madrastras mais irredutíveis...



USANDO ZIP **Reor**



**V. S. SÓ SE SURPREENDERÁ
COM A SUA QUALIDADE**

Sim, porque REOR oferece absoluta segurança, mesmo depois de um prolongado uso. Fabricado com material inoxidável de primeira qualidade e pelos métodos mais modernos, este zip-nacional supera em tudo os melhores concorrentes estrangeiros. REOR tem uma característica variedade de tipos, niquelados, dourados e esmaltados em todas as cores, para os mais diversos usos, e é vendido a preços econômicos.

COMPANHIA BRASILEIRA
DE METAIS



A Saída

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 12)

Devido ao atraso do trem, chegou a Tunbridge com uma demora de quinze minutos. Em vista disso e considerando também as múltiplas ocupações que o prenderiam no resto da tarde, ordenou ao chauffeur que ficasse à sua espera em frente ao edifício do tribunal.

Ao entrar na sala de audiências surpreendeu-lhe desagradavelmente a multidão de curiosos que se havia reunido ali. Nesse momento o segundo médico terminava seu laudo oral. Holloway chegava, pois, a tempo, apesar dos quinze minutos de atraso. Repetiu seu depoimento sobre o estado animado e tranquilo de sua esposa na noite fatal, só interrompido por algumas expressões violentas contra o pastor e contra a esposa deste, expressões a que fizera ligeira referência na sua primeira declaração. O fiscal lhe dirigiu então algumas perguntas que o indignaram — e também o alarmaram — pois pareciam tender à conclusão infamante de que sua esposa se suicidara.

— Sua esposa lhe manifestou alguma ansiedade acerca do seu estado de saúde? — perguntou-lhe o promotor.

— Não — replicou. — Desfrutou sempre boa saúde.

— Notou nela alguma depressão de ânimo... alguma coisa esquisita?

— Ao contrário. Fui consultá-la sobre um assunto de negócios e a achei muito bem disposta e atenta.

— Era pessoa de boa capacidade mental?

— Sim, senhor; e de firme vontade — respondeu Holloway.

Acreditando que com essas perguntas havia salvado sua mulher e a si mesmo do estigma do suicídio, Holloway sentou-se, tranquilo, enquanto chamavam para prestar declaração o pastor, o reverendo David Paddock. Estava certo de que, apesar das levianas palavras de sua esposa, o pastor recordaria o preceito evangélico de não falar mal dos mortos.

— O senhor conhecia bem a defunta? — perguntou o promotor.

— Mantivemos amizade durante muitos anos — replicou o pastor.

— Notou nela alguma alteração nos últimos tempos? Alguma esquisitice de caráter? Desejamos obter, sr. Paddock, alguma coisa que explique os motivos que a levaram a deixar a vida. Por exemplo: era uma pessoa caridosa? Deixou de sê-lo?

— Foi sempre generosa com todas as boas obras — replicou o pastor. — Pude comprová-lo até no último dia de sua vida.

— Até o último dia? — perguntou o promotor um tanto surpreso. — No entanto, acaba de ouvir a declaração do sr. Holloway. Que diz a esse respeito?

— O que digo é isto — respondeu vivamente o pastor, tirando do bolso um papel. — O que tenho na mão é um cheque de vinte e cinco libras que nos entregou, como se verá pela data, no mesmo dia em que, segundo se disse, se negou a contribuir para nossa coleta.

O promotor tomou o cheque e o examinou. Holloway sentiu uma tontura. Todos o contemplavam. Perguntou para si mesmo se não iria reaparecer aquele frasquinho verde que depois do fatal acontecimento havia procurado em vão. Nesse caso, verificar-se-ia que ela o teria recebido de suas mãos e o acusariam, pelo menos, de negligência, que contribuira para o suicídio. Na verdade, naquela noite sua mulher lhe parecerá bastante estranha. Devia ter dito isso em suas declarações... Estavam chamando para depor o Cedric Evans. Era o advogado de sua esposa.

— Durante suas relações profissionais com a defunta observou nela, nos últimos tempos, certa alteração, digamos, certo desequilíbrio mental?

O sr. Evans coçou o bigode, em atitude reflexiva, e respondeu:

— Uma alteração, sim; porém que fosse desequilíbrio, não.

— Peça-lhe que se explique.

— Ela sempre resistiu francamente a ditar seu testamento. Há pouco mudou de idéia a esse respeito, porém o fez seguindo meus conselhos. Por certo não considero essa troca como prova de desequilíbrio mental.

— Quando assinou o testamento?

— Não o assinou. No dia anterior a seu falecimento, apresentei-lhe uma minuta, segundo a qual deixava todos os seus bens — exceto um pequeno legado — à igreja de São Kenévin, cujo pastor está aqui presente. No dia em que ocorreu sua morte, esse documento estava sendo passado a limpo no meu escritório, para ser assinado no dia seguinte.

Holloway apoiou-se na cadeira, com uma grande sensação de alívio. Que pouco havia faltado para perdê-lo todo!

Em seguida foi chamado para prestar declarações o doutor Charles Spiller, médico assistente da senhora Holloway. Vinha muito bem abrigado, como se ainda não estivesse reposto da indisposição.

— Pelo que vejo — disse-lhe o promotor — não pode assistir à autópsia...

— É verdade. Estava doente.

— Porém conhecia bem o estado de saúde da senhora?

— Por certo.

— Ela sofria de alguma debilidade particular do corpo ou de espírito?

— Era uma pessoa de caráter excepcional... muito enérgico. Além disso, sofria há anos de uma enfermidade cardíaca. Restava-lhe pouco tempo de vida.

— Hum!... E ela sabia disso?

— Sim. Tive que dizê-lo à última vez que a visitei.

— Quando a visitou pela última vez?

— Dois dias antes de sua morte.

— Ah! — disse o promotor. — Foi portanto no dia anterior àquele em que chamou o advogado. Ao que parece ela acreditou que o senhor tinha razão. Alguma outra pessoa tinha conhecimento da gravidade de seu estado?

— Creio que não, exceto sua criada ou dama de companhia, miss Tangley. Era uma pessoa de caráter enérgico e lhe desagradava que a considerassem como inválida.

Holloway não duvidava de que as declarações dos outros médicos a que não tinha escutado por ter chegado tarde concordassem com a opinião de que sua esposa havia falecido de síncope cardíaca. Sua vaga inquietação desvaneceu-se. O caso se apresentava perfeitamente definido e lhe pareceu uma formalidade inútil, uma perda de tempo, convidar a depor a miss Tangley.

A apagada dama de companhia tinha em frente ao tribunal uma expressão de susto. Holloway sorriu pensando que sem dúvida a pobre mulher temia que lhe perguntassem a idade. O promotor começou a interrogá-la em tom suave e a mulher, tímido passarinho, decidiu-se a afastar o lenço dos olhos para ver melhor. As perguntas aborreceram Holloway até o momento em que ouviu pronunciar seu nome.

— A que atribuiu a intranquilidade que observou nesse dia na senhora?

— A estar esperando a visita do marido.

Holloway voltou a cabeça para dirigir um olhar severo aos curiosos que faziam vivos comentários em voz baixa.

— A senhora lhe disse que ele viria?

— Sim; e me disse também que ele estava pedindo dinheiro.

Holloway ficou indignado. Se os jornais reproduzissem semelhante declaração, o efeito nos seus negócios seria péssimo.

— Sabe se lhe deu dinheiro?

— Sei que se negou a dar-lhe, como me disse que o faria.

(CONTINUA NA PAG. 46)

PILSENER

Numa festa produz



UM PRODUTO DA

A. 601

ANTARCTICA

Pista
Sat

O relógio já bateu onze horas e com a guerra, os dias tornam-se maiores e cheios de "afazeres".

"Portanto troquemos nossos vestidos por confortáveis pijamas e camisolas e que sonhos de paz povoem o nosso sono."

Que esse conselho se estenda a você e que possa encontrar nessas adoráveis roupas de dormir, em rayon, lingerie, tecido de algodão, etc., sugestões para o seu enxoval de noiva ou para as suas camisolas de futuras mães.

São todos modelos interessantes que estas duas paginas proporcionam ao seu gosto e ao conforto de sua vida íntima.

Se o seu quarto de dormir é moderno, bonito, ale-



Vista-se bem para dormir

gre, cheio de vida e se nele impera a felicidade e o encanto, então fique tão bela para dormir, quanto o ambiente em que vai repouzar.

E, afinal de contas, se as coisas no seu ultimo dia não lhe correram muito bem, veja se por acaso não está influenciando para isso o desalinho em que você vai dormir.

Nestas duas ótimas páginas, Senhoras e Senhoritas, encontram sugestões magníficas, que dispensam esclarecimentos e comentários.

Cada modelo fala por si independentemente de maiores detalhes de exposição.

ALINE CAELI



A SAÍDA

(Continuação da página 45)

— Ouviu quando ela negou?
— Sim.
— Sim.
— Deu algum motivo para sua recusa?
— Sim. Disse que era por causa "dessa mulher".
— Suspeita de quem se tratava?
— A uma amante que o marido tem em Londres.
— Mencionou o nome?
— Nunca, desde que soube que ele não tardaria a abandonar-nos.
— Lembra-se das palavras exatas que ela pronunciou ao recusar o dinheiro?
— Ouvi-a dizer: "Nem um vintem meu irá para as mãos dessa mulher!"
Holloway escutava desorientado, aturdido.
— Está certa de ter ouvido essas palavras?
— Perfeitamente. Pouco depois a ouvi repetir: "é por causa dessa mulher."
Holloway tentou pôr-se repentinamente de pé e dizer alguma coisa acerca da esposa do pastor, porém as palavras se lhe afogavam na garganta e lembrando-se de que o pastor havia exibido o cheque, deixou-se cair na cadeira, vencido, impotente.
— Quando viu pela última vez ainda viva a senhora Holloway?
— Por volta das dez horas. Entrei no quarto, como de costume, para dar-lhe o remédio.
— Deu?
— Não. A senhora me disse que o sr. Holloway, que se achava a seu lado, acabava de dar-lhe. Pareciam estar na melhor harmonia. O sr. Holloway deu-lhe um beijo, como que se despedindo para ir dormir.
— A senhora viu o sr. Holloway dar o remédio?
— Eu o vi dando um remédio.
— Que quer dizer com isso de "um remédio"?
— Que não era igual ao que continha o frasco de remédio recetado pelo doutor Spiller.

— Como o percebeu?
— Porque nessa mesma tarde eu tinha ido procurar o doutor, para que me desse outro frasco do mesmo remédio e na manhã seguinte vi que a senhora não o tinha tomado, porque o frasco estava ainda sem abrir, tal como o levei.
— Havia outro frasco?
— Não, senhor; nenhum, exceto o que encontrei depois debaixo da cama.
— E esse frasco que achou, a senhora o havia usado ou o tinha visto antes?
— Não. Era um frascinho verde com um rótulo vermelho e o endereço dum farmacêutico de Londres.
Holloway não pôde conter um grito. Um medo indizível apoderou-se dele. Percebeu imediatamente os significados concordantes numa só integridade das diversas testemunhas e bruscamente levou a mão ao pescoço, como que para arrancar alguma coisa que o asfixiava. O pouco que se seguiu foi para ele como que um pesadelo. Vagamente se deu conta da presença de um homem baixinho, o farmacêutico de Londres, o qual declarava que havia vendido a droga e que mais tarde tinha notado que a receita era falsa. Ouvia as vozes como se chegassem de muito longe. Só um instante lhe pareceu que recobrava a lucidez e fez um esforço para se endireitar. O promotor dizia ao farmacêutico:
— Reconhece algum dos presentes a pessoa a quem vendeu a droga?
Holloway notou que o olhar da testemunha percorria maquinalmente a multidão de curiosos. Por fim seus olhos se encontraram. O outro levantou a mão e, assinalando com o indicador, disse acusadoramente:
— Foi este homem.
Um instante depois alguém o tomou por um braço. Pôs-se de pé e, cambaleando, quiz avançar. Uma voz grossa, hostil, ordenou-lhe:
— Por aqui!... Por aqui, a saída!
E o conduziu para uma saída da qual ninguém se havia aproximado. Uma porta de ferro abriu-se e voltou a fechar-se em seguida com ruído ressoante e seco, que despertou em sua memória certa curiosa recordação, mais viva ao notar que entrava num passadigo de paredes brancas, vagamente familiar. De repente, um explicação lhe iluminou o cérebro. Deleu-se, e em voz baixa murmurou para o homem que o acompanhava:
— Meu Deus! Como essa mulher devia odiar-me!
Mas alguns acreditam que nisto ele estava enganado.

Os birimbelos

(Continuação da página 7)

OSCAR — Não sei. Minha mulher me pediu assim. Birimbelos. Eu não entendo dessas coisas...
CAIXEIRA — Mas, afinal, o senhor sabe o que é? Para que serve?
OSCAR — É uma espécie de franja que ela está pregando à roda de uma toalha.
CAIXEIRA — Ah! Já sei. Faz o favor de esperar... Olhe, será isso? (Tapa a boca para não rir mais).
OSCAR — É isso mesmo. Dois metros, sim... Do azul...

III (Em casa, de novo. Oscar entra, à noite, e entrega o embrulho à mulher)

CELINA — (Retribuindo-lhe o beijo e sorrindo) Então, eu não disse? Comprou direitinho. Muito bem.
OSCAR — Pois fique sabendo que foi a última vez, ouviu? A última. Juro. Não ha mais pedido que sirva.
CELINA — Mas, que coisa de homem! Trouxe a encomenda como eu queria e ainda por cima se zanga.
OSCAR — Porque você não passou o que eu passei... As caixas se rindo, as freguesas cochichando e eu feito um maluco-na loja... Nunca mais!
CELINA — E porque tudo isso, Oscar? Não ensinei o balcão, não disse o que você devia fazer? Quer ver que trocou o balcão?
OSCAR — Nada disso.
CELINA — E então?
OSCAR — O que ninguém sabia lá era o que são birimbelos.
CELINA — Birimbelos? E você foi pedir birimbelos?
OSCAR — Você não me deu esse nome, Celina? (Imitando a voz da esposa) Peça dois metros destes "birimbelos". Eu cheguei lá, pedi...
CELINA — Mas... meu filho... Coitadinho! Birimbelos foi um modo meu de falar...

FIM

"ALMANAQUE EU SEI TUDO" PARA 1944

Circulará em todo o país em princípios de Dezembro próximo a grande edição do "ALMANAQUE EU SEI TUDO" para 1944.

Calendário e informações completas sobre o novo ano, de interesse geral, veem ao lado de outras matérias, inclusive conselhos práticos, notas úteis, etc.

Assuntos históricos, religiosos, novidades científicas, contos de aventura e sentimentais tomam muitas páginas do precioso livro.

Os agricultores, os aeronautas, os banqueiros, os militares de terra e mar, os bancários, os turistas, os amadores de rádio; toda a gente, enfim, das cidades e dos campos, terá no "ALMANAQUE EU SEI TUDO" um informante através de leitura agradávelíssima.

Trabalho feito para o homem e para a mulher, o "Livro dos mil assuntos", não obstante as dificuldades do momento, oferecerá aspecto agradável em quasi 300 páginas, muitas das quais primorosamente coloridas.

Poderá ser procurado em todas as livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço único de Cr\$ 8,00 por exemplar.

Pedidos por via postal pelo serviço de reembolso ou mediante vale do Correio à COMPANHIA EDITORA AMERICANA, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

A CONSTRUÇÃO DO MUNDO
por H.G. WELLS — Autor da HISTÓRIA UNIVERSAL

TRADUÇÃO DE MONTEIRO LOBATO

NESTE seu novo livro, Wells aborda os problemas do trabalho, da riqueza e da felicidade da humanidade. O grande historiador transforma-se em sociólogo profundo, para descrever e analisar o enorme esforço que o homem vem dispendendo no sentido de tornar a vida mais bela e digna de ser vivida. Como um professor amigo, ele nos aponta erros e indica caminhos. «A Construção do Mundo» é um livro que calará fundo no espírito dos homens do século XX. Ninguém poderá deixar de tomar conhecimento de uma obra que responde a esta pergunta angustiante: Quais são as causas que levaram o mundo à tremenda catástrofe com que nos defrontamos?

2 VOLUMES — BROCHURA \$40,00
Um Curso de Bom Senso e Sabedoria

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Para remessas para o interior, utilize o Serviço de Reembolso Postal — Livraria Civilização Brasileira, Rua 15 de Novembro, 144, São Paulo — Rua do Ouvidor, 94 — Rio de Janeiro

NOTICIÁRIO ELEGANTE

A pesar da chuva impertinente que nos tem visitado neste começo de primavera, com raríssimos intervalos de bom tempo, o espetáculo que tivemos a ventura de presenciar, no dia 16, em Santa Tereza, constituiu por certo um acontecimento de relevo. Referimo-nos à inauguração do Santa Tereza Piscina Clube.

O aristocrático bairro, encravado bem no centro da cidade, de ruazinhas limpas e esplendidas casas residenciais se abrindo para o mar que se estende lá em baixo no deslumbramento da Guanabara, ressentia-se, de há muito, da falta de um clube elegante, onde além de uma praça de esportes encontrassem os moradores de Santa Tereza uma sede para as suas festas sociais.

O Santa Tereza Piscina Clube, agora tão auspiciosamente inaugurado, está destinado a alcançar o mais completo êxito como centro social e desportivo.

Com a presença de grande número de convidados e do representante do prefeito, sr. Correia Pinto, iniciaram-se os festejos logo após a bênção da piscina por monsenhor José Maria da Rocha, vigário da Penha.

Diversas provas foram renhidamente disputadas entre elementos representativos de vários clubes, sob os aplausos dos presentes. A diretoria da Santa Tereza Piscina Clube ofereceu aos 1.º e 2.º colocados artísticas medalhas que foram entregues por Maria Lenk.

Terminada a competição os convidados dirigiram-se para o salão de festas, tendo a diretoria da novel entidade oferecido a todos uma taça de "champagne". Teve lugar em seguida a entrega, por parte de representantes do América, Fluminense e Vasco, das flamulas de seus clubes, servindo a oportunidade para ressaltar o espírito de camaradagem e compreensão que deve reinar entre os mesmos, finalizando assim a cerimônia de inauguração.

A noite no salão de festas realizou-se o baile inaugural do Santa Tereza Piscina Clube. A orquestra da Rádio Clube do Brasil constituiu uma nota de sucesso, muito concorrendo para o brilhantismo da festa. Iniciando-se às 22 e 30, prolongou-se o baile até às primeiras horas do dia seguinte, enquanto as largas janelas envidraçadas do salão, suspenso sobre o abismo, olhavam a cidade longe, extranhamente colorida pelo "neon" dos anúncios luminosos.

Damos uma reportagem fotografica, da inauguração do Santa Tereza Piscina Clube. Ao alto um aspecto da piscina, construída diretamente sobre o abismo, proporcionando aos sócios do elegante e moderno clube de Santa Tereza um cenário de rara beleza. A seguir, da esquerda para a direita: Senhoritas Gipzy e Magaly Santerri Ferreira e Helena Martins Costa; no flagrante seguinte a senhorita Maria José Madruga e Mme. Souza e Silva.

Em baixo um aspecto da solenidade de inauguração, quando discursava o sr. Lopes, vendo-se ainda o Sr. Correia Pinto, representante do Prefeito, a nadadora Maria Lenk e Mme. Lopes. Por ultimo um aspecto do baile realizado no Santa Tereza Piscina Clube, bastante concorrido apesar da chuva que se prolongou por toda a noite.

ANIVERSARIOS

Dia 30: — Senhoras: Nelina de Albuquerque e Joselina de Oliveira. Senhoritas: Elza Soter de Sliveira e Hilda Anet. Senhores: prof. Luiz Claudio Priamo; prof. Liberato Bitencourt; dr. Silvino Matos e dr. Manuel Armando Xavier Carneiro de Albuquerque.

Dia 31: — Senhora Dulce Estela de Araujo Bastos. Senhorita Dulce de Miranda Cordilha. Senhores: promotor Francisco de Paula Baldessarini e coronel Homero Maisonette.

Dia 1: — Senhora Rosa de Mendonça Lima. Senhoritas: Regina Maria de Figueiredo Brito e Anadir Medrado Dias. Senhores: general Constancio Deschamps Cavalcanti; comandante Sebastião Fernandes de Souza; tenente Manuel Laiza; dr. Otavio do Nascimento Brito e prof. Artur de Carvalho.

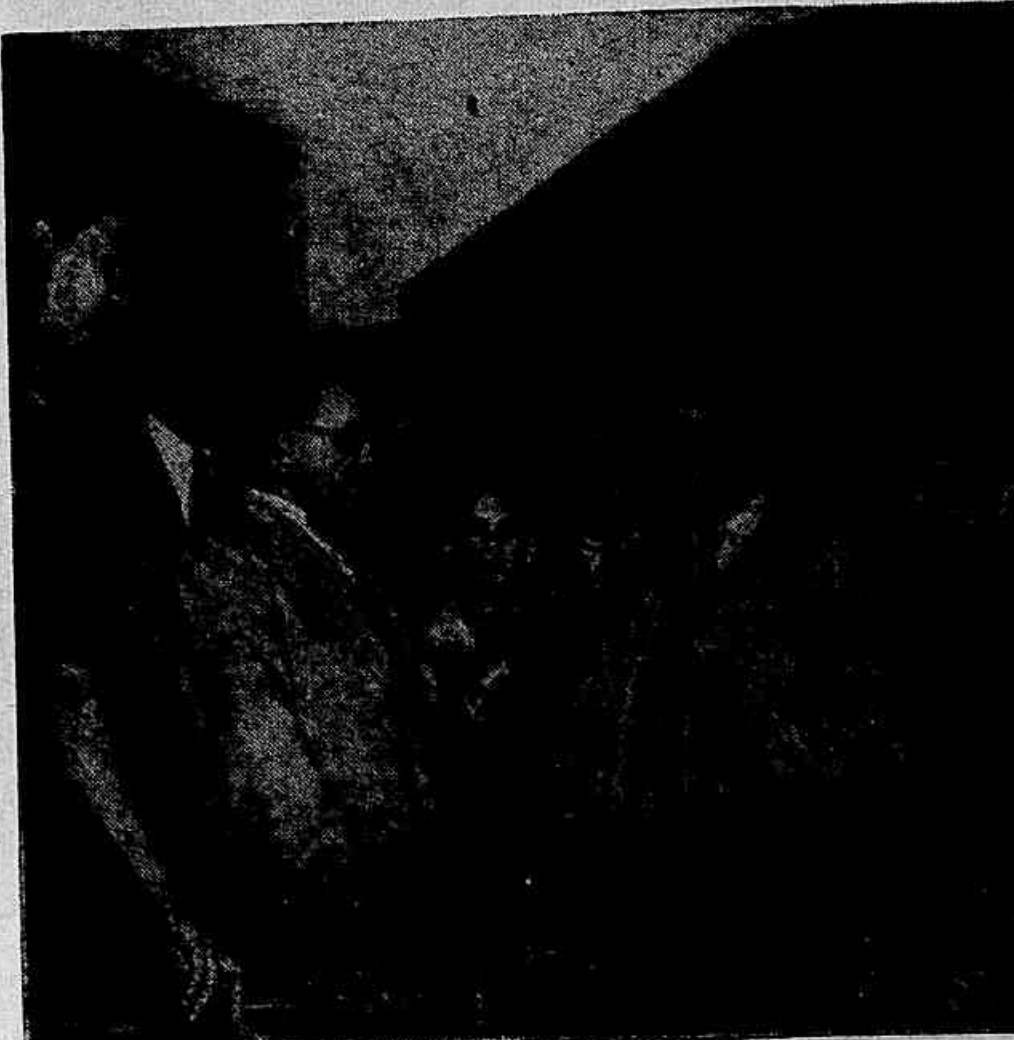
Dia 2: — Senhores Mario Magalhães e Alberto Vidal Barbosa.

Dia 3: — Senhora Leopoldina Barreto Plujanski. Senhores: dr. Castro Pinto; dr. Raul Lima e dr. Carlos Muniz.

Dia 4: — Senhora Marina Graupera Tavares. Senhorita Maria de Lourdes Viana. Senhores: capitão de mar e guerra Alfredo Carlos Soares Dutra; Carlos da Cunha Barbosa, nosso colega de imprensa, e Carlos Cardoso de Paiva.

Dia 5: — Senhoras: Hermelinda Romano Azevedo Milanez e Severina Pereira de Souza. Senhores: general Anor Teixeira dos Santos; cel. Dulcilio Espírito Santo Cardoso; dr. Agamenon Magalhães e dr. Almir de Andrade.

A piscina suspensa de SANTA TEREZA





De Walter Florell

Para a Primavera

Walter Florell é um nome tão conhecido hoje nos Estados Unidos como em todas as partes do mundo como símbolo de elegância e originalidade. Para a primavera — contrapondo notas de feminilidade às tendências simplistas e masculinizantes da guerra, ele criou, com absoluto sucesso, esses notáveis modelos que combinados com a fina joalheria de Van Cleef e Arpels formam, sem dúvida, conjuntos dignos de um registo especial pela harmonia e beleza.

AR CONDICIONADO

Grandes rosas, saindo dos laços de fita de veludo rosa nessa original palha furadinha completam-se admiravelmente com os brincos de diamantes e rubis.

ROMANCE EM "RUFFLES" ...

Em organdi com "pois" em tom mais escuro e pequenita copa em feltro, constitui talvez a mais graciosa das criações exclusivas de Florell.



PAIOL E PHINGUENHA

ESPUMAS

Vaporoso como o "champagne" é este modelo confeccionado em palha brilhante e filô em tom "champagne" rosado.

VALENTINE

O coração e a renda de Valentine inspiraram esse chapéu bordado com pequenina copa de feltro onde lacinhos de veludo negro e o clip de diamantes dão os últimos retoques de bom gosto.

DUQUESA

Pequena copa de palha brilhante orlada por fios do mesmo material que formam uma coroa reluzente. Véu negro preso por um ramo de diamantes.

"VIOLET"...

Foi assim que o próprio Florell denominou essa criação onde, na aba recortada com friso escuro, misturam-se violetas purpuras, brancas e violetas propriamente ditas. Um véu branco com "pois" purpurinos e... não é um encanto esse chapéu?





Uma Contam às Outras...

UMA senhora descobre um dentífrico de sabor tão delicioso que escovar os dentes se torna um verdadeiro prazer. Ao seu primeiro contacto com a língua, toda a boca se sente tomada de admirável frescor. Que é que ela faz? Naturalmente, usa-o todos os dias — depois de cada refeição, se possível. E conta às amigas sua descoberta. Isto é o que sucede diariamente com o Creme Dental Squibb em todo o mundo. Porque, na verdade, ajuda a limpar os dentes com prazer

e segurança. Pureza e eficácia estão em primeiro lugar na fabricação do Creme Dental Squibb. Passa por mais de 100 rigorosas provas, antes de ser posto à venda. Sua fórmula científica não contém nenhuma substância raspante, adstringente ou sabão — nada que prejudique o esmalte ou irrite as gengivas. Outro detalhe importantíssimo — o Creme Dental Squibb é feito com eficaz anti-ácido — Leite de Magnésia Squibb. Por que não experimenta hoje mesmo esse delicioso dentífrico?

Creme Dental Squibb

250

ESCOVA ANGLE SQUIBB

Recurvada em ângulo adequado para atingir por igual os interstícios e a superfície de TODOS os dentes. Fios da mais alta qualidade — eficientes — duráveis.



Quero bom trato!

TIMBORÓL

É o melhor e mais eficiente sabão veterinário, por conter todos os elementos ativos do timbó.

EVITA E COMBATE AS PULGAS, CARRAPATOS, SARNAS, ECZEMAS, FERIDAS, E, EM FIM, TODOS OS PARASITOS E DERMATOSES, ASSEGURANDO A HIGIENE E BELEZA DOS ANIMAIS.

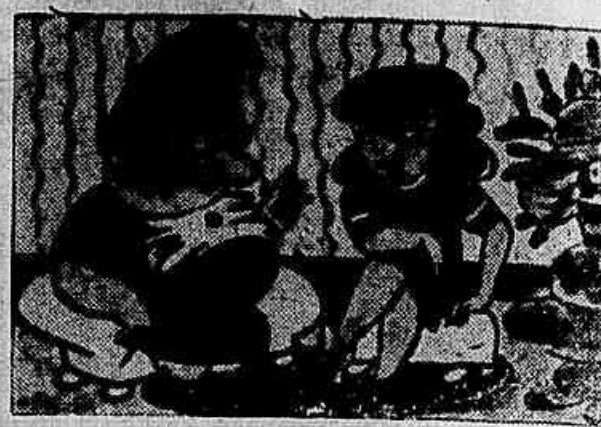
O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o território nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continua sendo Cr. \$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da República, constará na própria capa do número e que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o território nacional o preço da capa.

OUTROS RIRAM



— O marinheiro batiza seu filho. [1]



— Desengane-se minha filha: os homens preferem as moças ignorantes às ilustradas...

— Ora, qual! Nem todos têm de pensar como papai.



— Porque se alistou você?
— Porque sou solteiro e quis ver como era a guerra. E você?
— Porque sou casado e quis ver como era a paz.

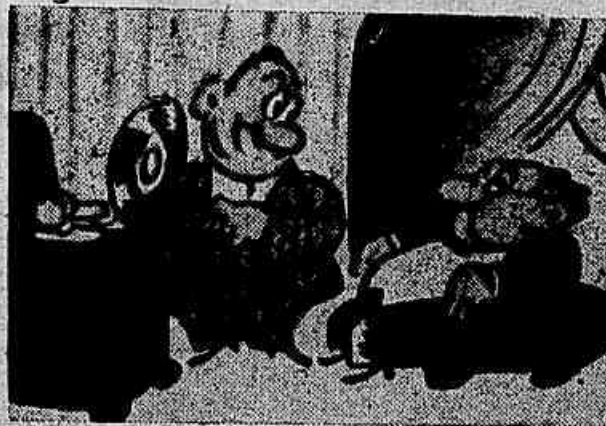


— Esta noite vi em sonho todos os meus credores.

— E foi bastante uma noite para isso?



— Em geral, minha amiga, nós é que não sabemos levar os maridos com jeito. Veja só o que à força de paciência, consegui fazer do meu!

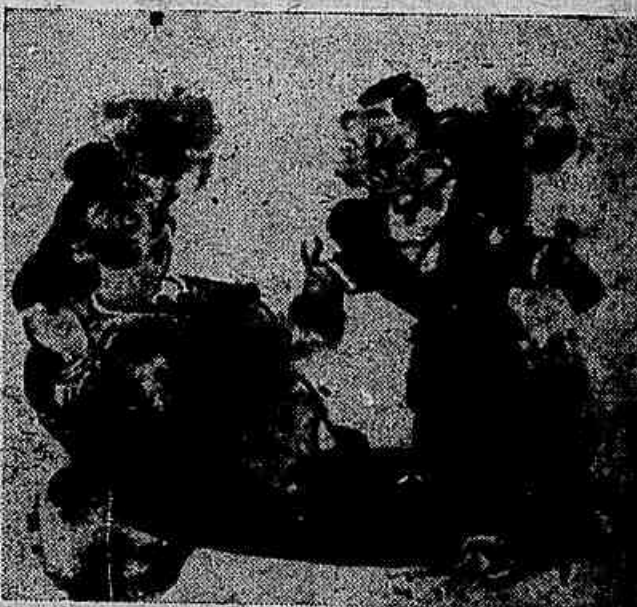


— Mandei gravar neste disco a voz de minha mulher.
— Para quê?
— Para ter a impressão de a poder fazer calar.



— O senhor juiz entende de música?

— Não, mas podem prendê-la sob a minha responsabilidade! [1]



— Será verdade o que esse teorista sustenta: que os homens vivem mais depressa que as mulheres?

— Oh, sem dúvida! Quando nos casamos minha mulher tinha mais cinco anos do que eu e agora tem menos oito.



— Coragem, amigo! Precisamos de encarar sempre as coisas pelo lado alegre.

— Perfeitamente! Mas poderá você dizer-me qual seja o lado alegre dumador de dentes?

Parada de Modelos

Constituiu um verdadeiro acontecimento social a apresentação de manequins vivos em lindos modelos de verão, que teve lugar nos dias 14 e 15 proximos passados, na filial de ETAM, á rua do Ouvidor n. 155.

A sociedade carioca representada pelas suas mais expressivas figuras, esteve presente a esse certame, cujo sucesso foi alem de qualquer expectativa.

Do grande acontecimento, são as fotografias, que ilustram esta nota, e nas quais vemos pessoas da nossa melhor sociedade e a consagrada *star* de Hollywood, ILONA MASSEY, quando assistia ao desfile de ETAM.

